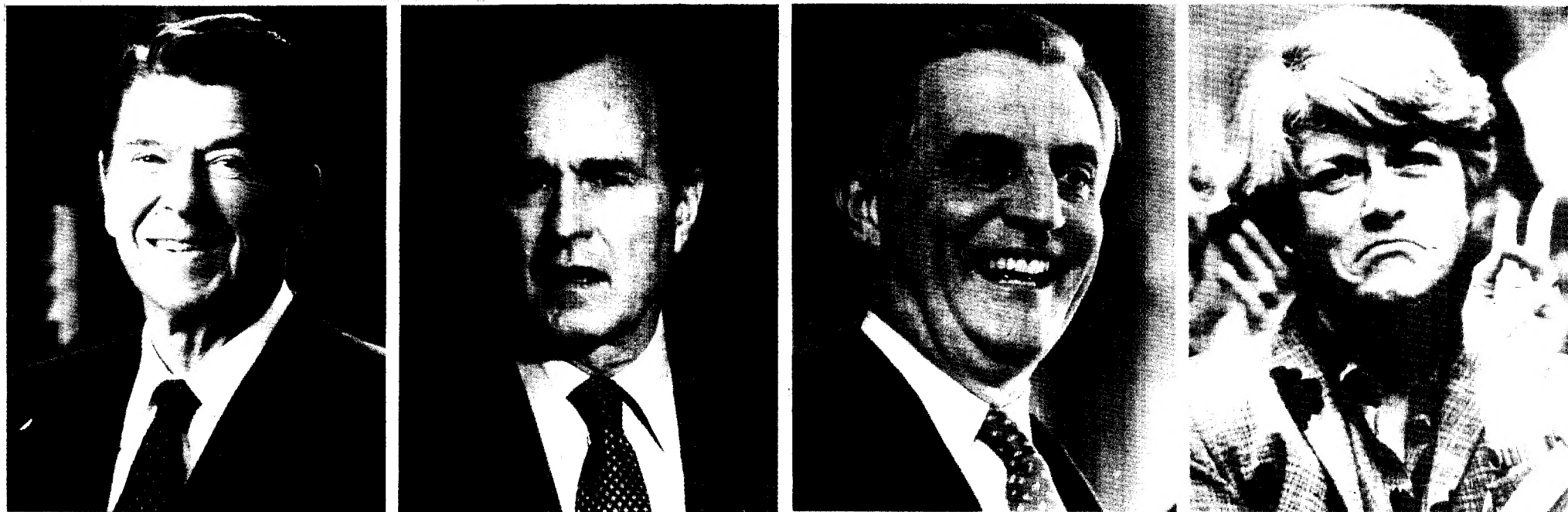


ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS



Candidatos em confronto: os republicanos Reagan e Bush contra os democratas Mondale e Ferraro

Enquanto Walter Mondale acredita numa "surpresa"

Meta de Ronald Reagan é a vitória em 49 Estados

Mais de 170 milhões de eleitores norte-americanos têm hoje a possibilidade de escolher entre dois candidatos à Presidência da República: Reagan e Mondale. Todas as sondagens são favoráveis a Reagan, que, embora esteja a perder pontos nos últimos dias, alimenta esperanças de ganhar em 49 dos 50 Estados. No lado demo-

crata, Mondale e os seus apoiantes contam — ou dizem contar — com a «grande surpresa», isto é, o desastre das sondagens em benefício da vitória do antigo vice-presidente de Carter. Em jogo está também parte do Senado, a totalidade da Câmara dos Representantes e cargos de governadores. Espera-se que ao fim de hoje sejam conhe-

cidos os resultados definitivos da grande maratona eleitoral. A meia-noite de hoje, pelas 5 de Lisboa, 30 eleitores da pequena localidade de Dixville, no New Hampshire, acorreram às urnas. Vinte e dois republicanos, três democratas e cinco independentes deram a vitória a Reagan por 29 contra um.

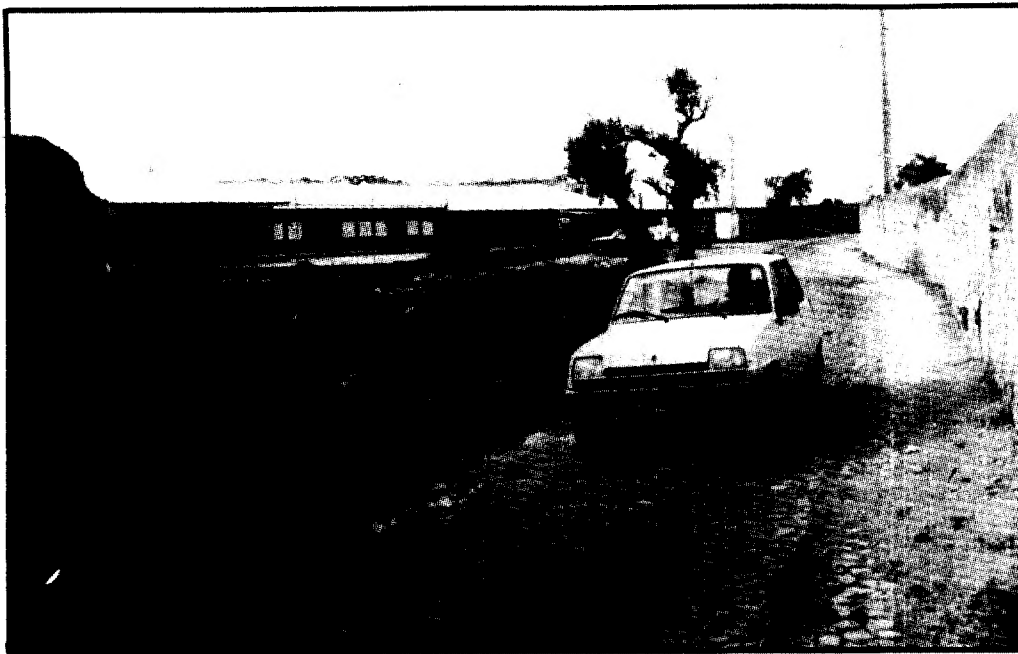
Págs. Centrais

Défice de 310 milhões em debate no Governo

A proposta de Orçamento Geral do Estado para 1985 e, particularmente, o montante do seu défice, cuja determinação tem provocado públicas discordâncias inter-governamentais, foi ontem discutida na reunião plenária que as discussões se centram numa estimativa de défice de 310 milhões de contos aceite pelo ministro das Finanças, Ernâni Lopes. Como vem sendo hábito, a fatia maior desse défice é imputável aos encargos com a dívida pública (juros e amortizações), e que na proposta de OGE/85, que está a ser ultimada para envio à Assembleia da República, sobem a 270 milhões de contos. A educação

foi atribuída uma verba de 116 milhões. Por ministérios, e segundo as informações saídas do Conselho de Ministros é a seguinte a distribuição das mais importantes fatias orçamentais:

Administração Interna — 84,7 milhões (57 para as autarquias e 27,7 para a GNR e a PSP); Indústria — sete milhões (três para o Gabinete da Área de Sines); Segurança Social — 10 milhões; Negócios Estrangeiros 7,7; Comércio e Turismo — 5,6; Mar — 5,6 milhões e mais 6,2 para investimentos; Equipamento Social — 14,3 e mais 45 milhões para Obras Públicas; Qualidade de Vida; 1,4 milhões.



Telheiras continua sem aulas A escola condicionada

A Escola Secundária de Telheiras continua sem aulas por decisão até agora mantida por professores, alunos e funcionários, consequência do atropelamento (mais um) de uma professora. Nem as

promessas ontem feitas pelo vereador do trânsito na Câmara de Lisboa, bastaram para desbloquear a situação e os acessos...

Pág. 9

Hoje: «DL-
Informática»

Uma novidade para os mais jovens

O «DL-Informática» de hoje dedica especial atenção ao terceiro Congresso Português de Informática que decorreu durante a passada semana em Lisboa. Mas a grande novidade do nosso suplemento está no anúncio de uma página periódica exclusivamente consagrada aos microcomputadores, e em especial a Spectrum. A partir do próximo número do «DL-Informática» estaremos assim em condições de dar o nosso contributo para o melhor aproveitamento destas máquinas que, mais do que brinquedos, podem ser um importante instrumento de formação.

Se os jovens pudessem...



VASCO MONTEIRO, ESTUDANTE
21 ANOS

“Solução: se não houvesse coligação...”

- O que estuda?
- Estou no 2.º ano de Contabilidade e Administração, no Instituto Superior de Contabilidade.
- Sabe quais as perspectivas de trabalho com esse curso?
- São razoáveis. Até é dos cursos em que é mais fácil arranjar emprego. É mais ou menos acessível.
- Como está este país?
- Numa situação económica difícil.
- Na sua opinião, devida a quê?
- A muitos factores, à gestão, aos recursos naturais que não são muitos.
- Como vê a política do presente Governo?
- Existe uma grande desorganização partidária dentro da coligação. Se não houvesse coligação poderia ser uma via para a resolução de alguns problemas.
- Quais os problemas que afectam mais o país?
- Os de ordem económica, social, cultural.
- Qual a sua opinião sobre o nosso nível cultural?
- É baixo. Há falta de estruturas a nível de ensino. Devia haver outro nível de ensino desde o primário. Deveria ser mais aprofundado. Tanto da parte dos alunos como dos professores deviam levar o ensino mais a sério.
- Como vê a classe dos professores?
- Alguns cumprem bem o seu lugar. Outros são uns baldas. A maioria está mais ou menos.
- O que faz para além de estudar?
- Nada.
- Como ocupa os tempos livres?
- Leio.
- O quê?
- Jornais, também ouço música ou jogo futebol.
- O que pensa do estado do desporto no nosso país?
- No aspecto geral está atrasado. O que está mais adiantado é o hóquei e o futebol.
- Como encara o futebol enquanto fenómeno social?
- Sou simpatizante, jogo, mas não gosto de fanatismos. Não gosto dos confrontos que existem entre clubes e árbitros.
- Que género de música houve?
- Rock.
- O que pensa do rock português?
- Está a implantar-se. Ultimamente têm aparecido uns grupos de música rock.
- Costuma ir a «boites»?
- Costumo, para passar um bocadinho de tempo que seja diferente das aulas, das cantinas.
- Costuma estar informado?
- Sim.
- Das últimas notícias nacionais qual lhe causou mais interesse?
- O caso da D. Branca. Havia muita gente envolvida e no final foi uma catástrofe.

Uma candidatura séria

As eleições presidenciais de 1985 ocupam já espaço nos jornais, dão ensejo a especulações, motivam debates no interior dos partidos. Estão na «ordem do dia». Embora não falte quem defenda a opinião de ser prematuro propor candidaturas ou sugerir candidatos. A publicação de sondagens criou uma expectativa. Há nomes que são já apontados como certos na corrida para Belém. Há quem admita a própria candidatura. Há quem nos proponha esperar por um acordo válido e quem anuncie para Janeiro, ou Abril, a tomada de decisão. É uma questão quente. E difícil.

Nuno Bragança, que promete regressar às colunas do «DL» com uma colaboração regular, entendeu que a devia iniciar com a sua declaração de voto. As páginas do «DL» ficam abertas a quem queira exprimir uma opinião clara, ou incertezas, ou dúvidas quanto às próximas eleições presidenciais.

Nuno Bragança

A entrevista de Maria de Lurdes Pintasilgo ao «Expresso» de 20 de Outubro de 1954 foi a primeira pedalada para a sua corrida a Belém. Uma pedalada séria como séria é a candidata. Séria não porque não saiba rir, mas sim porque sabe avaliar o peso humano das lágrimas alheias. E o povo trabalhador sentiu passar qualquer coisa de sério e positivo durante a governação de Pintasilgo.

Num contexto em que a descrença nos partidos se está a tornar em descrença na Democracia, com todos os riscos que tal descrença acarreta, uma candidatura extra-

partidária impõe-se. Não uma candidatura antipartidos (que seria antidemocrática) mas uma candidatura suprapartidária, apontando para um papel mais interventor do supremo chefe da Nação.

Ao escrever estas linhas sei do desafinar de notas da mal orquestrada coligação que nos governa, encabeçada por um homem que põe a sua ambição pessoal acima dos direitos da Nação. É por isso que me congratulo em ver Pintasilgo assumir uma responsabilidade que já lhe assenta como um dever. Alegria-me sempre que alguém assuma as suas responsabilidades,

porque tal assumir representa vigor vital e valor moral. — Duas qualidades que tendem mal-aventuradamente a escassear.

A habilidade da entrevista dada ao «Expresso» é desmontada na própria entrevista e pela própria entrevistada: ao fazer o elogio da presidência de Ramalho Eanes ela não se cola a este, mas dá sinal de que, se for eleita, aproveitará o que de positivo — e foi bastante — Eanes vem conseguindo, arbitrando um difícil desafio. E invoca valores nacionais e cosmopolitas que me souberam a ar fresco, matinal.

A candidatura de Pintasilgo apresenta ainda, para mim, um valor seguro: é a de um civil independente de disciplinas partidárias. E é a de alguém que a partidária não tocou — tal como não me tocou, a mim.

Penso que a eleição de um candidato partidário é má, e a de um militar inútil (será sempre com colagens partidárias).

Por isso, ao ler a entrevista de Pintasilgo (que fez esgotar o «Expresso» em tempo recorde) fiquei com a sensação de que, em 1985, quando das presidenciais, não votarei em branco.

Ainda Peniche: o que fazer com este Forte?

Fortaleza de Peniche —Museu da Resistência Antifascista

Salvador Amália

Entre as definições ou leituras da palavra Museu, sublinha-se: «Lugar ou edifício em que se estudam artes, ciências, etc.». Por isso, a meu ver, todas as prisões que foram destinadas aos Resistentes Antifascistas, durante o domínio terrorista de Salazar e Caetano, eram lugares de estudo, lições de patriotismo, de amor à Liberdade e à Democracia, onde homens e mulheres aprenderam — nessas horas de sofrimento — a conhecer melhor qual o seu papel de seres humanos dignos.

Nessa escola conhecemos lutadores de todas as condições sociais, que em menor ou maior escala, deram a sua contribuição para a queda do fascismo, para a conquista da Liberdade, nascida a 25 de Abril de 1974.

No Forte de Peniche, onde passámos longos anos presos, também guardamos recordações bonitas, amizades profundas, sinceras, que os anos cimentaram de forma indelével, pelo respeito, coerência e grandeza dos actos de coragem, firmeza de carácter e tudo mais que nos une, por essa coisa bela que se chama LIBERDADE!

Tudo isto é mais que suficiente para que o Forte de Peniche, ex-presidência fascista, dê passos mais firmes para ampliar o já existente Museu da Resistência Antifascista.

Assistimos ao descerramento de uma lápide na entrada desse Forte, quando da passagem do 10.º Aniversário do 25 de Abril. Ali estavam antigos presos — alguns deles com 21 e 17 anos de prisão —, presentes vários capitães de Abril, familiares que caminharam longos e difíceis anos para essa prisão e muito povo.

Essa jornada despertou grande interesse, as palavras aí pronunciadas avivaram nos presentes um passado doloroso, que deve ser iluminado no cérebro da nossa juventude e do nosso povo em geral, para que todos gritemos: FASCISMO NUNCA MAIS!

Foi mais uma lição nesse Museu da Resistência, que estimulou a Delegação de Setúbal da



URAP-União de Resistentes Antifascistas Portugueses — a organizar em Maio uma excursão-visita ao Forte de Peniche, onde foram recebidos pela presidente da Câmara e vários antifascistas da vila de Peniche.

Essas dezenas de visitantes consideraram-se mais fortalecidos, quer no campo político quer no terreno cultural, quando findaram a visita.

Dentro do Forte-prisão, um expresso servia de guia e, ao entrar na sala-prisão onde tinha estado, ia informando: aqui neste lugar estava um grande democrata e patriota, MANUEL RODRIGUES DA SILVA — 21 anos passados nas prisões fascistas —, neste outro lugar estava o JOSÉ VITORIANO — 17 anos de prisão — 12 dos quais passados neste Forte. Ali, estava o VASCO CABRAL, actual dirigente da Guiné-Bissau. Este desfiar prolongou-se conforme passávamos por outros lugares, designados por eles fascistas, depósito de presos.

Subimos aos andares de cima da cadeia. Ai, eram só celas. E apontávamos: nesta estava o ALVARO CUNHAL, esse irmão de luta que possui tanta inteligência

quanto modestia. É um símbolo grandioso da resistência. Depois, abeiramo-nos do terraço e dizíamos: daqui fugiu o Álvaro e seus companheiros, as cabeças incluíam-se para o lado da descida triunfal, então as bocas sorriam como se assistissem a esse inesquecível acontecimento.

Descemos a rampa, dirigimo-nos ao «redondo», era assim designado o segredo da cadeia (cela para castigos especiais), o «guia ex-preso», disse: daqui fugiu ANTÓNIO DIAS LOURENÇO, fuga, acima de tudo corajosa, própria do homem de aço que é o António. Olhava-se a altura, «sentia-se o mar a bater no fundo», pasmava-se pelo que é possível fazer-se para alcançar a Liberdade!

No meio da descrição que ia fazendo o «guia ex-preso», a sua voz perdia o som natural, pois um nó forte apertava a garganta, nos acompanhantes via-se deslizar pelas faces lágrimas teimosas ou rebeldes. Outra tarefa foi confiada a uma mulher, filha dum expresso, na altura uma jovem. Ela descrevia a luta que travavam com os carcereiros, da solidariedade, numa palavra no drama

das famílias.

Um Museu amplo SIM. Onde haja «mostras» de Caxias-Aljube e os seus famigerados curros — Angra do Heroísmo — Cadeias da PIDE do Porto com as suas tarimbais e «travesseiros de madeira — Tarrafal Campo da Morte Lenta — PIDE Central, tudo que retrate uma época tenebrosa na História da Liberdade em Portugal. Sim, façamos do Forte de Peniche um grande Museu Nacional, como símbolo contra a violência e a opressão, entreguem-lo aos nossos netos e às gerações vindouras, como baluarte pedagógico.

Com os quadros que se pintarão um dia, para ornamentar as paredes desse Forte, ex-depósito de presos políticos, aqui ficam estas pinceladas desajeitadas, confiando que os pintores antifascistas e democratas concretizem este desejo com a sua capacidade artística e criadora, pois essas telas faltam neste Museu. O mesmo se espera de outros artistas, poetas, escritores e artesãos.

A cultura, a Justiça e a nossa Pátria merecem este grandioso MUSEU DA RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA.

política de A a Z

O PS perante o novo partido, a coligação e a sucessão

UM comunicado emanado da Federação distrital socialista do Porto retira confiança política a dois militantes do Partido Socialista, portugueses conhecidos e que, na vida partidária, desempenharam responsabilidades políticas e de representação: Gomes Carneiro e Dias de Carvalho. Entre a decisão e a linguagem do comunicado, o leitor comum, não iniciado nos mistérios partidários, terá motivo para se surpreender. Duas expressões, alusivas e englobantes, visam o engajamento dos dois socialistas na movimentação política que, a partir de individualidades que se integraram nas estruturas da CNARPE, visam a constituição de uma organização política partidária.

O terem colaborado nesse esforço de organização de um novo partido político merece aos responsáveis do organismo socialista distrital duras palavras de censura e de condenação: «Destes não rezará a história por terem tido uma frustração, a incoerência personalizada e a instabilidade permanente...» E passam a ser: oportunistas, tais como «artistas de circo» se comportando, «pseudo-socialistas», «profissionais da demagogia».

Esta diatribe violenta que acompanha e pretende justificar a retirada de confiança política aos socialistas Dias de Carvalho e Gomes Carneiro, pode, evidentemente, ser interpretada como um sinal de força, e, igualmente, ser considerada como um sinal de alarmismo. Não vamos avaliar se à decisão se deverá atribuir o primeiro ou o segundo significado. Mas, não podemos deixar de estranhar a linguagem dura, excessiva, a recordar outro tempo e outro estilo. Desde já ficamos alertados: na opinião dos socialistas portugueses que falam em nome da Federação distrital estes dois heréticos, Gomes Carneiro e Dias de Carvalho, ligaram-se a um movimento contrário ao Partido Socialista, «arvoram(-se) em arautos e vendedores de promessas e ilusões, como profissionais da demagogia».

Mas não param aqui as dificuldades dos militantes socialistas confrontados com duas ameaças: a do movimento em organização e as consequências da coligação com o PSD, o desgaste governativo, o peso de uma aliança desfiguradora.

Dirigente socialista, deputado socialista, Carlos Lage, sob o fogo do interrogatório do jornalista Simões Ilharco, ressaltou que: «A prática política do Governo é condicionada pelas circunstâncias económicas e sociais em que nos encontramos». E confessou: «Reconheço, todavia que a originalidade e a identidade do PS não ressaltam da acção governativa» («Diário de Notícias», 31/10/84).

Traduzindo, em palavras menos rebuscadas, a posição defensiva de Carlos Lage: A política do Partido So-

cialista no Governo está condicionada pela crise económica e social, e não é uma política socialista, não é a contribuição dos socialistas para resolver a crise económica e social. É uma prática política de compromisso, ou mesmo de abandono dos princípios e de esquecimento do «programa» e das «promessas»; uma prática política na qual «a originalidade e a identidade do PS não ressaltam». A «acção governativa» (do Governo PS-PSD) não reflecte a orientação do PS. A política que deveria ser a do PS, com a respectiva «originalidade e identidade», com a diferenciação necessária para o eleitor distinguir um PS de um PSD — distinguir um partido que nasceu «socialista» (e marxista), de um partido que nasceu «popular democrático» (ou seja «populista»).

E a situação actual do Partido Socialista interveniente, e comprometido, numa governação que sofre a influência do Partido Social-Democrata e vai, sucessivamente, cedendo às pressões e exigências do vice-primeiro-ministro, é penosa para o socialista português Carlos Lage. Ele defende-se, das questões que lhe são colocadas e dos seus problemas de consciência, dizendo: «... a invocação da faceta antifascista é, para mim, um constante e inflexível compromisso na defesa do regime democrático. Por outro lado, não sou complacente perante o agudizar das desigualdades na sociedade portuguesa e o empobrecimento de algumas camadas da população.

São situações transitórias que o PS modificará, uma vez debelada a crise económica conjuntural do País».

«Situações transitórias» — admitimos que o sejam. Admitimos que a crise seja contida e vencida. Mas não vemos — e não vêm os militantes e eleitores socialistas — que a crise esteja a ser enfrentada com medidas que correspondam à «originalidade e identidade» do Partido Socialista. O vice-primeiro-ministro, no seu estilo inconfundível, vai afirmando: «É urgente modificar o sistema económico no sentido de uma nova liberalização e abertura à economia de mercado e, naturalmente, à iniciativa privada». Em relação à legislação laboral, vai insistindo: «É fundamental anular uma série de bloqueamentos nas leis de trabalho, na burocracia e em outros domínios que não incentivam o investimento».

Na «coligação», e nas sucessivas cedências ao «aliado», parece residir a verdadeira causa das dificuldades «socialistas». Ameaçado pela política de Governo que não reflecte «a originalidade e identidade do PS», ameaçado pela criação de um novo partido, o Partido Socialista, na aparência tranquila do seu viver partidário, vive um momento crítico.

Diz-se que Mário Soares, confiado na sua estrela, reduz esse «momento crítico» por duas operações: 1) a exaltação da denúncia e do combate ao novo partido; 2) a redução a competições pessoais da sua eventual sucessão na liderança partidária. São expedientes de tática. É jogo à defesa.

ponto a ponto



O colóquio sobre a obra de **Francisco José Tenreiro**, realizado em Setembro em S. Tomé pelo Ministério local da Educação e da Cultura, com a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, parece ainda não ter cessado os seus benéficos efeitos. Assim, as comunicações apresentadas vão ser recolhidas em volume, com um prefácio de Manuel Ferreira, da colecção Autores da Língua Portuguesa, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. E o Grupo de Estudos Africanos da Faculdade de Letras de Lisboa começou já as diligências para repetir em Lisboa o colóquio, desta vez alargado a um maior número de participantes, portugueses e são-tomenses.

O Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) homenageia hoje no Porto o professor **Nuno Grande**, no decorrer de um simpósio sobre «A Universidade na Regionalização da Saúde». A sessão de abertura desta homenagem é presidida pelo ministro da Saúde, na qual usará da palavra também antigos e actuais responsáveis pelo Instituto e o titular da pasta da Educação preside ao encerramento da cerimónia.



O Terceiro Governo Autónomo dos Açores toma posse na quinta-feira à tarde, em Ponta Delgada. O novo gabinete de **Mota Amaral**, cuja posse esteve pendente da publicação, no sábado, dos resultados das eleições regionais de 14 de Outubro, é empossado pelo ministro da República, general Conceição Silva. O Terceiro Executivo açoriano, cuja composição foi anunciada pelo PSD antes das eleições, integra um presidente, nove secretários regionais e um subsecretário. Além de Mota Amaral, transitam do segundo governo os secretários das Finanças, da Agricultura e Pescas e dos Assuntos Sociais.

O Governo português deverá decidir ainda esta semana se **Viorel Trifa** será ou não autorizado a ficar em Portugal — soube a ANOP de fonte oficial. Segundo o mesmo informador, a decisão sobre o destino de Trifa será tomada conjuntamente pelos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna. Entretanto, um porta-voz do Ministério da Administração Interna considerou, este fim-de-semana «inconsistente» a notícia de que Viorel Trifa será autorizado a ficar em Portugal, uma vez que já haveria um parecer nesse sentido pelo serviço de estrangeiros.



O presidente do Automóvel Clube de Portugal, **César Torres**, vai ser agraciado pelo Governo português com o Colar de Honra ao Mérito Desportivo, a mais alta condecoração desportiva nacional. A decisão foi anunciada ontem pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, durante um jantar oferecido a César Torres em São Bento, em que estiveram também presentes o secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, e destacadas figuras do automobilismo nacional. César Torres será distinguido pela sua actividade como dirigente desportivo nacional e internacional e pela sua acção determinante na realização em tempo recorde do Grande Prémio de Portugal em Fórmula 1.



O ministro da República presidirá quinta-feira, em representação do Presidente da República, à sessão de abertura da terceira legislatura do Parlamento da Madeira. Os líderes dos partidos com assento parlamentar reunidos ontem, no Funchal, com o presidente do Parlamento, Emanuel Rodrigues, decidiram que logo após a sessão de abertura seja eleita a nova mesa do Parlamento e apreciada a nova estrutura do Quarto Governo Regional. Esta sessão de trabalhos, incluirá ainda, a aprovação formal do regimento da Assembleia e a verificação da elegibilidade dos deputados.

É sensível a diferença que separa a qualidade de vida do Leste da do Ocidente

Ulpiano Nascimento

1. Não há muitos anos atrás foi criado em Portugal um ministério para cuidar dos problemas relacionados com o meio ambiente a qualidade de vida, onde parece que um dos seus primeiros titulares foi um monárquico, nascendo, assim, uma MIRAGEM como miragem era a sua monarquia.

Departamento lançado mais para dar satisfação a ambições políticas que se querem calar e/ou para se reduzir a exercícios de demagogia. Isso, tornou-se mais claro quando dele tomaram conta os socialistas, sociais-democratas e os chamados centristas, esses mesmos que, simultaneamente, no processo de recuperação capitalista, desferiram golpes contra o 25 de Abril, o projecto de vontade nacional, que podia oferecer terapêuticas de fundo para os males que afectam o meio ambiente e a qualidade de vida em Portugal.

Projecto combatido pelas forças conservadoras, detentoras dos privilégios ultrapassados, de poderes que querem manter, em choque frontal com o social e o nacional, promovendo a «iniciativa privada», para servir a sua

clientela, consagrando a maximização do lucro como o maior de todos os incentivos e a mola real do progresso, do seu progresso...

Entretanto, os nossos rios um após outro são vítimas de impiedosas poluições, assim como as nossas praias cheias de bento sol, os campos, o próprio mar da nossa ZEE⁽¹⁾, o ar, as cidades... o lixo de todo o género, material e moral, que se produz e prolifera fartamente na nossa sociedade, nas sociedades dos homens do mundo ocidental, principalmente, e nos países do Terceiro Mundo com recursos minerais e monoculturas.

2. Um rosário de desastres e calamidades, no espaço e no tempo, em nome do progresso, desenvolvendo descuidadamente variadíssimos efeitos, agravados à escala mundial com o crescimento da população, assim, num processo acumulativo, desde o século XVIII, com a Revolução Industrial e os seus múltiplos impactos: o automóvel, o avião, o petróleo e a indústria química; com a concentração industrial, o plástico, a energia nuclear, a automação, a electrónica, a informática, etc. e, naturalmente, por consequência, fazendo distan-

ciar, em termos de desenvolvimento, os continentes, regiões e países ricos dos continentes, regiões e países pobres.

É a concorrência descontrolada entre empresas soltas, entre monopólios, entre países, entre blocos de países; a mistura de governos com administrações de empresas e destas com governos; a redução de custos de produção, conquistas de mercados, o controlo de matérias-primas, de fontes energéticas e de preços; domínios e a exploração incontida, as monoculturas, a desertificação, a morte de espécies, o envenenamento de águas e da atmosfera; os subornos, corrupção, etc., etc. a todos os níveis.

É a sobreacumulação do capital produtivo em relação a certa fronteira comercial, são «stocks» invendáveis, falências, contracção do poder de compra, a dívida externa, a pobreza, droga, prostituição, fome, roubos e assaltos, desfalques, suicídios, a velhice esquecida, o terrorismo, guerras, etc. e, necessariamente, vexatórias e revoltantes diferenças sociais, as crises: económica e moral.

O progresso material registado nos dois últimos séculos, sob for-

te impulso dos incentivos capitalistas, sobretudo o lucro, motor do sistema, gerador de desigualdades e de domínios, perdeu de vista o homem e a sociedade dos homens num planeta limitado, que a partir de certa altura, por contradições internas e acumulação de defeitos, disformando o corpo da Humanidade e o tecido físico do planeta, pôs em risco o equilíbrio ecológico e social, a qualidade de vida e, pior ainda, a Paz no mundo e a própria vida deste.

Por exemplo, se uma fábrica polui o meio ambiente, quando labora os seus produtos, vendidos no mercado, a preço X, com o lucro Y, poderá perder o mercado, se tiver de custear dispositivo antipoluição, porque os preços dos seus produtos se agravarão com o custo adicional da instalação desse dispositivo (x+n) e o lucro baixará (y-n). Como o capital não pode viver sem lucro, a administração da fábrica terá de tomar sérias decisões e todos sabemos quais são essas decisões...

3. Por obrigação profissional, umas vezes, ou na qualidade de turista, outras vezes e, ultimamente, até como convidado, temos andado por esse mundo fora, vendo e sentindo a vida de

«gregos e troianos». Agora, por exemplo, fomos convidados a visitar a República Democrática Alemã, em representação da União dos Residentes Antifascistas Portugueses (URAP).

Chegámos a esse país através de um itinerário que nunca esperaríamos fosse tão rico em revelações, que nos permitisse comparar e avaliar, mais uma vez, situações tão diferentes e significativas por nós já colhidas noutras paragens, sobre níveis de desenvolvimento, comportamento social, qualidade de vida, etc., etc.

De Paris, onde estivemos alguns dias para recordar tempos idos, de Amesterdão, uns instantes para visitar uns amigos, voámos para Berlim. Primeiro, Berlim ocidental, uma cidade afogada em trânsito e tráfego, ruidosa, com cheiros suspensos que envolvem as pessoas, estas preocupadas, acotovelando-se nas ruas e praças. Não vimos parques, a não ser aquele que confinava com o Arco de Brandeburgo. A cidade foi literalmente ocupada por pesadas estruturas de cimento; nas ruas movem-se em várias direcções centenas de carros de todos os tipos e marcas. Riquíssimas casas comerciais exibem a

última moda e profusão de artigos para vender e os supermercados em pontos estratégicos funcionam em pleno para satisfazer um consumo exacerbado. A ostentação da riqueza e do poder coexistem com um tremendo desemprego e a crise; ali e acolá, à esquina da rua, a presença do álcool, da droga e da prostituição... afinal, aspectos comuns a outras grandes cidades do Ocidente.

Sabemos que na região do Rhur se desenvolve, de entre outras, uma das piores poluições: a chuva ácida, de acção corrosiva sobre as fachadas dos edifícios e monumentos, etc., resultado de descuidada concentração industrial.

Saltámos depois sobre Berlim leste, completamente diferente, que exibe um estilo de vida e uma ambiência calma e sadia, que convida o estrangeiro a descontraí-lo e a comunicar.

Nada de luxo provocador, de modas exóticas e de criações eróticas. Sente-se poder de compra na população, a qual diferentemente da outra Alemanha não sofre de crise económica; não há desemprego nem inflação. Os su-

Caldas da Rainha

A vida e a obra de Raul Proença

A exposição bibliográfica e documental dedicada a Raul Proença, integrada nas comemorações do 1.º Centenário do seu nascimento, estará aberta até ao próximo dia 25 de Novembro, nas salas do Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha.

As comemorações nas Caldas da Rainha, terra natal do escritor e homem político que foi um dos fundadores da revista «Seara

Nova», foram inauguradas com uma sessão solene presidida pelo Presidente da República e na qual discursaram, além do presidente da Câmara Municipal, os d. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian e António Coimbra Martins, ministro da Cultura.

As entidades organizadoras da exposição admitem repeti-la em Lisboa e noutros pontos do País.

Amigos da Serra da Estrela contra destruição do Vale do Zêzere

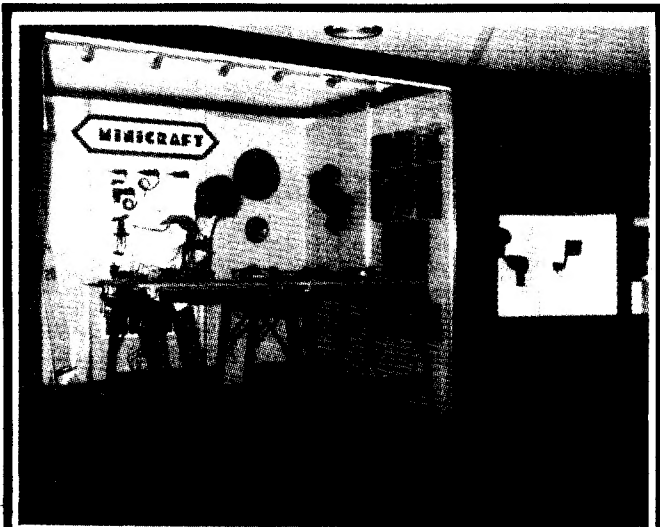
A Associação Cultural dos amigos da Serra da Estrela (ASE) decidiu promover uma campanha junto dos organismos oficiais com vista à «manutenção da identidade» do vale glacial do Zêzere, «cada vez mais adulterada e violentada».

A ASE considera urgente uma intervenção conjunta da Câmara Municipal de Manteigas, Parque Natural da Serra da Estrela e da Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela, no sentido de evitar que o Vale do Zêzere se venha a transformar numa «nova aberração como os bairros da lata das Penhas da Saúde e da Nave de Santo António da Argenteira»

— afirma num comunicado.

Preocupada com a inação e alheamento dos organismos responsáveis pela gestão cultural da região da serra da Estrela, a ASE vai levar a cabo uma acção sensibilizadora junto dos estabelecimentos de ensino e da população em geral com a distribuição de um autocollante alusivo ao tema da defesa e preservação do meio ambiente.

«A manter-se tal inércia, conclui aquela associação, a ASE não poderá, em consciência, deixar de acusar aqueles organismos e apontá-los como responsáveis pelo que possa vir a suceder no vale glacial do Zêzere.»



A BLACK & DECKER APRESENTA OS SEUS NOVOS PRODUTOS PARA 1985

A Black & Decker, líder no sector de ferramentas eléctricas para amadores, apresentou recentemente, durante uma semana, aos seus revendedores de todo o País os primeiros novos produtos para 1985.

Esta apresentação foi apoiada por demonstrações e audiovisuais que deram a todos os presentes uma panorâmica alargada dos produtos Black & Decker existentes no mercado português, bem como da sua eficácia e facilidade de manuseamento em todas as suas aplicações.

Entre os produtos apresentados podemos destacar a máquina de pintar PAINT-MATE, única e original, que é uma revolução no campo da pintura, e a linha MINICRAFT de miniferramentas eléctricas para construção de modelos, electrónica e mecânica de precisão, novidades que resultam da qualidade tecnológica patenteada pela Black & Decker e da sua determinação em desenvolver, conti-

nuamente, novos sectores de mercado.

Foi, também, anunciado o lançamento da nova gama ELU de máquinas profissionais para trabalhar madeira, resultado da recente aquisição pela Black & Decker daquele especializado fabricante, líder do mercado europeu há mais de 30 anos. Depois da recente compra do sector de pequenos electrodomésticos da General Electric por 300 milhões de dólares, a aquisição da ELU demonstra que, a par de grandes investimentos no sentido da diversificação, a Black & Decker investe também na especialização, continuando a expandir o sector de ferramentas eléctricas onde se mantém como o maior fabricante mundial.

O cuidado interesse posto pela Black & Decker nestes lançamentos é bem a prova da atenção que aquela marca internacional dedica ao mercado português.

Lisboa, 30.10.84

Outros condenados transferidos para o campo de S. Nicolau

Francisco Fragata aguarda em Luanda decisão do Presidente da R.P. A.

A secção portuguesa da organização Direito e Justiça, organismo consultor das Nações Unidas, entregou esta manhã na Embaixada de Angola um documento apelando ao presidente José Eduardo dos Santos para não permitir a execução de Francisco Fragata, acto que é qualificado como «bárbaro».

O movimento contra a aplicação da pena de morte a Fragata tem vindo a alargar-se sem que, no entanto, seja conhecida a data da execução da sentença decidida pelo Tribunal Popular Revolucionário contra os «kamanguistas».

O pai e a irmã de Fragata, que residem em Portugal e têm a nacionalidade portuguesa, enviaram um pedido de clemência a José Eduardo dos Santos, o único com possibilidades de evitar o fuzilamento de Fragata.

Por outro lado, um grupo de amigos e desportistas têm-se desmultiplicado em contactos com várias personalidades em muitos países, solicitando inter-

venção neste caso. Não se conhecem ainda nenhuma reacção dos contactados.

No entanto, de Luanda soube-se que ontem, numa conferência de imprensa, o dr. Manuel Rui Monteiro, que no processo foi representante da DIAMANG, teve ontem considerações infelizes sobre o movimento para salvar a vida de Francisco Fragata.

Falando numa conferência de imprensa convocada por Roberto de Almeida, secretário do Comité Central do MPLA, Monteiro afirmou: «Surpreende-nos que hajam portugueses que, vivendo num país onde têm tantos meios para se divertirem, desde cinemas a teatros e boîtes, tenham resolvido divertir-se com Angola, quando os angolanos, que não têm esses meios de se divertir, nunca se divertiram com Portugal».

Esta espantosa declaração acabou depois por ser matizada pelo responsável do MPLA Roberto de Almeida, que considerou naturais os pedidos de clemência, nomeadamente quando está

em causa uma pena de morte, que eles devem ser considerados na medida do possível. Isto, disse, desde que sejam formulados com correcção e respeito pela soberania de um país independente.

Nas suas declarações, Roberto de Almeida procurou chamar a atenção da opinião pública para as consequências da actividade dos «kamanguistas» na situação económica angolana. Recordou, nomeadamente, que o valor do tráfico dos diamantes atingiu verbas que representam 30 por cento das quantias despendidas anualmente pela RPA na importação de géneros para a alimentação.

Roberto de Almeida afirmou que a rede de traficantes tinha mentores que ainda estão ocultos e que era poderosamente financiada, nomeadamente por dois bancos portugueses — o Borges e Irmão e a União de Bancos.

Francisco Fragata é hoje um homem só à espera da morte, ou da clemência de José Eduardo dos Santos. Está isolado na ca-

deia de Luanda aguardando a decisão confirmativa do Tribunal de Apelação e depois a última palavra do presidente da RPA. Todos os outros acusados no processo que se encontravam detidos com ele e que sofreram pesadas penas de prisão, foram transferidos para o antigo campo de concentração de S. Nicolau, actualmente denominado de Bentiaba.

Entretanto, em Cabo Verde, um funcionário da Embaixada americana que antes esteve colocado em Luanda, Júlio Correia Correia, afirmou que Fragata nunca trabalhou para a Embaixada dos EUA.

«Eu conhecia pessoalmente Francisco Fragata, que ficou com o meu apartamento em Luanda. Mas ele nunca trabalhou para o consulado americano, pelo menos até fins de 1976, nem dele recebeu qualquer remuneração», disse.

Júlio Correia afirmou-se disposto a ir a Luanda testemunhar isto mesmo perante as autoridades angolanas.

Eleva-se a 500 o número de presos por tráfico ilegal de diamantes

Cerca de quinhentas pessoas estão actualmente presas em Angola por tráfico ilícito de diamantes, revelou o secretário do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho para a esfera ideológica, Roberto de Almeida.

Falando numa conferência de imprensa, Roberto de Almeida acrescentou que no decorrer do «Processo dos 105» várias pessoas foram detidas no aeroporto de Luanda quando tentavam sair para o estrangeiro com diamantes, pelo que também serão submetidas a julgamento.

Os pedidos de clemência nunca podem ser feitos como exigência, afirmou Roberto de Almeida, ao referir-se aos pedidos de comutação da condenação à morte de Francisco Carlos Augusto Fragata.

«Uma revolução só pode triunfar se definir claramente os seus objectivos, se mobilizar todo o

povo para a materialização dos mesmos e se se armar moral, ideológica e materialmente para defender as conquistas que for alcançando», sublinhou o secretário do Comité Central para a esfera ideológica.

Roberto de Almeida afirmou que o tráfico de diamantes se dotou em 1978 e 1979 de uma organização importante, a qual representava já «um perigo para a economia nacional pelos apoios da banca internacional, pelos conhecimentos do país que possuíam os seus membros e, principalmente, pelos meios rápidos que utilizavam».

Continuando a historiar a actividade dos réus implicados no chamado «Processo Kamanga», afirmou que o tráfico registou um incremento nos anos de 1980, 1981 e 1982, o que deu origem a abertura do «Diamante Club de Portugal», que «em termos de or-

ganização passa a controlar o mercado de diamantes».

Roberto de Almeida afirmou ter-se verificado, simultaneamente, «movimentação no campo legislativo português, com a finalidade de descriminalizar o tráfico de diamantes naquele país, o que constituiria poderosa alavanca para o incremento do tráfico ilícito de diamantes provenientes de Angola».

Uma fonte oficiosa portuguesa disse à ANOP não se compreender a referência de Roberto de Almeida a legislação visando descriminalizar o tráfico de diamantes em Portugal, uma vez que se verificou justamente uma evolução em sentido inverso.

«Dado que a legislação publicada após a independência de Angola não tipificava suficientemente o crime de tráfico ilícito de diamantes, o que levava os tribunais a absolverem os réus, a As-

sembleia da República aprovou um projecto de lei destinado a permitir uma repressão mais efectiva do contrabando», afirmou a mesma fonte, embora reconhecendo que o controlo nas alfândegas portuguesas tem sido insuficiente, tal como acontecia, até há pouco, também nas alfândegas angolanas.

Ao referir os prejuízos causados à economia de Angola pelo tráfico de diamantes, Roberto de Almeida afirmou que as indemnizações pedidas pela Companhia dos Diamantes de Angola correspondem a um terço das importações previstas para 1984.

Roberto de Almeida referiu ainda que as redes de tráfico de diamantes se estendiam também ao Zaire e afirmou que os diamantes entrados em Portugal transitavam para a Bélgica e os Estados Unidos.

OGE devia prever fundos para cooperação com África

— defende Luís Fontoura

O Estado português devia «consignar no seu orçamento geral uma verba que preveja os programas de ajuda e assistência inscritos na política de cooperação», afirmou o antigo secretário de Estado da Cooperação. Luís Fontoura, na abertura dos trabalhos do seminário promovido pelo Instituto de Defesa Nacional, para abordar formas de cooperação com os novos países de língua oficial portuguesa, a decorrer em Lisboa até ao próximo dia 9.

Para Luís Fontoura, a consignação de uma verba no «OGE» visaria «equacionar de uma melhor forma os projectos de cooperação» havendo ainda a necessidade de Portugal «reflectir profunda e descomprometidamente na política de cooperação que deseja».

Defendendo que actualmente a ordem económica internacio-

nal tem «novos matizes», diferentes das verificadas após a Segunda Guerra Mundial, Fontoura disse ser hoje «cada vez maior o fosso que separa o Terceiro Mundo dos países industrializados», evidenciando que a dívida externa dos países africanos é hoje de 810 milhões de dólares, quando em 1970 o montante da dívida ascendia apenas a 70 milhões de dólares.

O antigo secretário de Estado da Cooperação considerou, por outro lado, que a «comunidade internacional tem hoje na cooperação uma das suas componentes essenciais», adiantando que «Portugal tem ao seu dispor a oportunidade de ajudar esses países».

«Trata-se de países novos que interessa ajudar a reconstruir e a desenvolver, até porque temos laços históricos comuns e falamos o mesmo idioma», afirmou.

Luís Fontoura declarou que, dadas as actuais dificuldades financeiras do Estado Português, «a cooperação com os países de expressão oficial portuguesa pode ser feita socorrendo-se os projectos da participação de terceiros países ou instituições financeiras internacionais (Banco Mundial, Fundos Arabes, CEE, etc.) sem que, contudo, Portugal seja despojado do papel relevante que deve assumir».

Finalmente, Fontoura teceu críticas ao que considera «menosprezo pelas representações diplomáticas nacionais noutros países» e defendeu que o actual Governo e os que se seguirem «devem assegurar àquelas representações diplomáticas, os meios necessários para poderem responder às solicitações que lhes foram feitas no âmbito da política de cooperação desejada pelo Estado português».

Candidatura

Soares

Mais um «não»

do PSD

«O actual Primeiro-Ministro não terá o apoio do PSD do distrito na candidatura às Presidenciais!», a frase, pronunciada ontem pelo presidente da Comissão Política distrital do PSD/Viseu, revela bem as resistências existentes no seio do PSD em relação a um eventual apoio dos socialistas democratas à candidatura de Mário Soares a Belém.

Para Luís Martins, a posição já assumida pela Assembleia Distrital do PSD não deixa margem a dúvidas: «Não apoiar nunca, em quaisquer circunstâncias, uma candidatura às Presidenciais de personalidade que pertença a outro partido».

Luís Martins, que para além de presidente da Comissão Política distrital do PSD/Viseu também é deputado pelo círculo de Viseu, afirmou ainda não excluir, nas próximas eleições autárquicas, «a hipótese do PSD do distrito vir a formar coligação com o CDS ou mesmo com os partidos da AD».

DOSSIER IMPOSTOS IV

Imposto profissional: a chave da expoliação

«Os rendimentos do trabalho são os únicos que em Portugal estão sujeitos a dois impostos progressivos: o Profissional e o Complementar.»

«Como consequência da política que não foi corrigida, antes tem vindo a ser reforçada cada vez mais, de agravamento implícito das taxas do Imposto Profissional, por falta de actualização dos respectivos escalões, em simultaneidade com um parcial alívio do Imposto Complementar, resulta que nos últimos anos todos os outros rendimentos vêm sendo desagravados — ainda que tenuemente — enquanto os sujeitos ao Imposto Profissional vão sendo, todos os anos e cada vez mais, penalizados. Esta é uma nota da viciação do sistema que o legislador deveria ter presente desde já, e sempre, no seu espírito.»

«Além disso, o efeito cego da inflação sobre estes impostos e a descoordenação sistemática entre os ajustamentos de escalões nos impostos Profissional e Complementar, verificada desde 1981, introduz na evolução das cargas fiscais factores de desequilíbrio de que, estamos convencidos, nem os seus autores têm consciência. É por isso que alguns responsáveis anunciam aligeiramentos da carga fiscal que, depois, não se verificam. Pelo contrário.»

«O efeito do agravamento emergente da progressividade, conjugada com a inflação, poupa ao legislador a impopularidade que decorre de agravar as taxas de forma explícita. Tal como se encontra regulamentado o Imposto Profissional, a simples passividade legislativa significa que as taxas estão incessantemente a subir. Está longe de ser casual o facto de há cinco anos a taxa de 22% se aplicar a rendimentos do trabalho superiores a 1350 contos. Sem custos políticos excessivos, no curto prazo, os rendimentos são cada vez mais penalizados.»

Este texto — transcrição literal de um extracto da comunicação que o dr. Medina Carreira tem apresentado a inúmeros auditórios pelo país fora, na sua campanha rigorosa, séria e empenhada por mudanças radicais da política fiscal — traça um retrato do que tem acontecido aos trabalhadores por conta de outrem nos últimos anos.

A política económica global, de desbaste nos salários pela escalada dos preços e pelo controlo, em níveis apertados e sempre inferiores à inflação, dos aumentos salariais, já reduzia o nível de vida dos que têm como única fonte de rendimento o seu

As soluções do Governo

Em 1984		1985	
Escalões (contos)	Taxas	Escalões (contos)	Taxas
Até 250	2%	Até 310	2%
Até 300	4%	Até 370	4%
Até 350	6%	Até 440	6%
Até 450	8%	Até 560	8%
Até 600	10%	Até 750	10%
Até 750	12%	Até 930	12%
Até 900	14%	Até 1120	14%
Até 1050	16%	Até 1310	16%
Até 1200	18%	Até 1500	18%
Até 1350	20%	Até 1680	20%
Sup. 1350	22%	Até 1680	22%

Taxas e escalões em 1984 e no Orçamento para 1985

trabalho por conta de outrem; essa política foi ainda completada pelo cerco dos impostos em que avulta o Imposto Profissional e o seu prolongamento, o Imposto Complementar.

«A política fiscal de 1983 saldou-se, por isso, no plano legal, pela oneração dos rendimentos mais baixos e pela desoneração dos mais altos. E, no plano dos factos, pelo agravamento efectivo da quase totalidade dos rendimentos do trabalho, uma vez que deve ser muito

reduzido o número de contribuintes que auferiu, em 1983, rendimentos superiores a cerca de 4000 contos.» — conclui Medina Carreira.

Trabalho e capital

O contributo dos rendimentos do trabalho para as receitas do Sector Público Administrativo era em 1970 de 26,99 por cento, enquanto o contributo dos rendimentos do capital se situava 14 pontos abaixo: 12,48.

Passados 12 anos, portanto em 1982, o contributo dos rendimentos do trabalho subira a quase 40 por cento (39,23) enquanto o contributo do capital era praticamente idêntico, alcançando, apenas, 13,31.

Ou seja: os capitalistas subiram menos de um ponto a sua contribuição para o funcionamento da máquina do Estado, enquanto os trabalhadores contribuem hoje com mais 23,5 por cento!

Quase tudo isto pelo jogo das tabelas dos impostos Profissional e Complementar e da certeza do Estado em caçar estes rendimentos na fonte (com algumas fugas possíveis, mas difíceis, no Imposto Complementar) enquanto os impostos sobre o capital escapam cada vez mais das malhas fiscais.

Este é um terreno em que nem são necessárias muitas palavras e em que os números falam por si. Alguns exemplos simples completam esta informação sobre a espoliação a que são sujeitos os trabalhadores por conta de outrem nos impostos directos, principalmente através do Imposto Complementar:

Com a entrada em vigor da nova tabela que o Governo pretende inserir no OGE/85, a maioria dos trabalhadores será atingida por um Imposto Profissional muito mais elevado, pois a actualização de escalões mais baixos entre 84 e 85 ronda os 24 por cento quando os preços sobem 30 por cento. Isto quer dizer que quem ganhava 225 contos/ano pagou 4%, ou seja, nove contos, e em 1985 passa a pagar um pouco mais de 37 contos, nada menos de quatro vezes mais.

O economista Eugénio Rosa dá uma dimensão ainda mais

significativa à imoralidade do Imposto Profissional, recuando no tempo, a 1975, para apontar um exemplo do trabalhador corrente que recebia há dez anos 75 contos de salário anuais:

«Com este rendimento, quanto pagou de Imposto Profissional em 1975? — pergunta Eugénio Rosa.

«Como a taxa que se aplicava a tal rendimento, era de 1%, o imposto pago por aquele trabalhador foi apenas de 750\$00.»

«Suponhamos agora que o salário deste trabalhador aumentou, entre 1975 e 1984, tanto como a subida verificada nos preços. Para ter, em 1984, o mesmo poder de compra que tinha em 1975, teria de receber, agora, 477.000\$00.»

«E quanto teria agora de pagar de Imposto Profissional?»

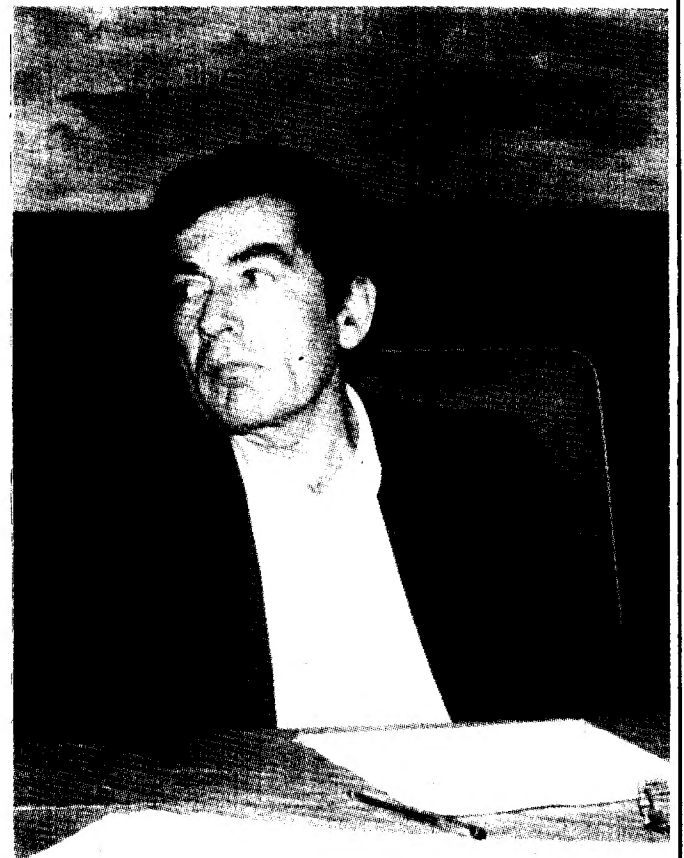
«Segundo a tabela que está actualmente em vigor 47.700\$00, ou seja, mais 626% do que pagou de Imposto Profissional em 1975. Segundo a tabela que consta de Proposta de Lei de Orçamento do Estado para 1985, que foi já publicada em vários jornais diários, teria de pagar de Imposto Profissional 38.100\$00, ou seja, mais 498,8% do que pagou em 1975.»

«O aumento do Imposto Profissional quer seja de 62 vezes (segundo a tabela que está actualmente em vigor) quer seja de 50 vezes (segundo a tabela proposta pelo governo para 1985), é sempre um aumento não só escandaloso como imoral.»

Aquele economista reforçou a sua conclusão com o seguinte: «A imoralidade ainda se torna maior se se tiver presente:

— que a esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses está compreendida no grupo de rendimentos até 477.000\$00, já que tal rendimento corresponde a um salário médio mensal de 34.000\$00.»

— que entre 1975 e 1984 a subida média verificada nos salários foi apenas de 356% quando os preços aumentaram, segundo o próprio INE, 536%, o que determinou que os salários ilíquidos, isto é, antes de sofrerem quaisquer deduções para pagar impostos e descontos, tenham sofrido uma diminuição no seu poder de compra calculada em mais de 28%»



Eugénio Rosa: «Uma imoralidade!»

Vem aí o IVA

Um novo período no relacionamento entre a Administração Pública e os contribuintes será inaugurado com a introdução do IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) no nosso país, afirmou o técnico Arlindo Correia, do núcleo do IVA do Ministério das Finanças.

Falando num colóquio promovido pela Associação Industrial Portuguesa, o conferencista afirmou que enquanto o Imposto de Transacções (um dos impostos que o IVA vem substituir) não permite ao Estado saber qual o montante da dívida dos contribuintes faltosos, o IVA permiti-lo-á com mais simplicidade.

O IVA nada tem a ver com a determinação dos valores acrescentados, sublinhou o conferencista, que justificou esta asserção no facto de serem previstas várias taxas (o que discriminará a sua incidência em função de outros critérios que não o do montante do valor acrescentado, como a posição do agente económico no circuito de produção ou o valor da transacção).

O IVA absorverá, além do Imposto de Transacções, impostos como o de Turismo, o Ferrovário, as contribuições sobre a exploração de bares, de «dancings», o selo automóvel, o imposto sobre a publicidade, o selo de leilões e contratos de «leasing», o selo de especialidades farmacêuticas e o imposto sobre a venda de veículos automóveis, que deverá, no entanto, ser compensado por outro tipo de contribuição.

O IVA passará a incidir sobre o tabaco mas sem que se façam sentir alterações do preço deste produto.

Por outro lado, obrigará à criação de impostos novos como um imposto sobre as bebidas alcoólicas, em particular as de origem estrangeira.

Segundo outro conferencista, o dr. Amaral Tomás, também do núcleo do IVA, este caracteriza-se, fundamentalmente, por obrigar o contribuinte a pagar uma parcela do imposto que onera o produto final, impedindo, assim, que o último elo da cadeia produtiva antes do consumo, que muitas vezes não possui aparelho de liquidação, se venha a esquecer de o fazer, comprometendo num só acto toda a receita em causa.

Por outro lado a técnica deste imposto, caracteriza-se pelo facto de a sua base ser variável (ao contrário da base fixa sobre que assenta o Imposto de Transacções) e de abstrair das relações internas da empresa (não contando o senão, com os fluxos entre a empresa e o meio envolvente).

Assim, o agente, num determinado período, terá de liquidar o imposto sobre montante que adquiriu e logo a seguir liquidará sobre o montante do que vendeu cabendo-lhe entregar ao Estado o diferencial.

Em certos casos, o IVA poderá aumentar o fundo de maneio das empresas devido à redução do prazo da entrega da respectiva declaração para dois meses.

Imposto único penaliza ainda mais o trabalho

O imposto único sobre o rendimento, que tem sido defendido nos últimos tempos em Portugal e que, inclusive, tem empossado uma comissão para estudar a viabilidade e o modo da sua aplicação, agravará sobretudo a tributação do factor trabalho.

Esta é, pelo menos, a opinião de um especialista, o dr. Raul Esteves que em comunicação ao Seminário sobre Política Fiscal da CGTP garantiu que a introdução do imposto único sobre o rendimento agravará a taxa de

desemprego e afectará a capacidade concorrencial das nossas exportações pois aumentará o preço do factor trabalho nas incorporações reflectindo-se sensivelmente no preço final.

Segundo Raul Esteves, este imposto levará a uma progressiva substituição da força de trabalho por equipamento desajustado à estrutura da nossa economia impondo uma «modernização» acelerada e dificilmente absorvida na estrutura económica portuguesa.

Duas propostas para discussão

Rendimentos colectáveis anuais	%
Até 300 000\$00 (isento de imposto)	-
Até 450 000\$00	2
Até 600 000\$00	4
Até 1 200 000\$00	6
Até 1 800 000\$00	8
Até 2 400 000\$00	10
Até 3 000 000\$00	12
Até 3 600 000\$00	14
Até 4 200 000\$00	16
Até 4 800 000\$00	18
Até 5 400 000\$00	20
Superior a 5 400 000\$00	22

Até 450	2%
Até 600	4%
Até 750	6%
Até 950	8%
Até 1 200	10%
Até 1 500	12%
Até 1 900	14%
Até 2 400	16%
Até 2 900	18%
Até 3 400	20%
Sup. 3 400	22%

Duas propostas de tabelas e taxas do imposto profissional tornadas públicas em alternativa à contida no Orçamento. São seus autores Medina Carreira (a primeira) e CGTP

Inhaminga: história de portugueses

O filho do «Oliveira das Barbas Curtas», quatro anos, teria, certamente, muito que contar, se soubesse falar português, depois de passar três dias na mata, quando de um ataque da Renamo à vila de Inhaminga. O problema é que este portuguêsinho loiro e de olhos azuis fala apenas senna, um dialecto moçambicano.

Foi a segunda vez em 1984 que se refugiou com os pais na mata, depois de, o ano passado, ter passado algumas horas debaixo de fogo.

O irmão, Feliciano, 12 anos, recorda-se bem do pavor que sentiu nessa madrugada de Julho, em que foi acordado pelo tiroteio. Fugiu espavorido pelas ruas, em direcção à floresta, perdendo-se dos pais que, entretanto, carregavam os filhos mais novos. Reencontrou-os depois, mas durante três dias permaneceram escondidos na mata.

Feliciano duvida quando lhe afirmam que Portugal é mais pequenino que a província do Niassa. Ignora o que é o Tejo e quando interrogado se já ouviu falar do Porto, responde: «Nada. Só vi escrito numa garrafa que o meu pai trouxe da Beira, o ano passado».

Se Feliciano, que frequenta a quinta classe da escola moçambicana, pouco sabe de Portugal, conhece bem a guerra e o medo. «O pior lá na mata era a falta de comida e de roupa. Mesmo agora, só tenho esta roupa», diz o garoto apontando para o que traz vestido.

«Os machangas (nome dado, popularmente, aos elementos da Renamo) levaram tudo, não tenho sequer sapatos», acres-

centa, mirando os pés descalços. Também Fernando, o mais irrequieto e travesso dos quatro irmãos, corre descalço pelas ruas de terra vermelha da vila, no meio de um bando de garotos moçambicanos.

Em Inhaminga, quando se pergunta pelos portugueses, os moçambicanos respondem prontamente: «Há o Oliveira das Barbas Compridas que é mecânico e o Oliveira das Barbas Pequenas que é madeireiro mas agora tem uma serração e um hotel, e o Almeida que é dono do Safari (hotel) e que também tem uma serração».

Arménio Cardoso de Oliveira, o «Oliveira das Barbas Curtas» é o único português que aguentou os três ataques à vila e aí continua com a família, sem arredar pé. Os outros continuam em Inhaminga mas puseram as famílias a resguardo na Beira.

Hoje com 54 anos, Arménio Oliveira pisou a vila pela primeira vez em 1948. Natural de Sor, chegava então com os pais e sete irmãos, pois o chefe de família acabava de ser colocado na localidade como ferroviário.

Fez a tropa em Moçambique e recorda com saudade um companheiro de caserna açoriano que andava sempre com um garrafão de vinho. «Até na cama, metia o garrafão debaixo da cabeça a fazer de travesseiro», conta Oliveira.

Trabalhou como mecânico e operador de máquinas, hoje tem «uma loja como um supermercado mas com as prateleiras vazias». Em 38 anos nunca foi a Portugal e há doze meses que não sai de Inhaminga.

Sentado à sombra de uma mangueira, Arménio de Oliveira descreve os ataques sem dramatismos, como se tivessem acontecido a outrem: «Corri como todos correram. Uns correram mais e outros menos».

Precisa que, quando a vila foi atacada, em Abril, estava na serração e refugiou-se na mata. A ocupação demorou um dia: «Partiram a linha e incendiaram uns tanques de combustível».

«O segundo ataque foi de madrugada. Cada um pegava naquilo que podia e ia para a mata».

Instado como se alimentavam, responde: «Isso... é cada um que se arranjar, salve-se quem puder. Aquilo que aparece é que vai».

«Desta vez do terceiro ataque é que eles fizeram uma limpeza. Até um machado usaram para me arrombar a porta e só o conseguiram pelas fechaduras, que é de boa madeira. Roubaram tudo. Ficamos só com a roupa que tínhamos no corpo. Levaram-nos as mantas, lençóis, talheres, uma bicicleta, dois rádios. Até galinhas. Limpavam a criação toda nesta área. Na loja foi tudo. Até em sacos de açúcar agarraram, esvaziaram-nos no chão e levaram só os sacos».

Instado se, depois de tantos sustos, não tenciona tirar uns dias de descanso em Portugal, Oliveira retroce, quase agastado: «Hei-de ir quando chegar a altura. Com a idade que tenho não sou velho, sou usado».

E porque não regressar definitivamente à Pátria? «Se for para Portugal», responde Arménio de Oliveira, «tenho que trabalhar que ele não cai lá de cima. Para estar aqui, também tenho que trabalhar. Trabalhar por trabalhar, lá diz o ditado, deixa-te estar onde estás. Hei-de lá ir um dia».

Mas é «a morte do Dias» que domina diariamente todas as conversas de moçambicanos e portugueses, como se tivesse acontecido ontem.

Manuel Sousa Dias, 65 anos, reformado, ocupava os dias com a sua machamba quando foi assassinado a sangue frio no ataque de Abril. A descrição que se faz dele em Inhaminga é pejada de ternura para com a velhice.

«Era muito surdo e muito teimoso», dizem sorrindo.

Conta-se que quando começou o tiroteio a mulher lhe disse para fugir e ele começou a resmungar que ninguém lhe fazia mal e ficou.

Um amigo moçambicano acrescenta: «Não era homem que arranjasse problemas. Basta dizer que ficávamos horas e horas a falar com ele porque sabia muitas coisas antigas. Estava sempre com piadas».

Soube da morte do português logo depois do ataque:

«Ouvi falar que o Dias tinha sido morto pelos bandidos armados. Vieram várias pessoas a casa dele e encontrámo-lo estendido, metade dentro da casa de banho, metade no corredor».

«Furaram-lhe a garganta com uma baioneta. Tinha ferimentos nos nós dos dedos como se lhe tivessem dado coronhadas. Tinham-lhe roubado os sapatos e cerca de dez mil meticais (quarenta mil escudos) do bolso da camisa... Onde entram aqueles homens não deixam nada».

O Dias morreu, os Oliveiras Barbus, o Almeida e o Mourinho continuam. Alameda em hotéis numa vila semi-paralisada, sonham voltar a ser madeireiros. Quase falam melhor o senna que o português. Acreditam num futuro melhor que não creem possível na Pátria tranquila.

comunicação social

CCT no sector da Imprensa

Governo prepara PRT

“inaceitável e humilhante”

—afirma SJ e FSICPGI

O Sindicato dos Jornalistas foi informado de que o Governo prepara a assinatura de uma Portaria Regulamentadora do Trabalho (PRT) considerada «inaceitável e humilhante».

De acordo com um comunicado do Sindicato dos Jornalistas e da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, a decisão governamental prevê para os jornalistas um aumento salarial de 22,5 por cento (sem quaisquer efeitos retroactivos), aumento de 20 por cento no complemento indemnizatório de material fotográfico, aumento de 20 por cento nas ajudas de custo e fixação de um subsídio de refeição.

«Considerando que a tabela dos jornalistas não é revista desde 1 de Janeiro de 1983 (...), o acréscimo salarial decidido pelo Governo significa um aumento anualizado de apenas 11,5 por cento, inferior aos 12 por cento propostos pela AID desde o início das negociações», refere o comunicado.

Quanto aos valores do complemento indemnizatório de material fotográfico e das ajudas de custo, anota-se que não sendo os mesmos revistos desde 1 de Janeiro de 1982, os 20 por cento anunciados pelo Governo «significam um aumento anualizado daqueles dois subsídios de somente 6,6 por cento».

«Esta portaria é inaceitável e humilhante», diz o comunicado, em que se acrescenta que o Governo «não fez mais do que tomar como suas as posições do patronato e da AID, com a agravante de negar a anuidade da tabela salarial e de impedir a revisão contratual antes de Dezembro de 1985».

«Com esta atitude — prossegue o documento do SJ — o Governo materializa o profundo desprezo que tem pela Comunicação Social e pelos seus trabalhadores, conforme a sua predisposição para tentar domesticar através de salários miseráveis, a actividade jornalística, e desmentir o compromisso firmado pelo Primeiro-Ministro Mário Soares no Conselho Permanente de Concertação Social, segundo o qual os salários reais não desceriam em 1985».

Para o Sindicato, a Portaria que o Governo prepara «seria o pior instrumento de Regulamentação Colectiva de Trabalho do ano, o pior de sempre para os jornalistas e dos piores que foram publicados em Portugal a partir de 25 de Abril de 1974».

O Sindicato dos Jornalistas e a Federação dos Gráficos e Imprensa declaram que estão a preparar uma resposta conjunta ao Governo que passa pela adopção, «a curto prazo, das formas de luta que se revelarem mais eficazes».

CR/RTP denuncia

Mensurado afastado do pequeno “écran”

Os membros eleitos do Conselho de Redacção da RTP manifestam em comunicado preocupação pela «liberdade de expressão» que, em seu entender, pode vir a ser afectada por uma nota emitida pelo Conselho de Gerência.

A nota do CG da RTP «determina o visionamento prévio dos filmes emitidos pela RTP», subordinando «aos valores morais por que se rege a maioria do povo português».

«Embora não respeite directamente aos jornalistas, essa nota parece-nos preocupante do ponto de vista da liberdade de expressão, e casos como o do «Bentinho» levam-nos a temer a sua extensão à actividade do Departamento de Informação» — afirmam os membros eleitos do CR.

No comunicado dá-se conta da suspensão da rubrica «Bentinho» no último «Já Agora», «que só acabaria por ser emitida após visionamento pelo Conselho de Gerência».

Os membros eleitos do CR, «tendo tomado conhecimento de que foi posto fim à requisição do jornalista José Mensurado, que vinha a apresentar o Telejornal em alternativa com Henrique Garcia, manifestam a sua preocupação face ao sucedido».

Textualmente: «Preocupação porque consideram que manifesta uma incorrecta compreensão do papel do apresentador em jornalismo televisivo, preocupação ainda porque, uma vez mais, tudo se passou no desconhecimento deste CR e da quase totalidade dos jornalistas do departamento de noticiários, preocupação ainda porque com a saída de José Mensurado a equipa do Departamento de Noticiários perde mais um profissional com reconhecida experiência de Informação televisiva».

Leiria: homenagem a um colaborador da Imprensa local

A cidade de Leiria prestou, no passado domingo, homenagem a Manuel Matias Crespo, professor e colaborador da Imprensa local desde há cinquenta anos.

Matias Crespo, além da sua actividade pedagógica na Prisão-Escola de Leiria, onde exerce as funções de técnico de orientação social e escolar há 37 anos, foi um dos fundadores da revista «Flama» e poeta com trabalhos publicados em órgãos de comunicação social da região de Leiria.

A iniciativa da homenagem ficou a dever-se a um grupo de colegas de professorado, a que se associou o presidente da Câmara Municipal de Leiria, Lemos Proença, e representantes de alguns órgãos de informação onde o homenageado tem assinado artigos de investigação histórica.

Associação Interamericana

A Associação Interamericana de Radiodifusão (AIR) afirmou em Madrid que «é necessário lutar contra os novos e subtils métodos de controlo da informação».

A AIR, que realiza em Madrid uma assembleia extraordinária destinada a converter a Associação na «maior organização internacional de emissoras privadas», defendeu a propriedade privada das emissoras de rádio como «meio de garantir a democracia e as liberdades fundamentais».

Governo açoriano toma posse dia 8

O general Conceição e Silva empossa, quinta-feira, em Ponta Delgada, o terceiro Governo Regional dos Açores, presidido por Mota Amaral.

Além do seu presidente, o Executivo açoriano integra nove secretários regionais e um subsecretário regional. Assim: secretário das Finanças: Alvaro Dâmaso, transita do actual Exe-

cutivo. Tem Também a atribuição de presidir ao Conselho Económico Regional, por delegação de Mota Amaral; Administração Pública: António Meneses (substitui Botelho Neves); Educação e Cultura: António Maria Mendes, deputado à Assembleia da República (substitui Reis Leite); Trabalho: Manuel Arruda, antigo director regional

(substitui Octaviano Mota); Assuntos Sociais: Costa Neves; Comércio e Indústria: Costa Santos, actual presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (substitui Natalino Viveiros, secretário-geral do PSD-Açores); Transportes e Turismo: Tomás Duarte, antigo chefe de gabinete de Nunes Liberato (substitui Madruga da Costa); Equipa-

mento Social: Germano Domingos (substitui Vitor Macedo), foi já secretário regional da Agricultura e Pescas; Agricultura e Pescas: Adolfo Lima, transita com funções acrescidas de responsável pelas actividades industriais do sector. Subsecretário para a Integração Europeia e Cooperação Externa: Freitas Silva (substitui Nunes Liberato).

10º aniversário
Tempo
1985

O JORNAL DE QUEM DECIDE

agora à 6ª feira

Participe no Concurso

“10 anos - 1.000 prémios”

Os dias contados de Arruda dos Pisões

Eucaliptos condenam aldeia estremenha a morrer de sede

Carlos Pessoa (Texto)
José Tavares (Fotos)

Milhares de eucaliptos plantados por uma empresa de celulose ameaçam as nascentes de água de Arruda dos Pisões, e podem selar o destino dos seus habitantes.

Setecentos homens, mulheres e crianças dão vida a Arruda dos Pisões, uma aldeia tranqüila a 12 quilómetros de Rio Maior. As casas correm ao longo da estrada estreita e mal alcatroada que a liga ao mundo. Falta-lhe um povoamento central e concentrado, e muitos são os sinais, nas casas novas ou arranjadas, de outras vivências, fora da região.

Engana-se quem pense que o desconcerto arquitectónico cala no coração das gentes. Por duas vezes, a população inteira de Arruda dos Pisões se pôs em marcha para arrancar os eucaliptos plantados pela Celbi, que ameaçavam as nascentes de água da freguesia.

«Da última vez, numa hora, foi tudo fora», recorda António Ramiro, presidente da junta de freguesia de Arruda dos Pisões. «Nunca pensei que o povo reagisse assim: homens, mulheres e crianças encheram estes terrenos e quando se foram embora, não havia um eucalipto de pé».

Isto aconteceu em Abril passado, depois da empresa proprietária dos terrenos ter colocado de novo eucaliptos, em desrespeito do acordo verbal estabelecido com a população, e que apontava para a existência de uma zona de protecção às nascentes que alimentam campos, animais e pessoas.

Desta vez, a Celbi reagiu e trilhou o caminho que leva ao tribunal. António Ramiro foi ouvido, por suspeita de responsabilidade no gesto dos seus conterrâneos.

Depois, nada mais sucede. Os ânimos apaziguaram em Arruda dos Pisões e das bandas da empresa de celulose só veio o silêncio.

Nascente ameaçada

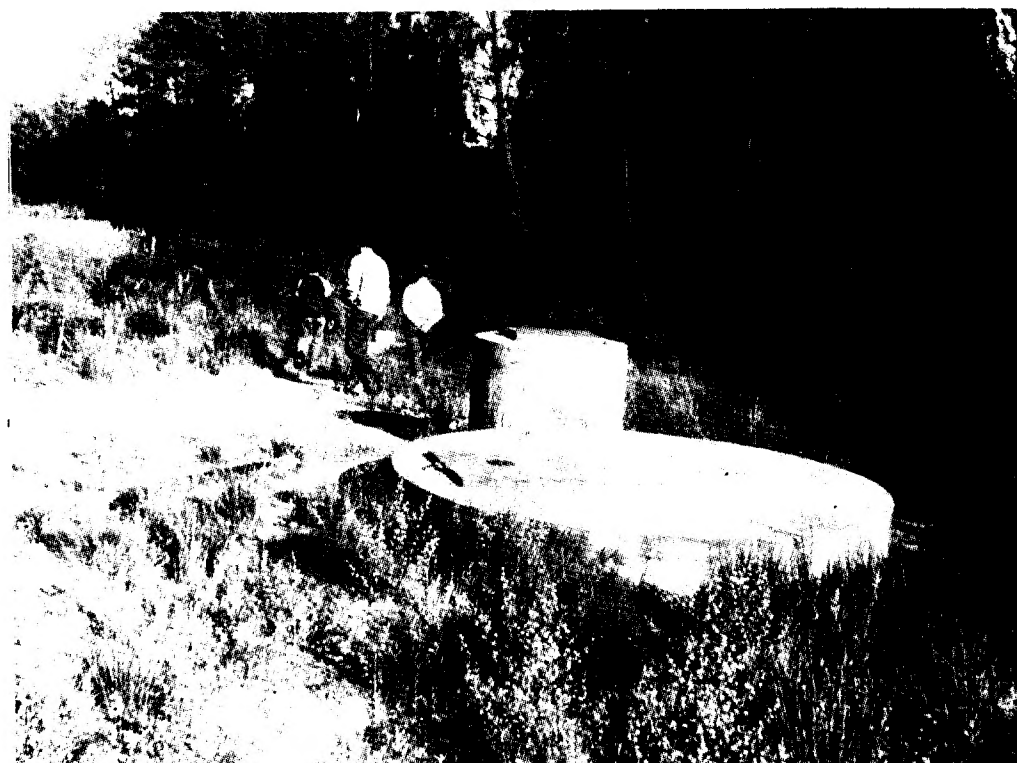
Esta história começa em 1979, quando a Celbi compra os 800 hectares de pinhal e sobral que integram a Quinta do Penegal. A extensa área abrange terrenos de

quatro freguesias do concelho de Rio Maior, mas o fulcro de todos os problemas vai residir nas nascentes de água que abastecem Arruda dos Pisões.

«Antes de vender, o proprietário cortou sem projecto visível todos os pinheiros existentes», declara Joaquim Pereira de Deus, presidente da Câmara de Rio Maior. «Denunciámos o crime aos poderes competentes, mas nada aconteceu.» No começo de 1980, surgem os primeiros problemas. A abertura de valas e a mexida de terrenos assoreiam a ribeira da Arruda, o que suscita protestos da população e reuniões com a Câmara, representantes do Ministério da Agricultura e engenheiros da Celbi.

Fica assente por esta altura a apresentação de um projecto de plantação que preveja zonas de protecção, relativamente à ribeira e às nascentes da freguesia. Isso mesmo veio a ser acordado verbalmente entre a Câmara de Rio Maior, população de Arruda dos Pisões e a Celbi.

Em 1982, a empresa ignora o acordo — «a memória do povo é mais forte do que eles pensam», comenta António Ramiro — e planta eucaliptos em cerca de 41 dos 100 hectares da zona de protecção. A resposta das gentes de



Nascente de água que alimenta Arruda dos Pisões: os pinheiros ficaram, mas a população não deixou enterrar o único eucalipto plantado pela Celbi.

Arruda é imediata: os rebentos de árvores são arrancados. A Celbi protesta junto da Câmara.

Em finais de 1983, toma posse a actual Junta de Freguesia. A empresa apresenta no início deste ano uma proposta ao executivo da freguesia, propondo a abertura de um furo para abastecimento de água à população. A alternativa é pôr à venda a zona de protecção.

Sacudir águas

O povo quer dois furos e o acordo não surge. Dias depois, António Ramiro é acusado pelos seus conterrâneos de se ter «vendido» à Celbi. Surpreendido, busca a origem do boato: a empresa começara a plantar de novo eucaliptos na mesma área.

A aldeia em peso desloca-se aos terrenos e só não arranca as escassas árvores que dois anos antes tinham acidentalmente escapado, e hoje têm já a altura de um homem.

Agora, o terreno continua nu, à espera das sementes que ali possam germinar, na perspectiva de uma vocação mais útil do que a plantação dos vorazes eucaliptos. Mas, para a população, tudo está bem claro: «Se o Governo não tomar qualquer resolução, voltamos a arrancar o que lá quiserem plantar», conclui António Ramiro.

A Câmara Municipal de Rio Maior apoia a população de Arruda dos Pisões. E insiste, através da Assembleia Municipal, junto de ministérios, grupos parlamen-

tares e da própria Celbi, no sentido de se encontrar uma solução que dê resposta aos interesses antagónicos em jogo.

Todos os seus esforços têm



João Fróis, presidente da Assembleia Municipal de Rio Maior: «Existe legislação que impede o abate desenfreado de árvores»

sido em vão. João Fróis, presidente da Assembleia Municipal, mostra-nos os sucessivos ofícios-resposta dos grupos parlamentares da Assembleia da República, do Ministério da Qualidade de Vida, da Secretaria de Estado das Florestas: todos estão «preocupados» com o assunto, só que não há leis, diz-se que possam ser aplicadas...

«Toda a gente anda a sacudir a água do capote», desabafa Joaquim Pereira de Deus.

Estratégia da aranha

«Mas já há legislação que impede o abate desenfreado de es-

pécimes vegetais sem um estudo prévio de compensações!», replica a autarquia. A última palavra está, assim, nas mãos do Governo, segundo os responsáveis em Rio Maior.

«O direito da Celbi a usar a propriedade, não está em causa», sublinham-nos. «Mas o Governo deve introduzir correcções e alterações, se a plantação estiver mal feita». E deve fazê-lo bem.

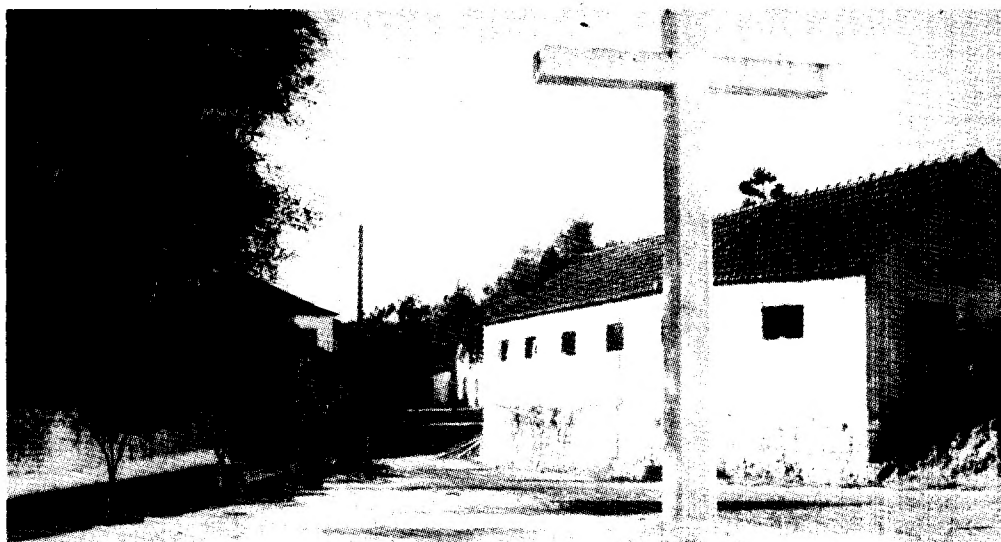
Fazê-lo bem, significa ter em conta as aptidões dos terrenos, por exemplo. «Aqueles terrenos eram bons para vinha e pomares, e ainda não há muito tempo, chegaram a dar, junto à ribeira, arroz!», exclama António Ramiro.

Significa, ainda, respeitar zonas mínimas de protecção junto dos caudais e, não plantar até às águas, cujos níveis já começam a ser afectados.

Significa, finalmente, não comprometer irremediavelmente o já precário modo de vida de sete centenas de pessoas, que podem um dia ser confrontadas com a morte das terras, a falta de pão e a agonia da sua ribeira.

Arruda dos Pisões não pede, no fim de contas, impossíveis. Só quer que a nascente continue a trazer, das entranhas da terra, as assombrosas quantidades de água que representam riqueza.

Nesse desejo, têm consigo a Câmara e a Assembleia Municipal, que insistem na sua «posição de apoio à população». O que fica como enigma é se o poder local e a força do povo poderão mais do que as estratégias de uma aranha chamada Celbi.



Arruda dos Pisões, a 12 quilómetros de Rio Maior: era uma aldeia tranqüila até à chegada da Celbi e dos seus eucaliptos

Para evitar mortes e gastos na EN n.º 10

Vila Franca propõe alternativa à portagem de Sacavém

O presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira voltou ontem a defender a necessidade de acabar com a portagem na auto-estrada do Norte, no troço Sacavém-Vila Franca, transferindo-a para um ponto imediatamente a Norte da nova cidade ribatejana, porventura no Carregado — que dispõe de condições para tal, pois já funciona como portagem.

Há muitos anos que a CM vilafraquense se bate pela transferência de portagem de Sacavém para a sua área, como única forma possível de aliviar o tráfego na Estrada Nacional n.º 10. Por essa razão, e sobretudo porque a situação se agravou com o recente aumento da taxa de portagem, autarcas de todos os órgãos municipais de Vila Franca (Câmara, Assembleia e Conselho Municipal) distribuíram ontem prospectos junto à portagem de Sacavém, contestando o

agravamento de 31 de Outubro e apresentando a «sua» alternativa àquela portagem.

Vila Franca tem razões para exigir essa mudança: a EN 10 passa por três das suas freguesias (Alhandra, Alverca e Póvoa), além da própria cidade, cuja AM aprovou um regulamento de trânsito e estacionamento que pouco viável será se não forem tomadas medidas de fundo quanto ao trânsito que sai ou se dirige para Vila Franca, quer pela auto-estrada quer pela n.º 10, esta também conhecida pela «estrada dos tormentos» e «faz que anda, mas não anda».

Aliás, sempre que a taxa de portagem de Sacavém é agravada, o tráfego aumenta visivelmente na EN n.º 10, estrada que está já completamente saturada, a ponto de à entrada de Sacavém os automobilistas gastarem cerca de uma hora para passar a saída que leva a S. João da Talha

e Vale de Figueira. E sempre que o Governo prepara esse aumento, nunca avisa os Municípios interessados. No entanto, há muito que Vila Franca reivindica junto de várias instâncias, nomeadamente a JAE, a AR e o próprio Governo, a concretização de novos nós de ligação à auto-estrada para escoar melhor o trânsito que normalmente opta pela EN n.º 10.

«Os prejuízos em combustível que se gasta na Estrada Nacional 10, o tempo de espera e as vidas perdidas davam para acabar com a portagem na auto-estrada do Norte», afirmou Daniel Branco.

A Câmara de Vila Franca deverá fazer ainda esta semana uma exposição ao ministro do Equipamento Social, uma vez que uma anterior diligência feita junto do secretário de Estado das Obras Públicas, a propósito da passagem de Sacavém, não teve resposta positiva.

CASINO ESTORIL

De 1 a 7 de Novembro /84

SEMANA DO TAHITI

No Salão Restaurante, todas as noites, às 23.30 show especial com:

OVEHI TAHITI BALLET

A Magia e o Encanto das Ilhas do Pacífico Sul! Aprecie algumas especialidades típicas do Tahiti

Reservas: Tel. 264521
Casino Estoril



de ontem para hoje

**Pedreiro afogado
junto ao cais de Olhão**

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias que envolveram o afogamento do pedreiro Gilberto das Neves Pereira, solteiro, residente em Quelães, cujo cadáver foi encontrado submerso junto ao cais de embarque de Olhão, de onde partem os barcos de recreio com destino às ilhas de Culatra, Armona e do Farol. Gilberto Pereira foi visto pela última vez com vida a beber uns copos numa «bolte» existente na zona baixa de Olhão. O corpo foi retirado da água por homens-rãs dos Bombeiros Municipais de Faro, alertados por elementos da tripulação da corveta «Andorinha», da Armada, em serviço de vigilância na zona. Segundo a PJ, Gilberto poderá ter caído ao mar, inadvertidamente, voluntariamente ou então empurrado por alguém.

Columbano morreu há 55 anos

Columbano Bordalo Pinheiro morreu há 55 anos. Irmão de Rafael Bordalo Pinheiro, o pintor nasceu em Almada, em 1857, e morreu em Lisboa no dia 6 de Novembro de 1929. Tendo sido professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa durante 24 anos, Columbano desempenhou, até à morte, as funções de director do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Discípulo do seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, e de Lupi e Simões de Almeida, Columbano foi bolsista em Paris, tendo assim oportunidade de contactar na capital francesa com Nanet, Degas, Coubert e Deschamps, entre outros.



Atingido por disparo de caçador

Quando o caçador Patricio transportava a espingarda ao ombro, esta disparou-se indo atingir mortalmente Francisco de Almeida Pinhel, de 68 anos. O juiz de Instrução Criminal de Almada libertou, posteriormente, o caçador, mediante o pagamento de uma caução.

Intervoz assaltada em Lisboa

Desconhecidos assaltaram as instalações da Intervoz — empresa que tem a concessão, em exclusivo da Rádio Renascença — localizadas na Rua Joaquim António de Aguiar, 66-7.º em Lisboa. Os assaltantes,

que actuaram por arrombamento da fechadura da porta principal das instalações, levaram, pelo menos, quatro máquinas — localizadas na Rua Joaquim António de Aguiar, 66-7.º em Lisboa. Os assaltantes,

Mãe e três filhos envenenados

Vítimas de intoxicação, após lavarem a cabeça com veneno para o escarvalho, mãe e três filhos deram entrada em estado grave no Hospital de S. João, no Porto. As vítimas são Maria Alice

Rocha de Almeida Silva, de 44 anos, e os seus três filhos Carlos Manuel e Rui Jorge de nove anos, gémeos, e Maria Antonieta, de treze, todos residentes no Bairro de S. Tomé naquela cidade.

«Metro» parou uma hora

Uma interrupção do fornecimento de energia eléctrica, que afectou algumas zonas de Lisboa, forçou à paragem do Metroropolitano entre as 14 e 42 e as 15 e 36 de ontem. «A falta de corrente foi geral e, logo que foi possível, a circulação foi retomada», disse um porta-voz daquela empresa pública.

Neve na serra da Estrela

A serra da Estrela encontra-se coberta de neve junto à pista de desportos de Inverno e do teleférico. Segundo um informador do centro de limpeza daquela zona, uma camada com cerca de 40 centí-

metros cobre a região situada entre a Senhora da Estrela e a Fonte dos Perus, na estrada que liga a Covilhã a Lagoa Comprida não impedindo, no entanto, a circulação do trânsito.

Homicídio passional em Sesimbra

A GNR atribui a motivos passionais os disparos que um indivíduo de apelido Inácio fez sobre José Artur Lopes Ferreira, de 50 anos. O caso ocorreu, em Sesimbra, tendo José Ferreira dado entrada no Hospital de S. José, onde lhe foram extraídos os dois projectéis que tinha alojados no corpo. Quanto ao agressor acabou por ser capturado mais tarde no Seixal.

Nossa Senhora de Fátima na PSP

A Secção de Justiça da PSP recuperou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que tinha sido roubada. No mesmo departamento, localizado na Rua Capelo, 13, encontram-se ainda depositados os seguintes objectos, igualmente recuperados pela PSP: um porta-chaves, um pequeno canivete, vinte e quatro conjuntos de modelos de mobílias de cozinha, onze conjuntos simbolizando um bar e um alfinete em forma de flor.

Agente libertado mediante caução

Chefe da rede de droga era irmão de inspector da PJ

O agente da Brigada de Segurança da Polícia Judiciária, Jorge Moura Ferreira, que, tal como ontem tinhamos noticiado, havia sido detido por ter em sua casa quinze quilos de haxixe, acabou por ser libertado por decisão dos Juízes de Instrução Criminal. Um comunicado do Gabinete de Relações Públicas da PJ, afirma que o agente Moura Ferreira estava «em recuperação de uma grave doença do foro neurológico, tendo, por isso mesmo, sido retirado, por duas vezes, da sua actividade de investigação e transferido da Brigada de Homicídios e Assaltos a Bancos para a Brigada de Segurança». Recorde-se que, ao ser detido, Jorge Moura Ferreira disse ter a droga em sua casa «a pedido de um amigo de infância que, se presume, seja João Maria Pereira Gomes, um dos três ou-

tros detidos por envolvimento na rede, juntamente com dois funcionários da empresa de segurança «Atenta».

A libertação do agente Moura Ferreira (na Brigada de Segurança da PJ existe um agente Jorge que nada tem a ver com o caso) e a história contada por João Maria Pereira Gomes considerado o chefe da rede, dão de facto este processo cambiantes inesperados. João Maria Pereira Gomes, irmão gêmeo do subinspector encarregado das investigações A. M. Pereira era frequentemente confundido com este, dadas as profundas semelhanças físicas, quando se deslocava ao edifício da Gomes Freire no seu «Alfa Romeo». Fazia-se então passar por engenheiro, mas nas declarações prestadas à PJ apresentou-se como taxista e disse que os 35

quilos de haxixe e as armas (incluindo uma metralhadora) encontradas na sua residência em Linda-a-Velha, lhe tinham sido confiados por um cidadão espanhol a quem fizera vários serviços. Disse João Gomes que, a dado momento o espanhol lhe cheirara a cocaína, passando então a desconfiar dele e acabando por apoderar-se da droga e das armas que trouxe do Porto para

Lisboa, a fim de entregar tudo à PJ. Só que o espanhol começou a ameaçá-lo de morte e ele foi para o Porto com a família recorrendo a partir daí aos dois agentes da «Atenta», que passaram a funcionar como seus guarda-costas. Mas as relações entre eles deterioraram-se, a droga e as armas mantiveram-se em Linda-a-Velha, até que com a detenção dos dois funcionários da «Atenta»,

seriam encontradas, por denúncia destes à PJ.

Uma história, no mínimo, rocambolesca. Mas igualmente preocupante, dada a «leveza» com que, em nossa opinião actual, os JIC's de Lisboa, bem como as ligações que transpareceram entre uma rede de droga e as chamadas agências de segurança. Para já não falarmos na forma como a informação foi limitada aos jornalistas, fazendo desta vez com que o feitiço se tivesse voltado contra o feitiço. ao tentar «esconder» a identidade completa do agente Jorge Moura Ferreira, a PJ acabou por criar problemas ao seu, também agente Jorge. Prova, provada de que em informação não deverão existir «compadrios» nem meios termos. À atenção portanto, do dr. Carlos Picoito!...

Manuel Geraldo

Prejuizos subiram a seis mil contos

Tripulantes do «David José» já regressaram a Sesimbra

Os vinte e dois pescadores e o barco «David José» que estiveram detidos durante 16 dias no porto de Agadir pelas autoridades marroquinas já se encontram em Sesimbra.

O pescador Manuel José Cachão Malhada, um dos vinte e dois pescadores do «David José», disse que, na noite de 14 de Outubro, quando regressavam a Portugal, foram surpreendidos por uma vedeta marroquina que navegava no escuro, próximo de cabo Gir, em águas territoriais marroquinas.

Elementos da vedeta da Marinha marroquina entraram a bordo e levaram seis pescadores para bordo da unidade.

O «David José» e os restantes

elementos da sua tripulação foram conduzidos pela corveta marroquina para o porto de Agadir.

Manuel José disse terem sido bem tratados pelas autoridades marroquinas e que a sua campanha foi efectuada no banco na zona da Conceição, em águas internacionais.

Manuel Malhada, pescador há 29 anos, disse tratar-se da primeira vez que o «David José» foi pescar para o banco da zona da Conceição.

A multa inicialmente aplicada pelas autoridades marítimas era de 8500 contos ficando também apesado o pescado no valor de 5500 contos.

Após conversações entre o

mestre do «David José» e as autoridades marroquinas foi feito o pagamento de 4400 contos de multa, para além da apreensão do pescado.

Disse que esta campanha representou para o armador e os 45 elementos (21 pescadores e 24 de terra) um prejuízo superior a 6 mil contos.

Afirmou que mais de quarenta famílias aguardam autorização para pescar em águas marroquinas ou, em alternativa, a formação de uma sociedade mista.

O delegado marítimo de Sesimbra disse à NP que o «David José» de pesca costeira foi o primeiro barco de pesca registado em Sesimbra apesado em águas marroquinas.

Penas de três a sete anos de prisão

Falsificadores de cheques condenados no Funchal

Seis indivíduos, todos naturais do Continente, acusados de burla por utilização de cheques falsificados, foram ontem condenados no Funchal a penas de três a sete anos de prisão.

A «história» deste processo que ontem foi julgado na capital madeirense, envolve a utilização de cheques falsificados supostamente emitidos por um banco Nairobi (Quênia), o «Barclays Bank International Limited» visando pagamentos através do «Manufactures Hannover Trust, Co» de New York (Estados Unidos).

Utilizando cheques que as autoridades judiciais acreditam tenham sido falsificados em Lisboa, os seis indivíduos agora condenados efectuaram levantamentos em várias instituições de crédito madeirense que ascenderam a 6,5 milhões de escudos dos quais apenas um milhão de escudos seriam recuperados por intervenção da Polícia Judiciária.

Segundo Ferreira Neto, juiz presidente do Círculo Judicial do Funchal «tratava-se sem dúvida de um grande golpe que poderia vir a atingir montantes multissimos mais elevados caso não tivesse sido descoberto».

Em declarações à ANOP, Ferreira Neto mostrou-se convicto de que se trata de «uma autêntica rede organizada», envolvendo vários comerciantes, alguns dos quais estabelecidos em Lisboa,

além de outros indivíduos um dos quais, segundo admitem as autoridades policiais, se dedicava apenas à falsificação dos cheques.

A descoberta e detenção, em Novembro de 1983, no Funchal, de três indivíduos ligados ao «gang» impediu que tivesse sido trocado aos locais de instituições de crédito de número não determinado de cheques em valores desconhecidos dado que os mesmos, segundo apontaram as investigações, terão sido destruídos pelos condenados, após a descoberta dos seus planos.

Durante o processo foram ouvidos três indivíduos, detidos no Funchal, já que três outros se encontram em Lisboa e em liberdade sem que se verificasse qualquer intervenção policial «o que poderá acontecer agora após a sua condenação», revelaram fontes contactadas pela ANOP.

As penas aplicadas pelo Tribunal do Funchal variam entre os três e os sete anos de prisão, tendo sido absolvidos duas outras pessoas, uma mulher, igualmente natural do Continente, e um indivíduo não identificado natural do Funchal, em relação aos quais não foram comprovadas as acusações.

A participação criminal contra o grupo foi apresentada no Tribunal do Funchal pelas instituições de crédito burladas e culminou com a leitura da sentença após cerca

de duas semanas de julgamento.

Fontes judiciais contactadas pela ANOP revelaram que alguns dos condenados possuem processos ainda pendentes em instituições judiciais portuguesas havendo contra um deles um processo relacionado com a eventual posse ilegal de uma tipografia na qual, segundo tudo indica, os cheques localizados no Funchal, terão sido falsificados.

Francisco Ramos Coelho (cinco anos), Olegário Fernandes (sete anos), Abílio Correia Garcia (cinco anos) foram condenados à revelia, dado que se encontram ausentes em Lisboa, estando detidos no estabelecimento prisional do Funchal, José Francisco Chalana (5 anos), Olímpio Costa Soares (três anos) e Hélder Vieira Mendes (três anos e meio).

As investigações policiais e o processo elaborado após o julgamento não comprovaram a existência de apoios ou ligações entre o grupo agora condenado e o estrangeiro.

Refira-se apenas que os cheques falsificados e pertencentes ao «Barclays Bank International Limited» foram detectados por funcionários bancários madeirenses dado que aquela instituição de crédito de Nairobi (Quênia) foi extinta, em 1978, para dar origem ao «Barclays Bank of Kenya». No entanto os cheques apreendidos pela Polícia Judiciária datavam de Novembro de 1983.

Na sequência de um «motim»

Reclusos da Madeira estão a ser trazidos para Lisboa

Os presos do Estabelecimento Regional dos Viveiros, no Funchal, estão desde domingo a ser transportados para Lisboa, ao que tudo indica por decisão da Direcção-Geral dos Estabelecimentos Prisionais.

A transferência estará, no entanto, a encontrar algumas dificuldades, como consequência da imposição, pela TAP, de apenas circular em cada voo dois reclusos, devidamente acompanhados de um guarda.

Sabe-se, entretanto, que na sequência das reivindicações apresentadas pelos reclusos daquele estabelecimento prisional, está a ser efectuado um inquérito às reivindicações que oportunamente apresentaram e às condições da sua detenção.

Segundo o «Jornal da Madeira», o inquérito teve origem numa movimentação colectiva dos presos que se recusaram, na manhã de sexta-feira, a entrar nas celas, enquanto não falassem à direcção para expor questões de natureza interna.

Afirma ainda aquele matutino funchalense que a movimentação que levou ao reforço da vigilância no exterior da prisão, trouxe ao Funchal um técnico superior de vigilância, da Direcção-Geral dos Estabelecimentos Prisionais o qual colaborou no desbloqueamento da situação que voltou à normalidade com a entrada dos presos nas celas, na tarde de ontem.

Uma brigada da PSP deslocou-se aquele calabouço para ajudar os guardas prisionais a enfrentarem o conflito que foi resolvido pelo diálogo, não tendo sido necessário recorrer à força, adiaram fontes policiais.

Contactada pela ANOP, a directora da Casa de Reclusão, Maria da Graça Trigo Pereira, disse que não faria quaisquer declarações à imprensa, para evitar a deturpação dos factos, mas no entanto desmentiu que se encontrasse no Funchal algum técnico da Direcção-Geral dos Estabelecimentos Prisionais.

A Cadeia do Funchal, com lotação para 25 reclusos, tem na actualidade 86 indivíduos

Leite poderá ser a causa do surto

Diarreia em Odemira já matou uma criança

• *Três outras foram assistidas no Hospital de Beja*

Chamava-se Rodrigo Marques da Silva e tinha apenas seis meses a criança que faleceu no Centro de Saúde de Odemira, vítima de um surto de diarreia infantil cujas origens e causas se desconhecem naquela vila alentejana. A Administração Regional de Saúde de Beja poderá vir a providenciar para que sejam feitas análises com vista ao apuramento das suas causas e/ou origens.

Três outras crianças de Odemira, com idades variando entre

os cinco e os onze meses, foram transferidas no passado fim-de-semana do Centro de Saúde local para o Hospital Regional de Beja, igualmente afectadas pelo surto de diarreia infantil que traz a população odemirense preocupada, ao mesmo tempo que sobre ele se tecem as mais diversas especulações.

Enquanto isso, os médicos do Centro de Odemira evitam fazer declarações, remetendo os jornalistas para o delegado de Saúde do concelho. Esta manhã

não nos foi possível contactar o dr. Calapez Garcia, nem mesmo o presidente da Comissão Instaladora da ARS de Beja, dr. Aníbal Costa, igualmente ausente.

Duas das crianças que haviam sido transferidas de Odemira para o Hospital Regional de Beja, dando entrada nos Serviços de Urgência, tiveram já alta hospitalar, regressando a Odemira. A outra continua internada, por ser mais delicado o seu estado. É uma menina de cinco meses e chama-se Inês da

Palma Águas Almeida, soube esta manhã o «DL» junto daquele estabelecimento hospitalar.

Se bem que as origens e causas do surto de diarreia infantil que traz a população de Odemira apreensiva sejam ainda desconhecidas, um dos médicos do Hospital de Beja afirmou que as crianças que hoje deixaram o serviço de observações tinham sido tratadas a uma diarreia infecciosa, das consideradas «banais». A criança que continua internada apresenta, por seu

turno, diarreias e vômitos com mais frequência.

Em Odemira admitia-se esta manhã que o leite que é servido às crianças, sobretudo no infante local, não apresente as melhores condições. Curiosamente, são ainda desconhecidos nesta vila alentejana os resultados da operação de fiscalização que há uma semana ali desenvolve uma brigada das Actividades Económicas, se bem que se saiba que foram detectados milhares de litros impróprios para consumo.

Análise são inconclusivas

Alarme sem fundamento: mas quem garante água de Sintra?

As análises à água feitas pelos Serviços Municipalizados de Sintra e pela EPAL não são ainda conclusivas, declaram em comunicado conjunto, ontem divulgado, aqueles dois organismos, a Câmara Municipal e a Delegação de Saúde de Sintra.

Segundo o texto tornado público, «só com novas análises a efectuar com colheitas em condições técnicas padronizadas e extremamente cuidadosas poderão obter-se resultados definitivos, o que se fará com a máxima urgência».

Esta tomada de posição vem contrariar frontalmente o teor do comunicado dos Serviços Municipalizados de Sintra do passado dia 31 de Outubro, em que se apelava à população no sentido de evitar o consumo de água da rede de abastecimento público, em virtude dos elevados teores de óleo e gorduras detectados por análises a colheitas de água.

No comunicado que agora é também subscrito pelo mesmo organismo, aquela tomada de posição é explicitamente citada, quando se afirma que «perante os últimos elementos obtidos, especialmente os resultados fornecidos pela EPAL das últimas análises conhecidas, considera-se desnecessariamente alarmante o teor do comunicado dos SMS de 31 de Outubro passado».

O mesmo organismo está

ainda na mira da EPAL, que ontem, através de declarações do presidente do seu conselho de administração a um vespertino, acusou de «inconsciência» os autores do «desgraçado primeiro comunicado» a que acima fizemos referência.

Entretanto, o ministério da Saúde declarava ontem que não é «necessário e oportuno tomar qualquer medida restritiva à utilização da água fornecida pela EPAL», o que é pelo menos singular, quando reconhece que «as análises aos teores de óleos e gorduras revelam resultados discordantes». Por estas razões, a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários tornou ontem público que «dentro da sua missão de uma efectiva e permanente protecção da saúde da população, resolveu promover urgentemente um estudo laboratorial qualitativo relacionado com os parâmetros óleos e gorduras, que tenha em atenção não só idênticas técnicas de análises, como ainda semelhantes condições de colheita de amostras».

Enquanto tudo isto acontece, o consumidor da região de Sintra continua a receber e usar água cuja qualidade continua a ignorar tudo, já que nenhum organismo responsável parece presentemente em condições de o garantir formalmente.



O atravessamento da segunda circular continua a ser um tormento, até à construção de uma passagem superior

Obras da passagem superior não começaram

Promessas não levam Telheiras à escola

O Conselho Directivo da Escola Secundária de Telheiras desmentiu esta manhã ao «DL» que já tenham sido iniciadas obras de construção de uma passagem de peões sobre a segunda circular com o objectivo de facilitarem o acesso àquele estabelecimento de ensino.

A falta de garantias levou, de resto, a que professores, trabalhadores e alunos se decidissem por manter a escola fechada, mesmo depois de ontem ter comparecido no local um elemento da Comissão técnica do Equipamento Escolar.

«No que se refere às passagens superiores da segunda circular encontram-se em adiantado estado de construção,

tendo sido já iniciadas as obras para a implementação das fundações» — lê-se no comunicado divulgado pelo Partido Socialista, na sequência de informações do vereador do pelouro de trânsito, ontem em reunião da Câmara de Lisboa.

«Aqui não há obras nenhuma» — comentou um elemento do Conselho Directivo da Escola Secundária de Telheiras. «E o elemento do Equipamento Escolar que aqui esteve ontem nem sequer sabe o local em que será construída a passagem superior da segunda circular».

Alberto Vila Nova, o vereador do trânsito da CML, informou ontem os seus pares de que não é viável a execução de obras na Azinhaga das Telheiras, onde se

verificou o atropelamento, no dia 31, da presidente do Conselho Directivo da escola e que constitui uma das duas vias de acesso.

A solução adoptada pela Câmara, através do vereador do trânsito, será, segundo anunciou, a de adoptar medidas condicionantes do acesso de determinados tipos de viaturas à Azinhaga de Telheiras. A possibilidade de serem colocadas lombas nessa via vai também ser analisada.

Os alunos da escola de Telheiras tinham, por outro lado, concretizado, ontem, uma acção de protesto pela situação que se arasta, demolindo parte do muro que ladeia a artéria e pondo as pedras no sentido de a obstruírem.

Vão ser feitos contactos com o MES e a JAE

Póvoa mandata comissão para evitar mais mortos

A população da Póvoa de Santa Iria, do concelho de Vila Franca de Xira, incumbiu ontem uma comissão representativa de freguesia para contactar a Junta Autónoma das Estradas e o Ministério do Equipamento Social no sentido desses dois departamentos de Estado dotarem a Estrada Nacional n.º 10, que atravessa toda a freguesia, de sinalização adequada «para que estejam a onda de mortos nesta terra», disse esta manhã o presidente da JF local, Diamantino Nabais, ao «DL».

A colocação de semáforos e passadeiras para peões ao longo da EN n.º 10, nesta freguesia vilafraquense, é uma velha aspiração dos povoenses, insistentemente

reclamada nos últimos dez anos junto dos órgãos do poder. Mais de dezena e meia de pessoas foram desde 1974 atropeladas mortalmente na Póvoa de Santa Iria. A última delas, o operário reformado Egidio Joaquim Geada, colhido no sábado junto à bifurcação da Rua da República, foi esta manhã a sepultar. Na passada quinta-feira morreu o trabalhador da Soda-Póvoa, Fernando Paulino Machado, de 53 anos.

Os sistemáticos acidentes, ortais nesta terra, sobretudo os dois últimos atropelamentos, no prazo de três dias, provocaram revolta entre os povoenses que, no passado fim-de-semana, chegaram a

admitir o «corte» da EN n.º 10. A convocação de uma reunião extraordinária da Assembleia da Freguesia para ontem, por parte da autarquia local, visou fundamentalmente evitar a radicalização de posições.

Da reunião saiu a constituição de uma comissão representativa da freguesia, tomada por dois elementos da Junta, três da Assembleia da Freguesia e cinco indicados pela população, a qual «irá desenvolver todos os esforços ao seu alcance para que seja encontrada uma solução para este caso», disse-nos ainda Diamantino Nabais.

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTROM

Quizeram os fados que eu fosse passar o último fim-de-semana a Ilhavo, minha Pátria inicial e baptisma!

Tão súbita foi a decisão que me não deu tempo a comunicar com a família viva que lá tenho. Então só me restava alugar as noites. Eisme para trás e para diante, em tantos sítios familiares à minha memória, e já tão estranhos aos meus próprios olhos — como se me censurassem pelas noites mercenárias, sem o embalo da onda que balança em cada vela da gafanha ao cimo da vila.

Para onde quer que vá, por esse mundo fora, o quarto do hotel não me agride. Ao contrário: funciona numa espécie de lugar com privilégio de extraterritorialidade. Aqui, na terra minha, na terra de meus pais e meus avós, as paredes do quarto transpiram de frieza e solidão.

Assim foi que dei a volta à chave do quarto («a gerência não se responsabiliza por quaisquer valores não entregues à sua guarda») e andei sem destino, sem opção, a olhar para as casas e para o rosto das pessoas como se procurasse as respostas sabe-se lá de que enigmas...

Dei por mim diante da «Avenida da Saudade». Era Dia de Finados Boa ocasião para visitar os familiares mortos, pensei. Comprei uma flor, entrei no cemitério.

Durante toda a tarde vagueei entre as campas em busca dos nomes familiares, os Fonecas, os Agros, os Bodas, os Pingueiros, sei lá. Parei somente quando as forças começaram a faltar-me e já era reduzida a luz do dia.

Não encontrei ninguém. E a culpa não era deles, não era. Era minha, unicamente minha, que há tantos anos tenho faltado ao encontro. Eles estavam lá. Eu é que pertencia a outro mundo. Acabei por deixar a flor numa campa qualquer. A campa do conterrâneo desconhecido símbolo de todos os conterrâneos...

Tive então a ciência da minha solidão ali. Era a alma que me faltava, mais do que o ar. Próximo da noite dei a mão ao meu filho, fomos andando «Gostava de ser daqui — disse-me ele — Por que não nasci em Ilhavo?» A pergunta não tinha resposta. A vida é como é. Mas nesse instante, toda a solidão desapareceu. Era como se toda a minha família renascesse. Como se a raiz, de novo, pegasse...

Detectadas infiltrações

Barreiro está sem piscina

A Câmara do Barreiro decidiu manter a piscina municipal encerrada dado terem sido detectados indícios de contaminação da água.

Segundo um comunicado ontem distribuído pela Câmara, a contaminação é proveniente de

infiltrações registadas na piscina.

O comunicado acrescenta que o problema detectado «obrigará a uma reparação total do tanque da piscina, trabalho oneroso e demorado, que impedirá a sua utilização nso tempos mais próximos»

Abaixo-assinado por inquérito à Câmara de Castelo Branco

A Aliança Povo Unido de Castelo Branco promoveu a recolha de assinaturas de pessoas que apoiem um pedido de sindicância à Câmara Municipal daquela cidade — soube a ANOP junto daquela organização política.

O pedido de sindicância foi solicitado pela APU ao Ministério da Administração Interna (MAI),

em Julho, face a alegadas irregularidades na gestão municipal.

No abaixo-assinado posto a circular no concelho albacense, afirma-se que as acusações de ilegalidades e irregularidades na gestão camarária não foram desmentidas enquanto que continua posta em causa a dignidade da imagem da edilidade face à população.



III SEMANA DE CULTURA ANGOLANA POR OCASIÃO DO NONO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DA RPA

CONFERÊNCIAS SOBRE ANGOLA

ISCTE (Sala Prof. Laginha) — Av. Forças Armadas

6 Novembro, 3.ª feira — 21H30:

As questões político-estratégicas de Angola no contexto da África Austral dr. Luís Moita

8 Novembro, 5.ª feira — 21H30:

As questões económicas de Angola no contexto da África Austral pelo prof. Mário Murteira

CASA PRECISA-SE

Para alugar em Sesimbra
Resposta a este jornal
ao n.º 6111

PRECISA-SE ARMAZÉM

Pequeno espaço no Montijo.
Resposta a este jornal ao N.º
6112

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO

ANÚNCIO

EMBARGOS DE EXECUÇÃO N.º 6466-A da 2.ª SECÇÃO EMBARGANTE NELSON PINTO, com a última residência conhecida na Travessa da Conceição da Glória n.º 7-3.º Apartamento 29, em Lisboa. Embargado Banco Nacional Ultramarino E.P.
Notifica-se o embargante acima identificado, para no prazo de VINTE DIAS, decorridos que sejam TRINTA DIAS DE EDITOS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, constituir novo mandatário, dada a recusa do mandatário que constituiu.

Lisboa, 26 de Outubro de 1984

O Juiz de Direito
ISIDRO DE MATOS CANAS

O Escrivão Adjunto
MANUEL HENRIQUE GUERREIRO
BONITA

«DL» 6/11/84 — 1.ª Pub.

COMARCA DE LISBOA — 8.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Para citação de credores desconhecidos
Proc. n.º 5.812-B
1.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos da executada — RUBEN & LEAL, LIMITADA, com sede no Parque de Campismo de Melides, Grândola, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa.

Lisboa, 11 de Outubro de 1984

O Escrivão de Direito
a) ARMANDO FERREIRA

Verifiquei

O Juiz de Direito
a) JOÃO MANUEL DA CRUZ

«DL» 6/11/84 — 1.ª Pub.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

AVISO AO PÚBLICO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 26 de Novembro de 1984, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de uma dependência na estação de Beja.

A anuidade mínima a oferecer é de 50 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 8400\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Beja
- Serviço Comercial da Região Sul
- Barreiro
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma dependência na estação de Beja»



Mondale, aparentemente convicto da vitória, em Los Angeles, no encerramento da campanha (Telefoto UPI/NP/«DL»)

Eleições hoje nos EUA

Reagan espera ganhar em 49 estados e Mondale acredita na “grande surpresa”

O partido republicano do presidente Reagan previu ontem que ele ganhará hoje em 49 dos 50 Estados, mas apoiantes do democrata Walter Mondale dizem esperar que o seu homem consiga a maior surpresa política de sempre nos Estados Unidos. Frank Fahrenkopf, presidente do Partido Republicano, previu que Reagan obtenha 520 dos 538 votos do Colégio Eleitoral, em que 270 são precisos para a eleição. Também disse que os republicanos conseguirão entre 16 a 20 lugares na Câmara dos Representantes, mas previu a perda de uma ou duas corridas para o Senado. Em entrevista à televisão na véspera das eleições, Fahrenkopf afirmou estar a ser «cauteloso» ao prever que Reagan obtenha hoje uma das maiores vitórias eleitorais na história dos Estados Unidos.

«Julgo que vamos ganhar em 49 Estados e que Mondale obterá 13 votos eleitorais. Penso que vamos conseguir entre 16 a 20 lugares na Câmara e que perderemos um ou dois no Senado», afirmou. Mas o chefe da campanha de Mondale, Robert Beckel, disse que Reagan vai ter uma surpresa hoje, porque os eleitores vão produzir «a maior surpresa política na história norte-americana».

Apesar do facto de a maioria das sondagens mostrarem Mondale bastante atrás, disse que o candidato democrata sairá vencedor por ganhar nos Estados do leste e do Interior industrial.

«Penso que temos uma surpresa para Reagan na costa do Pacífico e no seu próprio estado da Califórnia», acrescentou Beckel.

O assessor de Mondale para sondagens, Peter Hart, afirmou que 13 por cento dos 127 milhões de eleitores registados ainda estão indecisos sobre o candidato a escolher.

Embora as sondagens tenham dado uma dianteira de entre 16 e 25 pontos de Reagan sobre Mondale, os democratas extraem algumas esperanças de sonda-

gens de última hora que indicam algum movimento na direcção de Mondale.

Numa sondagem de Louis Harris para a National Public Radio, ontem divulgada, nota-se que a maioria do novo apoio a Mondale vem das mulheres e dos negros, o que o fez subir para uma distância de 11 pontos de Reagan. Na semana passada, a margem era de 16 por cento.

A sondagem Harris mostra pela primeira vez que Mondale passou para a frente de Reagan no Leste (51 contra 48 por cento), e que estava ao mesmo nível de Reagan entre as mulheres eleitorais.

Reagan continua à frente em outras áreas do país e entre os eleitores masculinos.

Uma sondagem Gallup pré-eleitoral final indica estar Reagan à frente com uma margem de 59 para 41 por cento.

Charles Manatt, presidente do partido Democrático, disse que seria preciso uma afluência às urnas de cem milhões de eleitores para Mondale ganhar.

Em 1980, o número de votos atingiu o recorde de 86,5 milhões, representando 52,6 por cento dos eleitores registados.

O especialista em sondagens da equipa de Reagan, Richard Kir Wirthlin, disse que os republicanos também contam com uma grande afluência às urnas, que historicamente favorece os democratas por o seu partido ser o que conta com maior número de eleitores registados.

Ambos os candidatos começaram o seu último dia de campanha na Califórnia, o Estado mais populoso da Nação.

Os números das eleições

São mais de 170 milhões (o equivalente a 73,5 por cento da população) os eleitores dos EUA.

Dos 173.936 milhões de eleitores, 82.904 milhões são homens e 91.032 milhões são mulheres.

O Bureau de Projeções indicou que este ano o número de

eleitores negros ascende a 19.062 milhões, dos quais 8770 milhões são homens e 10.292 milhões são mulheres.

O local onde as secções de voto abriram mais cedo — depois da meia-noite local de segunda-feira (5.00 de Lisboa de hoje) foi no pequeno desfiladeiro de Dixville, no Estado de New Hampshire, no Nordeste.

A maior parte das secções de voto na Costa Atlântica abriu às 6.00 h locais (11.00 h de Lisboa), esperando-se os primeiros resultados depois das 19.00 h (24.00 h de Lisboa).

Além da eleição do presidente, estão em jogo 33 dos cem lugares do Senado, todos os 435 lugares da Câmara dos Representantes e 13 dos 50 cargos de governadores.

Desnuclearização

A oposição à energia e às armas atómicas reflectir-se-á hoje em algumas circunscrições, quando eleitores de quatro Estados decidirem banir, ou não, as actividades nucleares nas suas comunidades.

O número de condados e municipalidades com zonas desnuclearizadas deverá aumentar para mais de 75 por cento, se todas as propostas forem aprovadas, afirma Albert Donnay, director de uma organização denominada América Desnuclearizada, com sede em Baltimore.

Comunidades na Califórnia, Michigan, Oregon e Washington votam propostas relacionadas com zonas desnuclearizadas. Além disso, dois Estados entregam igualmente às urnas uma decisão sobre a eliminação do lixo nuclear: o Dakota do Sul e o Missuri.

As iniciativas sobre zonas desnuclearizadas estão presentes na maioria das mesas de voto a nível nacional. O ímpeto para as zonas desnuclearizadas advém dos movimentos Energia Antinuclear e Congelamento das Armas Nucleares.

As eleições na Nicarágua

Aumen

A Frente Sandinista de Libertação tem vantagem sobre os restantes partidos gerais do passado domingo, que centos dos votos.

Dados fornecidos pelo Conselho Eleitoral, os sandinistas obtiveram 67,1 por cento dos votos.

O Partido Conservador Democrático subiu ao segundo lugar, desalojando o primeiro.

O Conselho Supremo Eleitoral dos votos de 1450 mesas eleitorais.

Até agora foram escrutinados 481 535 eleitores inscritos. Os resultados são os seguintes:

Mais de um milhão e meio de votos elegeram domingo o presidente da República e uma Assembleia Legislativa. Segundo os últimos dados de cada partido nas eleições presidenciais seguintes:

PARTIDO

Frente Sandinista
Conservador Democrático
Liberal Independente
Popular Social Cristão
Comunista
Socialista
Movimento Acção Popular (M-18)

Ortega aos jornalistas

O comandante Daniel Ortega, virtual presidente da República da Nicarágua, convidou o governo dos Estados Unidos a «intervir militarmente ou negociar» com o seu país. Ortega proferiu estas palavras em conferência de imprensa, perante jornalistas.

Corrente pró em maioria n

Os resultados provisórios das eleições para delegados ao Congresso do PSOE indicam que o primeiro-ministro Felipe Gonzalez dispõe de uma maioria favorável à manutenção da Espanha na Aliança Atlântica.

Os resultados revelam que cerca de 80 por cento dos 753 delegados regionais eleitos este fim-de-semana para o Congresso do Partido Socialista, no poder, apoiam a proposta da direcção de manter a Espanha na NATO.

Os restantes 20 por cento pertencem à ala esquerda do Partido que se opõe à presença da Espanha na NATO.

Gonzalez anunciou na semana passada, no Parlamento, ser pessoalmente favorável à presença da Espanha na Aliança Atlântica, muito embora sem integrar as suas estruturas militares», à semelhança de França.

O primeiro-ministro espanhol prometeu ainda que o referendo nacional sobre a questão se realizará até finais de Fevereiro de 1986. O congresso do Partido

Chanceler austríaca

O chanceler austríaco Fred Sinowatz, chegou ontem à República Democrática Alemã (RDA) para uma visita de dois dias, durante a qual manterá conversações com Erich Honecker.

O encontro entre os dois dirigentes antecede a visita do chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, a Viena, no próximo dia 21.

Os dois países estão empenhados em desanuviar as relações Leste-Oeste, agravadas após a instalação de novas armas nucleares nas duas Alemanhas e na Checoslováquia e a salientar o papel dos pequenos

Os motins na África do Sul: aumenta o número de mortos

Pelo menos dez pessoas foram mortas na província do Transvaal, durante manifestações violentas nas cidades negras à volta de Joanesburgo e Pretória, anunciou o porta-voz da Polícia sul-africana, tenente Thomas Jefferson.

Os incidentes eclodiram quando a Polícia procurou dispersar pela força centenas de milhares de negros em greve, que protes-

tavam contra o baixo nível de vida da comunidade negra e a política do «apartheid».

Os confrontos foram particularmente graves em Tembisa, 25 quilómetros a nordeste de Joanesburgo, onde morreram cinco negros.

Os amotinados deitaram fogo a um comboio, cervejarias estatais, habitações e a dezenas de veículos em Tembisa, Katlahong, 20

quilómetros a sueste de Joanesburgo, e em outras áreas residenciais negras, acrescentou o porta-voz da Polícia.

Pelo menos 150 mil estudantes negros boicotaram as aulas, na maior manifestação deste tipo desde que, em Fevereiro, iniciaram uma campanha em prol de uma melhoria de instrução e da democracia interna nas escolas.

Nicarágua Ganha vantagem sandinista

Libertação Nacional aumentou a sua vantagem sobre os partidos concorrentes às eleições presidenciais, quando estão contados 24 por cento dos votos. O Conselho Supremo Eleitoral indicam que o Partido Democrata, com 12,39 por cento, desalojando o Partido Liberal Independente. O Conselho Supremo Eleitoral informou que foram escrutinadas 3892 instalações eleitorais, das 3892 instaladas no país. Os votos válidos foram 355 069 e os votos inválidos 381 243 votos de um total de 736 312. Os votos válidos foram 355 069 e os votos inválidos 381 243 votos de um total de 736 312.

PRESIDENCIAIS/LEGISLATIVAS	
240.874	239.110
43.856	43.796
37.655	37.510
19.636	19.675
5.143	4.992
4.664	4.941
3.241	3.282

estrageiros, onde proclamou a vitória da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) nas eleições.

Daniel Ortega salientou que não restam a Ronald Reagan senão essas duas alternativas, se for reeleito presidente dos Estados Unidos. O dirigente sandinista afirmou

que as conversações bilaterais entre os Estados Unidos e a Nicarágua «se encontram suspensas».

Ortega disse que a acta de Contadora, que visa instituir a paz na América Central, deverá ser ratificada por todos os países da região, incluindo os Estados Unidos.

«O presidente Reagan insiste na sua gestão de apoio aos contra-revolucionários e, desde 1981, a administração norte-americana já deu 80 milhões de dólares aos que combatem o regime sandinista», acrescentou Ortega.

Daniel Ortega disse que não acredita que, no futuro, os Estados Unidos insistam na sua política de «desgaste económico» contra a Nicarágua, porque já «têm provas de que ela não resulta».

Ortega referiu que a «agressão militar, política e ideológica» dos Estados Unidos contra a Nicarágua tem sido frustrada e a prova disso «foram as eleições de domingo», acrescentou.

O líder sandinista insistiu que o governo dos Estados Unidos continua a comprometer-se com o governo das Honduras e utiliza o território da Costa Rica para desenvolver planos agressivos contra o seu país.

«Há que intensificar planos de defesa da Nicarágua e preparar a população para combater uma provável intervenção militar no país que, a desencadear-se, será antecipada por um bombardeamento aéreo», concluiu Ortega.

PSOE: satisfação

O Partido Socialista Operário Espanhol expressou satisfação face à realização das eleições na Nicarágua, enquanto a direita espanhola as considerava «antidemocráticas» e uma «farsa».

O PSOE divulgou uma nota a afirmar que «teria sido desejável a participação de todas as forças políticas nicaraguenses nas eleições», mas que estas «podem constituir um ponto de partida para aprofundar o diálogo nacional já iniciado entre as forças políticas e sociais do país».

O Partido Socialista renovou o apelo para que cessem as agressões contra a Nicarágua, de modo que o seu povo «possa desenvolver o diálogo num clima de paz e tranquilidade».

PCP: solidariedade

O Partido Comunista Português manifestou o seu apoio e solidariedade ao povo nicaraguense e à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) face aos resultados das eleições de domingo.

«As eleições significam não apenas um novo e importante passo para a consolidação da revolução nacional, mas também uma vitória face ao imperialismo norte-americano», assinala o comunicado.

O documento salienta que o perigo de «uma invasão, directa ou indirecta, desencadeada pelos Estados Unidos não está afastado», apela à solidariedade da «class operária para com o povo nicaraguense» e reitera a solidariedade dos comunistas à luta da FSLN.

Combates: morte de ministro

Um oficial sandinista de alta patente e 73 contra-revolucionários morreram num combate ocorrido ontem, durante uma emboscada em Camoapa (provincia de Boaco).

O Ministério nicaraguense do Interior informou que o major sandinista Enrique Schmidt, ministro director do Instituto de Telecomunicações e Correios (Telcor), morreu durante o confronto.

A primeiras versões extra-oficiais sobre a emboscada indicavam que, no combate, morreram, também, 25 polícias nicaraguenses, mas fontes oficiais negaram este facto.

A emboscada contra Schmidt, primeiro oficial da sua patente que morre no campo de batalha, ocorreu um dia após as eleições presidenciais e legislativas.

A Junta Sandinista decretou um dia de luto nacional pela morte de Schmidt e atribuiu-lhe, a título póstumo, a Medalha de Mérito Pedro Arauz.

“Piratas do ar” presos em Teerão

Os piratas do ar que desviaram um avião saudita foram hoje presos no Aeroporto de Teerão, informou a agência noticiosa oficial iraniana IRNA.

Anteriormente, os sequestradores do aparelho que efectuava um voo regular de Londres para Riade, tinham começado a libertar uma parte das 130 pessoas — passageiros e tripulantes — que seguiam a bordo.

Os piratas do ar, cujo número e identidade ainda se desconhece, tomaram conta do tráfego da Saudia, quando este sobrevoava o espaço aéreo da Arabia Saudita, depois de uma breve escala em Jida.

Os sequestradores tinham pedido para se avistarem com o ministro iraniano do Interior, mas acabaram por ser dominados pelas forças de Segurança iranianas, que começaram a libertar os passageiros às 07h00 de Lisboa.

Filipinas

Fabian Ver acusado da morte de Aquino

O chefe de Estado-Maior das Forças Armadas filipinas, Fabian Ver e 25 outros indivíduos foram apontados como os culpados pelo «duplo assassinio» de Benigno Aquino e Roland Galman, revelaram os promotores de justiça em Manila.

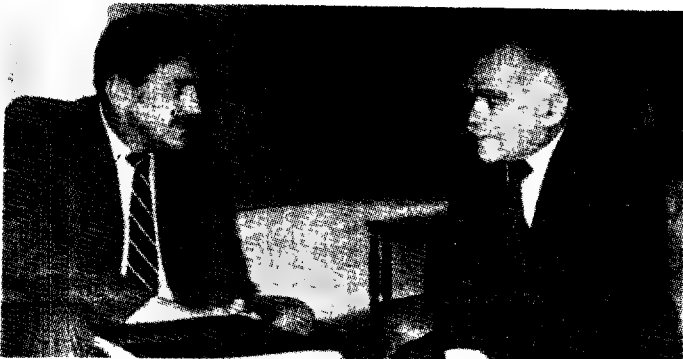
O advogado Manuel Herrera, membro de um júri que investiga o caso, referiu que os 26 acusados serão interrogados dentro de dez dias.

O Júri da Provedoria de Justiça pode decidir se existem provas para que este caso vá a tribunal ou se as acusações não se justificam.

«Agora os indivíduos em causa são apenas indicados como implicados em «duplo assassinio», referiu Herrera.

Na Assembleia Nacional filipina, 57 deputados da oposição pediram entretanto a resignação do presidente Ferdinando Marcos por ser «o responsável moral, legal e politicamente do assassinio de Aquino».

Esta resolução exigia também a imediata retirada de Ver do serviço militar, assim como a de outros chefes militares implicados no mesmo assassinio.



«Pik» Botha com o seu homólogo Yitzhak Shamir (Telefoto UPI/NP/-DL-)

Shimon Peres recusa-se a receber «Pik» Botha

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, reuniu-se ontem com o seu homólogo israelita e disse que as relações entre os dois países nada têm de especial.

«Temos relações realistas», disse Botha. Ambos os governos acham que não devemos criar a impressão de que estamos muito juntos, porque isso não é verdade».

O ministro sul-africano disse que os laços com Israel não são mais fortes do que os que ligam Pretória a países africanos.

Mas alguns dirigentes israelitas não ficaram muito satisfeitos com a visita, proposta por Botha, por poder afectar o recomeço das relações entre Israel e a África, francamente diminuídas devido ao boicote proposto pelos países árabes nos anos 70.

Fontes do Ministério dos Negócios Estrangeiros israelitas disseram entretanto que Botha informou o seu homólogo, Yitzhak Shamir, dos esforços sul-africanos para normalizar as relações com os países vizinhos.

O primeiro-ministro, Shimon Peres, recusou-se a receber Botha e o próprio Shamir esclareceu que Israel é um dos muitos países que condenam o «apartheid».

Pacto social

O governo, sindicatos e associações patronais de Israel assinaram ontem um pacto de três meses que congela todos os preços, salários e impostos, mas alguns ministros receiam que o acordo favoreça a espiral da inflação.

O primeiro-ministro, Shimon Peres, disse durante a breve cerimónia de assinatura do pacto que tinha sido «difícil para todas as partes envolvidas aceitar o acordo, mas ele foi finalmente aceite por ser necessário para salvar a economia».

Depois de incontáveis reuniões entre o governo, os sindicatos e os representantes do patronato, começaram a ser divulgadas as listas com os preços máximos de mais de 400 artigos e serviços.

O ministro das Finanças, Yitzhak Modai, bem como outros membros do executivo foram ultrapassados por Peres que, contra a sua opinião, aceitou uma exigência dos sindicatos no sentido de serem com os preços de todos os bens e serviços, incluindo os subsidiados pelo governo.

Israel e o Líbano concordaram em iniciar quinta-feira as conversações sobre a retirada de tropas israelitas do Sul do Líbano, disse um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Jerusalém.

As conversações, inicialmente previstas para começarem ontem na sede da delegação das Nações Unidas no Sul do Líbano, tinham sido adiadas de alguns dias a pedido do governo de Beirute.

Um comunicado do Ministério libanês dos Estrangeiros, citado pelas rádios de Beirute, afirmou que oficiais do Exército dos dois países se vão encontrar quinta-feira na localidade costeira de Nokuser, no Sul do Líbano.

Tró-NATO no PSOE

Socialista, no poder desde 1982, realiza-se entre 14 e 16 de Dezembro.

Caso «Flick»

O deputado social-democrata alemão Peter Struck desmentiu a agência EFE, através de um porta-voz, as afirmações que lhe foram atribuídas, segundo as quais o dinheiro do consórcio Flick serviu para financiar o PSOE.

As afirmações atribuídas a Peter Struck, deputado do Partido Social-Democrata alemão e membro da Comissão Parlamentar que investiga o escândalo Flick foram publicadas por um jornal alemão, «Frankfurter Rundschau» e reproduzidas pelo diário espanhol «La Vanguardia», a partir do que se criou a polémica em Espanha.

Com base nessa publicação, o partido conservador «Aliança Popular» apresentou uma pergunta ao presidente do governo através do Congresso.

O jornal alemão, que tinha publicado a informação um dia antes, não fora desmentido.

Crítico na RDA

países na política internacional. Fontes diplomáticas ocidentais comentam também que a Áustria se ofereceu para resolver as divergências entre a RDA e a RFA, surgidas após a ocupação da Embaixada alemã-federal em Praga por 130 alemães-democráticos que pretendem emigrar para o Ocidente.

Honecker visitou a Áustria em 1980, enquanto o presidente austríaco, Rudolf Kirchschläger, visitou a RDA em Outubro do ano passado.

Sinowatz é o segundo chanceler austríaco a visitar a Alemanha Democrática. O primeiro foi Bruno Kreisky, em 1978.

Para dar «liberdade de acção» a Pinochet

Demitiu-se o governo do Chile

•Aumenta o mal estar no país

O governo chileno demitiu-se ontem em bloco para deixar ao presidente Augusto Pinochet «liberdade de acção» — declarou o ministro — secretário-geral do governo, Alfonso Marquez de La Plata.

Acrescentou que os pedidos de renúncia não são indeclináveis e que o general Pinochet poderá rejeitá-los se o julgar conveniente.

Horas antes, o ministro do Interior, Sérgio Onofre Jarpa, tinha-se demitido, alegando que «como católico não podia continuar» a exercer o cargo por vários motivos.

Um deles — prosseguiu — foi a declaração de alguns bispos chilenos em Roma «criticando as medidas que se têm tomado no Ministério do Interior para ir solucionando, dentro das possibilidades, o problema dos exilados».

Jarpa, que afirmou «ter boas relações com alguns arcebispos e bispos», considerou que essa declaração exclui «toda a possibilidade de trabalhar, porque, quando há um entendimento entre um grupo tão importante de bispos e os dirigentes máximos do comunismo soviético», se vê impossibilitado «como católico, de continuar a actuar».

Sábado passado, em Roma, um grupo de prelados chilenos, entre eles o secretário-geral da Conferência Episcopal, depois de uma reunião com os exilados chilenos, decidiu solicitar ao Papa João Paulo II que adiasse a sua visita ao Chile, «porque seria interpretada como um gesto em direcção ao regime de Pinochet».

O presidente do grupo dos ex-parlamentares da Democracia Cristã, Luis Pareto, ao comentar a renúncia do governo,

qualificou de «absurda» a razão invocada por Jarpa para a sua demissão.

Para Pareto, «a verdade é que os bispos católicos estão acima das suspeitas do senhor Jarpa e a verdadeira razão da sua renúncia é a crise política e moral que o país está a viver».

O dirigente da social-democracia chilena, René Abelillo, afirmou ser «impossível» dissociar «a actual crise do gabinete do discurso do chefe de Estado em Vina Del Mar, há uma semana, quando pôs termo à abertura política».

Analistas políticos observam que há um mal-estar crescente no país, que a semana passada conheceu a sua primeira greve geral, com recontros sangrentos entre a Polícia e manifestantes, de que resultaram várias mortes e numerosos feridos.

O caso Popieluszko

Um coronel acusado

Um alto funcionário do Ministério polaco do Interior, coronel Adam Pietruszka, foi acusado de ser cúmplice dos raptadores do padre Jerzy Popieluszko, assassinado no mês passado, informou o Ministério.

O coronel Pietruszka é o mais importante funcionário detido desde o início da investigação do homicídio do padre de Varsóvia que foi a enterrar no sábado na

presença de uma multidão de 250 mil pessoas.

O Ministério informou em comunicado que o procurador foi instado a acusar Pietruszka, vice-director de um Departamento, por suspeita de ter ajudado e incitado os executores de Popieluszko.

A declaração ministerial afirma não haver provas suficientes para incriminar um tenente-

-coronel da Polícia, identificado apenas pelo nome de Leszek W., detido ao mesmo tempo que Pietruszka, pelo que foi já libertado.

Três membros da Polícia de Segurança, um capitão e dois tenentes, foram acusados do rapto de Popieluszko e deverão também ser acusados do seu homicídio.

Lisnave

Mil trabalhadores já pediram a rescisão dos contratos

Cerca de mil trabalhadores da Lisnave já pediram a rescisão voluntária dos contratos de trabalho — informa a NP, citando os serviços de pessoal da empresa.

Segundo a mesma fonte, cabe agora à administração decidir caso a caso do pedido formulado pelos trabalhadores.

A administração pode não conceder a rescisão voluntária dos trabalhadores que considere indispensáveis ao funcionamento normal da empresa.

A Lisnave — um dos maiores estaleiros navais do mundo — foi oficialmente declarada em situação económica difícil há cerca de um mês, mas dificuldades financeiras não permitiram ainda a implementação de uma resolução do Conselho de Ministros sobre a empresa.

Na perspectiva da administração, uma eventual recuperação da empresa, que tem 21 por cento de capital público, passa pelo despedimento de cerca de dois mil dos seus seis mil trabalhadores.

Esta situação é porém criticada pela comissão de trabalhadores que, ao invés alega que «há trabalhadores a menos».

Os trabalhadores que requerem a rescisão voluntária terão direito ao pagamento de um ordenado por cada ano de antiguidade, mais quatro meses de vencimento-base e o valor dos subsídios de Natal e de férias.

Receberão ainda os salários que tiverem em atraso.



Carris em greve amanhã

Os trabalhadores da Carris paralisam amanhã durante quatro horas, a fim de exigirem a negociação do acordo de empresa.

A greve, convocada pela Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários, vai realizar-se entre as quatro e as oito horas para o pessoal de tráfego e entre as oito e as 12 horas, para o restante pessoal.

Uma fonte sindical afirmou que a paralisação tem em vista «obrigar a administração a apresentar uma contraproposta de

acordo».

Segundo a mesma fonte, a Federação entregou, no dia 16 de Agosto a proposta de acordo, que apontava para um aumento de 28 por cento na tabele salarial.

Uma fonte, a Federação entregou, no dia 16 de Agosto a proposta de acordo, que apontava para um aumento de 28 por cento na tabela salarial.

Uma fonte ligada à administração da Carris disse que a greve agora convocada «não se justificava, uma vez que os pra-

zos para a negociação estão a ser cumpridos».

Segundo a mesma fonte, a administração dispõe de 30 dias, a partir de 1 de Novembro, para responder às propostas dos sindicatos «e vai cumprir o prazo».

A administração elaborou já um comunicado aos trabalhadores onde afirma a sua disposição de negociar os contratos dentro dos prazos legais, a fim de que o novo acordo de empresa entre em vigor no dia 1 de Janeiro de 1985 — acrescentou a mesma fonte.

Doze empresas com salários em atraso no concelho de Sintra

A Delegação de Sintra da União dos Sindicatos de Lisboa anunciou a existência de 12 empresas daquele concelho com salários em atraso e de cinco empresas com condições de segurança e higiene consideradas «gravíssimas».

A empresa acusada de maior número de salários em atraso é a J. Pimenta que, segundo os dados da USL, tem de oito a 18 meses de atraso no pagamento de salários.

Segue-se a CIM, com 12 meses de salários em atraso, a Seicla, com 8 meses e a Sintra Garagem, com seis meses.

A Planindústria, a ACE Indústria, Alberto Pombo, Fervis, AM Equipamentos Industriais,

Atile e Hotel Central, são as outras empresas com vários meses de salários em atraso, segundo a USL.

No que respeita às condições de higiene, as empresas acusadas de más condições são a EIP, a Soremate, Vitalica, Fábrica Portugal e Duraplás.

A USL refere, principalmente, a inexistência de refeitórios, sanitários, de água potável e, ainda, o não fornecimento de materiais de protecção, tais como óculos e luvas.

A USL relata, ainda, no seu documento, situações de «repressão e discriminação» noutras empresas e o recurso a contratos a prazo, na maioria das empresas do concelho.

MNE continua a «caça às bruxas»

- acusa a Federação da F.P.

A Federação dos Sindicatos da Função Pública protestou contra a suspensão do secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Consulares e as Missões Diplomáticas na Europa, pelo embaixador em França — revela um comunicado daquela Federação.

António Topa recebeu no passado dia 2 de Novembro um telegrama assinado pelo embaixador de Portugal em França, Walter Rosa, «dispensando os seus serviços a partir de um de Janeiro de 1985», acrescenta o comunicado.

O dirigente sindical deveria ter-se apresentado ao serviço no mesmo dia no Consulado Português em Bordéus e não o fez por

ter «sido requisitado, nos termos da lei, para serviço a tempo inteiro no sindicato».

A Federação acusa o Ministério dos Negócios Estrangeiros de estar a promover uma «caça às bruxas» e sublinha o despedimento em princípios de Outubro de um dirigente e um delegado sindical que prestavam serviço no Consulado Português de Tours.

O comunicado acrescenta que a Federação e o Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas pediram audiências ao Primeiro-Ministro e ao ministro dos Negócios Estrangeiros «sem que tenham obtido resposta».

Para 1985

Negociações salariais poderão basear-se na taxa de inflação

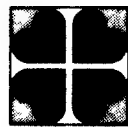
— diz um dirigente da UGT

O Conselho Permanente da Concertação Social acordou negociar a contratação colectiva com base no índice previsto de inflação para o ano da negociação — revelou um dirigente da UGT.

José Veludo acrescentou que as negociações salariais para 1985 poderão vir a ser feitas com base na taxa de inflação prevista no Orçamento de Estado, sendo as alterações à taxa prevista, caso se venha a verificar num

montante que o justifique, acrescentadas posteriormente, ou transitadas para o ano seguinte.

O dirigente da UGT admitiu que o esquema de negociação poderá sofrer algumas alterações de acordo com interesses sectoriais em «que a crise ou outros problemas conjunturais levem os trabalhadores a adoptar formas de negociação própria, de modo a salvaguardar os seus interesses».



Entre a vida e a morte o SANGUE pode decidir

OUTONO/INVERNO NO ALGARVE

de 15 de Outubro a 31 de Dezembro



BILHETE DE IDA E VOLTA VÁLIDO POR 10 DIAS REDUÇÃO DE 50%

Informe-se na Estação mais próxima ou nas Agências de Viagens

CONSULTE O CALENDÁRIO BICOLOR. ESTA OFERTA SÓ É VÁLIDA NOS DIAS VERDES

Caminhos de Ferro Portugueses

CP/Design



concurso



NOME

Idade Profissão

Morada

Localidade Cod. Postal

Telefone

Freguesia Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE

Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex

DESPORTO

Custava 5 mil contos

A RTP não transmitirá o jogo de Minsk

A notícia chegara-nos ontem vinda de fonte do maior crédito, e por isso a nossa informação de que a RTP transmitiria em directo o encontro entre o Dinamo de Minsk e o Sporting a realizar na tarde de amanhã. Entretanto, as negociações complicaram-se e a Radiotelevisão Portuguesa não aceitou pagar cerca de cinco mil contos que custaria a referida transmissão, pelo que, e segundo esta manhã nos informou um responsável do Gabinete de Relações Públicas daquela empresa, o assunto está arrumado. Isto é: os adeptos sportinguistas e demais interessados não terão nos seus «écrans» o desejado programa futebolístico que decorrerá no estádio do Dinamo com começo às 13 horas (hora portuguesa). O desmentido (que nos penaliza) aqui fica com o nosso desencanto, mas a crise económica é a única responsável.

Bibliografia desportiva

“Maracanã, adeus”

Em língua portuguesa, não me lembro de se ter escrito com tal violência e tão grande doçura, retratos sucessivos desse futebol que amamos e tão depressa exalta os seus intérpretes, arrojando-os até junto da mesa dos celestes dominadores como (em foguetão impiedoso e cruel) os calca para o anonimato maior, para as profundezas de um inferno vivido sem cêdeas de pão nem sede de água pelos heróis de ontem, subitamente espezinhados pelo aparecimento de novos pés-filigrana, de outras cabeças mais ágeis e menos pesadas.

Experimente o leitor o meu percurso: pegue em «Maracanã, adeus», do fabuloso Edilberto Coutinho e não perca mais um segundo da sua vida. São onze histórias de futebol que terá de devorar num ápice: e não páre, não abrande, não fique cismando muito, pois pode dar-lhe o lampejo de deitar pela boca fora tudo o que anda recalado acerca de certos cartolas de efêmeros donos de mario-netas, de episódios odoricos dos estádios, corruptos até ao cerne das alminhas, jogando no grande manicócio da vida com uns pequenos pontos

brancos que vão sendo os jogadores profissionais do mais belo jogo de conjunto.

Edilberto Coutinho (lançado entre nós pela Editorial Caminho) já está bem acompanhado: «Prémio Internacional Casa das Américas», «Prémio Nacional Afonso Arinos» (da Academia Brasileira de Letras). Contador admirável de estórias perfeitamente arrancadas ao vaivém do quotidiano, sugadas nos morros ou no centro verdejante dos palcos do futebol, arrancadas a quem já não pode esboçar o mais leve gesto de defesa perante seus pares, lê-se de um fôlego e admira-se uma eternidade. Ainda ontem terminei a sua leitura: já hoje vou reabri-la, para que nunca esqueça uma obra que deveria ser de consumo obrigatório para quantos sentem a miragem de um estádio e, atrás de uma bola que salta, vão enrolando os sonhos na amargura que tende para o desespero.

«Maracanã, adeus»: é o título. Melhor seria: «Maracanã, nunca fuja». Prolonga até nossos netos a lição da tua sabedoria». Obrigado, Edilberto Coutinho, pelas lágrimas que me provocou.

NEVES DE SOUSA

Michels: o apelo do sangue

Rinus Michels, o «cérebro» do futebol holandês no princípio dos anos setenta, foi chamado para ocupar o lugar de seleccionador nacional para a equipa reviver o seu passado histórico. Michels, o criador do conceito de **futebol total** que levou a Holanda às finais dos mundiais de 1974 e 1978, foi nomeado pela Federação Holandesa seleccionador nacional substituindo Pels Rijvers, que resignou ao cargo por considerar não ter **bom ambiente de trabalho**.

Rijvers, que se tornou técnico nacional em 1981, tinha sido bastante criticado nos últimos tempos, especialmente depois da derrota em casa (por 2-1) perante a Hungria, no jogo inaugural para a fase de qualificação do mundial.

Michels conduziu o Ajax (de Amsterdão) às jornadas gloriosas dos anos setenta e discordava frequentemente dos conceitos técnicos e táticos de Rijvers: foi o técnico de um dos maiores futebolistas (Johan Cruyff) e quando este decidiu abandonar o Ajax juntou-se de novo a Michels, mas no Barcelona. Este par continuou quando o técnico holandês foi treinar o Los Angeles Aztecas, no futebol norte-americano.

Desde que Michels abandonou o comando técnico da selecção holandesa (em 1974) os dirigentes federativos manifestaram sempre interesse no seu regresso, mas propostas lucrativas de vários clubes retardaram a vinda de Michels, que é uma figura autoritária, que muitos acreditam ter a visão e a força de carácter para lançar novas vetas no futebol holandês, componente em que Rijvers falhou rotundamente.

Embora sem poder contar com «estrelas» como Cruyff e Ruud Krol, Michels tem ao seu dispor uma variedade de jogadores que podem formar uma equipa coesa: é o caso do avançado Ruud Gullit, de Wim Kieft (que alinha no Pisa de Itália) e do avançado Marco Van Basten (do Ajax). Michels que assumirá o comando da equipa no confronto com a Áustria, a 14 do corrente, em jogo do grupo 5, preferiu não fazer comentários ao pedido de demissão de Rijvers.

À procura do tempo perdido, desde a derrota (por 3-1 ante a Argentina, no Mundial de 1978) o futebol holandês tem agora em Rinus Michels (56 anos) a esperança para um período de renascimento que poderá fazer história nos anos oitenta.

Benfica: confiança e optimismo

Apesar do «um-três» com que o Liverpool «brindou» Bento e seus pares, o optimismo reina entre os benfiquistas quanto ao desfecho da eliminatória que amanhã terá a derradeira fase no Estádio da Luz. Um estádio que certamente vai, uma vez mais, esgotar a sua lotação ainda que a turma de Csernai não tenha evidenciado, na temporada em curso, a alta craveira acessível aos seus credenciados futebolistas. No passado sábado houve mesmo enorme vaia de protestos ante o negativo comportamento do onze que defrontou a Académica. Todavia, estamos

em crer que os mais exigentes adeptos do grande clube, já terão esquecido a má exibição e irão tributar aos seus atletas os aplausos calorosos que permitam uma exibição com materialização bastante para reduzir o «score» a favor dos britânicos agora seus opositores na mais importante prova do calendário ufeiro. Pal Csernai tem mantido o ritmo de preparação que vem sendo habitual e dispõe de todos os jogadores (excepto Veloso) em condições de defrontarem o seu perigoso adversário. Aos escolhidos para o encontro frente aos estudantes deverão

juntar-se José Luís, Nivaldo e talvez o «indispensável» Nenê, que, estamos certos, se entrar no relvado, escutará a maior ovação da sua prestigiada carreira. Vamos aguardar.

Liverpool chega hoje

A chegada da comitiva do Liverpool está prevista para as 15,30 horas de hoje ficando instalada numa unidade hoteleira da zona do Estoril. Ao que se sabe não há baixas na turma britânica pelo que se apresentará na noite de amanhã na sua máxima força.

Sporting em Minsk

Partida com chuva bom tempo à chegada

Quem havia de dizer? À chegada a Minsk, a comitiva leonina deparou com melhor tempo do que aquele que se registava em Pedras Rubras à partida. Apenas a temperatura destoava: nove graus positivos, isto é, cerca de sete graus menos do que no Porto. Não chovia e, segundo os entendidos, deverá manter-se o tempo seco por mais dois dias. Boas perspectivas, portanto, para os «leões», que já batiam o dente só de ouvir falar no frio minskiano.

A viagem entre a cidade do Porto e Minsk decorreu normalmente, cumprindo-se o horário estabelecido, pese embora o atraso com que os jogadores, técnicos e dirigentes do Sporting chegaram a Pedras Rubras para tomarem assento no «charter» da TAP, que havia partido de Lisboa já com alguns passageiros a bordo.

A escala técnica que se verificou em Francoforte também não forneceu qualquer nota digna de realce. Durou cerca de uma hora e foi aproveitada das mais diversas formas. Possibilitou, entretanto, que fossem trocadas algumas opiniões. Jordão, por exemplo, dir-nos-ia que «a chuva e a neve que eventualmente se venha a sentir em Minsk não poderão jamais servir de justificação para o resultado, seja ele qual for». Numa alusão ao profissionalismo dos «leões», o artilheiro de Alvalade declarou ainda: «uma equipa como a do Sporting tem de estar preparada para jogar com qualquer tempo e em qualquer estádio do Mundo. Somos profissionais de futebol e, como tal, não podemos pensar que a neve ou a chuva esteja a favor com este ou aquele adversário».

Jordão, tal como os restantes companheiros, evidenciava ainda uma certa confiança: «O Dinamo de Minsk é, na verdade, uma poderosa formação e que vai actuar perante o seu público. Tem necessidade de recuperar os dois golos que sofreu em Alvalade e isso pode, de algum modo, favorecer o nosso objectivo, que é passar à eliminatória seguinte. Conforme se tem visto ao longo do campeonato e, salvo a excepção de Penafiel, temos concretizado golos fora de casa e realizada exibições que, em meu entender, demonstram uma subida de forma de todo o conjunto. Por isso, estamos confiantes de que vamos ultrapassar este adversário. Temos fé e valor para isso».

Segundo o técnico John Toshack, os jogadores deverão efec-

tuar hoje dois treinos, um dos quais no reduto que vai servir de palco ao jogo de amanhã. O responsável leonino, que pouco falou durante a viagem, ao contrário de outros elementos da comitiva que entraram na agradável cavaqueira que preencheu as cerca de oito horas de voo mostrar-se-ia, entretanto, bastante satisfeito com as comodidades do Hotel Planeta, uma moderna construção (1979), situada dentro do perímetro da cidade e que serviu de alojamento a muitos dos atletas participantes nos jogos olímpicos de Moscovo. Toshack não adiantou pormenores quanto à tática que pensa utilizar no terreno do adversário, mostrando-se, isso sim, preocupado com a recupe-

nossos jogadores», pelo que «temos esperanças em jogar muito melhor na quarta-feira». O técnico soviético esclareceu, em seguida, que «Kisten e Melnikov, que são capazes de orientar o desafio no sentido do jogo combinado, não puderam alinhar em Lisboa», adiantando, no entanto, estar convencido de que pelo menos um deles poderá alinhar agora em Minsk, o que, sublinhou, «será importante para a manobra global da equipa».

«S Sporting», disse Arzamastsev, é um adversário experimentado e que deposita muita confiança nas suas próprias forças, mas, apesar de haverem perdido o primeiro jogo, pensamos que a última palavra pode, e deve, ser nossa.» «O primeiro



Oliveira e Jaime Pacheco: os grandes ausentes

ração de Venâncio, que no jogo do último domingo levou um toque no joelho esquerdo. «Vamos recuperá-lo e não haverá problema», dir-nos-ia, a propósito, o massagista Leonel Pires que acompanha Manuel Marques.

Sporting: o onze de Vizela

É de admitir que Toshack faça alinhar o mesmo onze que actuou em Vizela, mantendo no banco Katzirz, Gabriel, Lito, Mário Jorge e Eldon, ficando de fora Morato.

Soviéticos optimistas

Veniamin Arzamastsev, treinador do Dinamo de Minsk, que amanhã receberá o Sporting para o encontro da segunda «mão» da segunda eliminatória da Taça UEFA, afirmou que «a derrota de Lisboa perturbou mas não eliminou a coragem dos

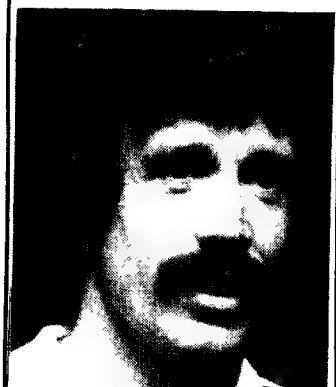
golo do Sporting», recordou, «foi do último domingo levou um deslize de um defesa nosso e não um produto de movimentações perigosas por parte da turma portuguesa. Quanto ao segundo golo, só nos últimos segundos os sportinguistas conseguiram marcá-lo». «Aliás, conquanto tenhamos jogado sem êxito ao ataque, ainda conseguimos criar pelo menos quatro ocasiões flagrantemente de golo mesmo junto à baliza do nosso adversário».

Veniamin Arzamastsev reconheceu, porém, que «o jogo inexpressivo que a nossa equipa revelou foi, de certo modo, inesperado para nós, treinadores», explicando: «Os defesas cometeram erros grosseiros, mas o pior foi a linha média, cujos jogadores não conseguiram sequer desenvolver um jogo próprio, quando o que acontece é que são eles quem, habitualmente, marca o compasso das acções de toda a equipa».

colunáveis



NENÊ foi vítima de mais uma injustiça a juntar a outras mais que nos últimos tempos se têm notado. Claro que não nos surpreende que o sr. Csernai o ignore porquanto se admite que se trate de um indivíduo distraído das questões ligadas ao futebol português que ora serve a peso de ouro. O que nos surpreende é que a marca de artigos desportivos que anualmente promove festa VIP algures em França para homenagear os melhores rematadores do futebol europeu, desconheça que Nenê averbou na última temporada igual remates certos que o «brindado» Fernando Gomes. E o Benfica esqueceu o facto? E a Federação não atentou no pormenor? Nenê não merecia tais lapsos.



HUMBERTO COELHO poderá brevemente reaparecer envergando a camisola número três do Benfica e ostentando no braço o símbolo que dignamente lhe conferiu ao longo dos últimos anos, o honroso cargo de capitão da equipa do seu clube. Humberto está curado, esta a feliz revelação feita recentemente por pessoa que se incumbiu da sua recuperação. Todos os desportistas portugueses aguardam que a previsão se confirme, porquanto Humberto Coelho é credor da simpatia bastante para que a sua reaparição nos estádios futebolísticos provoque júbilo e alegria.



MÁRIO WILSON tem marcado a sua carreira de «expert» do futebol por atitudes definidoras de uma personalidade e coerência elogiáveis. Mais uma que aqui se anota (transcrevendo uma passagem da entrevista relatada pela «Gazeta dos Desportos»): «**o futebol necessita de um síndico forte**, por muitas divergências que existam entre os sindicatos, algumas a revelarem mediocridade confrangedora». Está feita a fusão pelo que todos ansiamos para que decididamente se estabeleça a união da classe.



DESPORTO

ponça esquerda

Bento "versus" Zé Beto



"Zé Beto ainda tem de comer muito pão e um pouco de modéstia não lhe ficava nada mal"

(Bento in "Record" de hoje)

Argentina:

onda de violência nos estádios

Vinte policiais feridos, dois dos quais com gravidade, e 70 detenções é o balanço dos confrontos entre adeptos do Chacarita Juniors e do Boca Juniors durante o encontro entre as duas equipas.

O encontro, a contar para a 30.ª jornada do campeonato argentino de futebol da primeira divisão, terminou com vários incidentes, dentro e fora do estádio, que motivaram a intervenção policial. Em declarações à imprensa, a polícia local revelou que dois elementos das forças de segurança foram atingidos com balas de calibre 22.

O encontro entre o Atlanta e o Rosario Central foi interrompido aos 13 minutos, após cenas de violência nas bancadas que provocaram seis feridos e 14 detenções.

Em Santa Fé, o jogo entre Union e San Lorenzo foi igualmente interrompido depois de agredido um dos fiscais de linha com um objecto contundente.

Southampton não quer "visitas"

Pela primeira vez na história do futebol inglês, um clube, o Southampton, decidiu a interdição de entrada no seu estádio a adeptos de um outro clube, o Chelsea.

Um elemento da direcção do Southampton informou que o clube vai negar a entrada dos adeptos do Chelsea em virtude dos desastres por estes provocados num encontro em Outubro. Nesse encontro os adeptos do Chelsea provocaram distúrbios e a polícia estimou que cerca de mil simpatizantes cometeram danos à saída do estádio. Uma escola ficou sem vidros e foram detidos na altura 25 indivíduos.

O Southampton está em condições de adoptar esta medida porque o estádio é sua propriedade e os sócios quase esgotam a lotação.

FIFA reduz informação

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) anunciou ir limitar a cinco mil o número de jornalistas acreditados para o "Mundial-86" no México.

O secretário-geral Joseph Blatter, em artigo publicado no boletim mensal do organismo, disse que "a decisão visa minorar os custos da organização". "O aumento constante dos representantes da imprensa é um problema muito grave na organização dos acontecimentos desportivos", refere Blatter. "De certeza que as pessoas se lembram que na final do "Mundial 82" mais de sete mil jornalistas tinham pedido credencial, mas depois constatou-se a existência de centenas de lugares vazios, o que impediu a venda de bilhetes ao público".

Blatter recorda que no "Mundial 66" em Inglaterra foram passadas 1777 credenciais para a imprensa e que em Espanha esse número cifrou-se em 7290.

Ao limitar o número de credenciações para 5000 a FIFA, escreve Blatter pretende minimizar as despesas de organização e ao mesmo tempo responder com eficiência às necessidades dos verdadeiros representantes da imprensa que desejam trabalhar e não assistir aos acontecimentos.

Best: liberdade sob fiança

O ex-futebolista do Manchester United e da selecção da Irlanda do Norte George Best foi libertado sob uma fiança de 500 libras (cerca de 100 contos).

Best (de 38 anos) era acusado de conduzir bêbado, de não comparecer em tribunal e de agredir um polícia que o tentou deter domingo na sua casa de Londres.

Durante a audiência, Best permaneceu em silêncio e recusou responder às acusações.

Palmeiras: futebolista dopado

O brasileiro Mário Sérgio estratega da equipa de futebol do Palmeiras, foi suspenso por 90 dias pelo Tribunal Judicial de São Paulo por "dopagem" num encontro do campeonato de São Paulo. O tribunal retirou os dois pontos da vitória ao Palmeiras, que venceu o encontro, por 2-1, perante o FC São Paulo. O controlo praticado pela Federação de Futebol de São Paulo, logo após o encontro, revelou a presença de anfetaminas na urina do jogador Mário Sérgio.

Atletismo: 85 espera Portugal

A realização em Lisboa do Campeonato do Mundo de Corta-Mato, a 24 de Março, é o ponto alto do atletismo português em termos de contacto internacional para a época de 1985. O «Mundial» de corta-mato realiza-se no Hipódromo do Estádio Nacional e a sua organização pertence à Federação.

Além deste campeonato do mundo, o nosso atletismo estará envolvido numa série de contactos internacionais, sendo os principais a presença na «Taça da Europa» (Austria, 10 e 11 de Agosto), no triangular Grécia-Portugal - Jugoslávia (Volos, 17 e 18 Agosto) no West-Athletic (Suíça, 15 e 16 de Junho) e num outro triangular Catalunha - Noruega - Portugal (Barcelona, 22 de Setembro).

O atletismo português estará representado, como habitualmente, em competições de nível, como o «Europeu» de juniores (entre 22 e 25 em Cottbus, RDA) e «Taça da Europa» de maratona (em Roma, a 15 de Setembro).

Portugal foi convidado a estar presente nos Jogos Mundiais de pista coberta que, pela 1.ª vez se efectuam, desenrolando-se em Paris, a 18 e 19 de Janeiro.

A nível da presença de clubes em competições internacionais, o Sporting é anfitrião da Taça dos Clubes Campeões Europeus de corta-mato (masculino) na Aldeia das Açoteias (Algarve) a 3 de Fevereiro, enquanto o Sporting de Braga se desloca a Madrid, na mesma data, para a competição feminina. Na pista, o

Benfica tem a Taça dos Campeões Europeus (masculinos) em Harringay (arredores de Londres, a 8 e 9 de Junho) e a feminina a 2 de Junho (em Zurique).

Aos melhores atletas portugueses foram endereçados convites para os principais «meetings» internacionais que estão divididos por três escalões consoante a sua importância. Quinze «meetings» integram o Grande Prémio, que tem o seu epílogo em Roma (a 7 de Setembro); nestes «meetings» aos primeiros classificados será entregue uma recompensa financeira que vai para o Fundo de Maneio dos atletas.

As datas dos principais acontecimentos para o atletismo português são as seguintes:

● 18 e 19 de Janeiro: Jogos Mundiais em Pista Coberta (Paris).

● 3 de Fevereiro: Jogos Mundiais em Pista Coberta (Paris); Taça dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato feminino (Madrid); Taça dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato masculino (Algarve).

● 2 e 3 de Março: Campeonato da Europa de pista coberta (Atenas).

● 24 de Março: Campeonato Mundial de Corta-Mato (Lisboa).

● 2 de Junho: Taça dos Clubes Campeões Europeus femininos, em pista (Zurique).

● 8 e 9 de Junho: Taça dos Clubes Campeões Europeus masculinos em pista (Harringay, Londres).

● 15 e 16 de Junho: Encontro West-Athletic (Suíça).

● 10 e 11 de Agosto: Taça da Europa (Austria), masculinos e femininos.

● 17 e 18 de Agosto: Triangular masculino e feminino Grécia-Portugal - Jugoslávia (Volos).

● 22 e 25 de Agosto: «Europeu» de juniores em Cottbus (RDA).

● 22 de Setembro: Triangular masculino e feminino Catalunha - Portugal - Noruega (Barcelona).

Grande Prémio

O atleta José Abrantes (Oliveira do Hospital) venceu o primeiro Grande Prémio das Co-

lheitas, disputado em Ereira, Montemor-o-Velho. Nos lugares imediatos classificaram-se os atletas Eduardo Pinto e João Marques da mesma equipa, colectivamente que venceu colectivamente, seguida do Arregaça e do Cruz de Cristo.

O Grande Prémio das Colheitas foi disputado por mais de 200 atletas de todas as idades, repartidos por várias categorias. A prova foi organizada pela Associação Cultural, Desportiva e Social da Ereira, em colaboração com a Comissão Distrital de Jui- zes e Cronometristas de Atletismo do Inatel, de Coimbra.

Xadrez: Campeonato do Mundo

Empates: a série prossegue

A vigésima segunda partida da final do campeonato mundial de xadrez ontem disputada registou o 13.º empate consecutivo desde a última vitória de Anatoli Karpov sobre Gary Kasparov.

Na partida de ontem o empate proposto pelo pretendente ao título mundial foi uma surpresa para os especialistas, que consideravam estarem as brancas de Kasparov em vantagem e em po-

sição mesmo de lutar pela vitória.

Desde que Kasparov sofreu a sua quarta derrota na 9.ª partida desta final, a sua tática tem sido a de evitar todo o tipo de complicações e de oferecer ou aceitar o empate sempre que pode.

Com o resultado do «match» favorável a Karpov por 4-0, ou seja, a dois pontos da revalidação do título, a próxima partida foi adiada para sexta-feira.

Luta livre: a subida

Já Homero escrevia, na «Ilíada», sobre a vivacidade e a beleza da luta corpo-a-corpo. Os «duelos», entre os lutadores de outrora, realizavam-se na terra, frequentemente em terrenos argilosos, regados em abundância, para se tornarem mais macios e, assim, proporcionarem quedas um tanto mais suaves. Os próprios corpos dos lutadores eram, previamente, «encharcados» em areia, a fim de que eles melhor (e mais fortemente) pudessem agarrar-se. Depois, no final de cada combate, ambos os desportistas se banhavam e, em seguida, untavam-se com óleo de amêndoa, pelo que os seus corpos ficavam da cor do bronze.

A luta corpo-a-corpo apareceu, pela 1.ª vez, na Helada e os gregos antigos atribuíram-lhe um relevo muito especial, incluindo-a no programa das competições olímpicas a partir do ano 708 a. C. A modalidade era (igualmente) conhecida dos antigos egípcios, bem como dos romanos, os quais (acentue-se) a transformaram num dos mais populares «números» de circo.

Os regulamentos da luta desportiva moderna foram elaborados em fins do século XVIII, princípios do século XIX, em vários países da Europa, designadamente a França, onde amplas camadas da população deixaram arrebatar-se pelos seus «aliciantes». Então, os «hércules» mais talentosos tornaram-se lutadores profissionais, participando em espectáculos de circo e dos chamados «Jardins-de-Verão».

Enquanto modalidade desportiva, a luta «clássica» (a luta greco-romana) estendeu-se, rapidamente, não só aos países europeus como aos asiáticos (principalmente Turquia, Irão, Japão e Mongólia) e aos africanos. Por seu turno, a luta-livre apareceu na Rússia «pela mão» de um médico (V. F. Kraevski) que a considerava «um óptimo meio de desenvolvimento físico».

Só em 1945 (porém) se realizaram os primeiros campeonatos de luta-livre da URSS: foi em Leninegrado e os títulos foram conquistados pelos moscovitas A. Karapetian e V. Ribaklo e

pelos tibilisianos V. Iluridze, D. Tsimakupidze, V. Matchkalian e A. Mekokishvili.

A URSS entrou para a Federação Internacional de Lutas Amadoras em 1947 e fez a sua estreia internacional em 1951, durante um encontro com a Finlândia, a quem ganhou por um conclusivo 8-0. Em 1952, os soviéticos fizeram a estreia olímpica: foi nos Jogos de Helsínquia, onde venceram, colectivamente, enquanto, individualmente, tiveram dois campeões (o tibilisiano D. Tsimakuridze e o moscovita A. Mekokishvili).

A estreia da URSS em campeonatos mundiais aconteceu em 1954: foi em Tóquio e apenas um ponto separou a selecção soviética da campeã (a Turquia) tendo, no entanto, ganho medalhas de ouro V. Balavadze, A. Englas e A. Mekokishvili.

Finalmente, a estreia em campeonatos da Europa verificou-se em 1966, onde A. Ibragimov, E. Tedeiev, E. Beriashvili, I. Shamuradov, S. Lomidze e A. Midvede receberam medalhas de ouro.

Ciclismo: portugueses na África do Sul

António Pinto foi o melhor

A equipa da «Sunriue Fruits» venceu ontem, pelo segundo ano consecutivo, o «Rapport Tour», prova sul-africana disputada em etapas ao longo de 1500 quilómetros. Individualmente, a vitória coube ao sul-africano Ertjes Bezuidenhout, da «Realtime», equipa que se classificou no segundo lugar a minuto e meio da vencedora. O melhor português foi António Pinto que, no segundo posto da classificação geral da prova, ficou a 57 segundos de Ertjes. Marco Chagas, de quem a comunidade portuguesa esperava melhor presença, quedou-se no 4.º lugar a 1.19

minutos e Venceslau Fernandes ocupou a 7.ª posição da geral.

A última etapa, percorrida entre Springs e Joanesburgo, foi ganha pelo sul-africano J. Vander Berg. Totalizando 25 pontos, o jovem ciclista sul-africano Robbie de Villiers, que há dois anos fez a sua preparação na cidade do Porto, conquistou o prémio da montanha, Venceslau ficou em 2.º com 22 pontos e Manuel Cunha em 3.º com 15 pontos.

Na classificação por pontos, a vitória desta XII edição do «Rapport Tour» foi para o sul-africano A. Van Heerden.

Na sua agenda

VOLEIBOL NA AAC. A secção de voleibol da Associação Académica de Coimbra começou a preparar-se para a nova época realizando treinos de captação de novos atletas.

Nesse sentido, instalou no pavilhão universitário uma escola de formação de iniciados masculinos e femininos destinada a jovens dos 10 aos 14 anos.

ARGANIL. Algumas dezenas de atletas participam no primeiro «Grande Prémio» dos Bombeiros Voluntários Argus que se disputa no dia 10 de Novembro, em Arganil.

A competição integra-se no programa de aniversário da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus e decorre nas principais artérias da vila.

Para além das provas principais de seniores masculinos e femininos a corrida engloba ainda a realização de diversas competições nas categorias de infantis, juvenis e juniores.

SERPA. A primeira «Meia Maratona» de Serpa em atletismo disputa-se dia 11 de Novembro naquela localidade do distrito de Beja.

A prova, aberta a ambos os sexos, é uma iniciativa da Câmara Municipal local e disputa-se numa extensão de cerca de 21 quilómetros, entre a Aldeia Nova de São Bento e a sede do concelho.

ATLETISMO: «3.º Grande Prémio do Alhandra Sport Clube», a 9 do corrente, com corridas para todos os escalões etários. Inscrições pelo telefone 2500215, das 21 e 30 às 23 horas.

MEIA MARATONA: no Barreiro, a 2.ª que a Junta de Freguesia daquela cidade promove e terá lugar a 18 do corrente, pelas 10 horas. Inscrições até 15 do corrente, para todos os escalões etários. Colaboração da Câmara Municipal do Barreiro, Juntas do Lavradio, Santo André e Palhares, para além de Comissões de Moradores e clubes da freguesia. Partida e chegada da corrida junto do ex-Nicola.

MICROSCÓPIO

HÓQUEI EM CAMPO: congresso ordinário pelas 20 e 30 do dia 16, incluindo eleição dos novos corpos gerentes do organismo. Duas horas mais tarde: debate de vários assuntos de interesse para a modalidade.

TÉNIS: o suíço Markus Gunthardt defronta o português Pedro Cordeiro (campeão nacional) num jogo de exibição, dia 10, no Estádio Nacional, englobado na fase final do Torneio Unibanco. Gunthardt é actualmente o 2.º melhor jogador suíço e elemento da equipa nacional do seu país na Taça Davis. Este encontro de exibição realiza-se no «court» principal do Estádio Nacional, a par dos encontros que apurarão os vencedores nos diversos escalões do primeiro torneio de ténis Unibanco.

Cães na Itália: problema alarmante

Na cidade eterna existem oficialmente (pois são muitos mais) 50 mil cães, ou seja um por cada 19 famílias, que diariamente mordem entre 15 e 20 pessoas e deixam nas ruas e jardins mais de uma tonelada de excrementos.

Para além das perturbações constantes provocadas pelos seus ladrilos e deambulações pela cidade, os cães romanos custam à comunidade 15 milhões de dólares por ano.

«Em toda a Europa não vi cães mais mal educados que os italianos», afirmou o cinólogo inglês Harolu Morrison, que este mês assistiu a uma exposição canina em Roma.

Por outro lado, a organização e a estrutura do chamado canil municipal «é um desastre», segundo afirmam os seus próprios funcionários.

O director do canil, António Serra, denunciou recentemente que as suas instalações eram absolutamente inadequadas.

Leonello Fierli, presidente da Associação de Empregados dos Canis Municipais de toda a Itália descreveu a situação em termos ainda mais severos: falta de jaulas (não há em Roma lugar para mais de 100 animais) e pessoal desanimado pela falta de legislação adequada.

Segundo Fierli, um orçamento de 15 milhões de dólares pagos pelos proprietários para alimentar, tratar e pagar impostos, são insuficientes para que uma organização que se preze resolva os problemas que 50 mil cães necessariamente causam.

Segundo Fierli, existem problemas de higiene «patentes nas mais belas praças de Roma», assim como de convivência, os quais se traduzem por centenas de agressões traumatizantes — e muitas vezes trágicas — para mulheres e crianças.

Em finais de Setembro, um cão-pastor matou uma menina de cinco anos que brincava numa praia próxima de Roma.

Segundo Fierli, metade dos cães romanos não estão registados (pelo que duplicariam os números oficiais), dado que em grande parte dos casos os donos recusam-se a reconhecer que têm cães.

A pior época a este respeito, segundo António Serra, é o início do período de férias, em que centenas de animais, sobretudo cães, são abandonados pelos seus donos.

Os cães vadios constituem uma praga em certos bairros periféricos da Cidade Eterna e são implacavelmente caçados pelo pessoal do canil.

«Usamos métodos que bem podem ser considerados como uma mostra de barbárie, e isto porque aguardamos que o Parlamento aprove que utilizemos a injeção de sonífero», explicou.

Em 1983 foram capturados 1440 cães «mansos» e 302 «agressivos».

Em 1983 foram registadas 5773 denúncias de mordeduras de cães e 4498 nos primeiros nove meses deste ano.

Os cães vadios capturados nos primeiros nove meses de 1984 totalizaram 3040, a maior parte dos quais considerados «agressivos».

«Eu não tenho dúvidas», disse António Serra, «de que os problemas de convivência entre pessoas e cães são da culpa das pessoas».

Com efeito, habitualmente os cães não trazem coleira e raros são os que têm acaímes para evitar as mordeduras, isto para além dos seus donos não limparem as fezes que os animais fazem nas ruas e jardins.

Segundo Serra, falta uma legislação adequada, uma efectiva obra de protecção ao animal e de controlo dos seus proprietários e sobretudo, espaços verdes ou lugares com condições para os cães andarem à vontade.



continua

editorial CAMINHO notícias do livro

JÁ À VENDA

«MORTE DE UM INGLÊS»
DE MAGDALEN NABB

Magdalen Nabb é uma escritora inglesa que vive em Florença, Itália, onde situa a série dos seus romances policiais. Nasceu em 1947

e foi professora de cerâmica, tendo a sua própria obra sido exposta em várias galerias de arte. Em 1975 passou a viver naquela cidade italiana e trocou a cerâmica pela literatura. Escreveu peças de teatro, a primeira das quais, *Florence of the North*, foi representada em Inglaterra em 1979. Em 1981 publicou o seu primeiro romance policial, *Morte de um Inglês*, numa estreia que deu brado. Justificadamente, seguiu-se-lhe até à data mais dois romances: *Death of a Dutchman* e *Death in Springtime*, que confirmaram o seu valor e a sua originalidade e alicetçaram a sua reputação.

Morte de um Inglês é o segundo volume da CAMINHO DE BOLSO, e combina harmoniosamente uma intriga bem medida e muito viva com uma visão limpa de uma bela cidade, antiga e moderna, que se revela também por contraste com uma comunidade inglesa fechada em si própria. Realismo e engenho, humanidade e rigor permitem-lhe criar personagens inesquecíveis, como a do sargento Guarnaccia e o do assassino — voltaremos a encontrar ambos noutro livro desta colecção — e merecer os elogios não só a crítica («it is a more than sparkling debut», disse por exemplo T. J. Binyon no *Times Literary Supplement*) mas também de mestres do género.

Georges Simenon chamou-lhe «coupe de maître» e acrescentou que tinha sido um dos livros mais saborosos que lera nos últimos anos.

— Tradução de Daniel Gonçalves

Cascais Jazz-84 a 9, 10 e 11

A predominante portuguesa

A edição de 1984 do Cascais Jazz que decorrerá nos dias 9, 10 e 11 no Pavilhão dos Salesianos do Estoril será marcada pela forte componente portuguesa de músicos intervenientes. A participação de Rui Veloso será aquela que mais expectativa deixa no grande público, que se habituou a ver o cantor pela imagem do rock.

Rui Veloso abre o festival, na noite de sexta-feira, juntamente com a banda de blues constituída por Manuel Paula, no piano, António Ferro, no contra baixo, Paleka, na bateria, Luís Moreira, no trompete e Nana Sousa Dias, no saxofone tenor.

«Ar de Rock», «Fora de Moda» e «Guardador de Margens» colocaram-se no pódio dos autores portugueses mais populares na área do rock. A sua aprendizagem de música foi empírica, ouvindo discos. Desde os seis anos que toca harmónica, esse instrumento primordial do Blues, expressão a que Rui Veloso confessa o seu maior amor. É precisamente a sua faceta de amante de Blues que interessa no Cascais Jazz.

O músico realizará um concerto exclusivamente dedicado aos blues, género que tem vindo a fazer parte dos seus espectáculos de rotina, demonstrando um raro talento para os exprimir na mais pura tradição.

Os Blues urbanos de Chicago nunca morreram, apesar de chegarem muito mais tênues à Europa. A metrópole dos Blues continua a albergar um grande número de bluesman originais que preservam a tradição nos seus inúmeros clubes. Os novos nomes são músicos como Fenton Robinson que actuará, no dia 9, depois de Rui Veloso.

Fenton Robinson, que será acompanhado por Pat Hall, no piano, Ike Anderson, no contra-



Maria Viana

baixo e Michael Lynn, na bateria, tem sido um bluesman em constante movimento. Nasceu no Mississippi, em 1935, iniciando a sua actividade artística aos dezasseis anos actuando nos Estados vizinhos. Em 1962 radica-se em Chicago, onde se torna conhecido pela sua participação no movimento revivalista branco do Blues, colaborando com o líder Boz Scaggs.

Os bluesman brancos consideram-no um dos artistas mais originais de maior qualidade e criatividade, detentor de ideias musicais progressivas num espírito de renovação numa forma ancestral. Este negro mantém-se na vanguarda do Blues actual como compositor, músico, líder de grupo e acompanhante. A sua música é pensada, aventureira, mas rude, um verdadeiro reflexo da sua personalidade.

Solistas portugueses

A noite de sábado abre com

uma formação intitulada «Solistas Cascais Jazz» acompanhados pelo trio de Mário Laginha, formado pelo próprio pianista, David Gaudsen, no contrabaixo e Carlos Vieira na bateria.

Mário Laginha sofreu a primeira influência de Keith Jarrett e é o músico de Jazz que tem aparecido mais insistentemente desdobrado em projectos diversificados. Fez parte do Quinteto de Maria João, é músico residente no programa televisivo Clube de Jazz, frequenta o 3.º ano do curso de piano do Conservatório onde é aluno do professor Jorge Moyano e faz parte activa do Sexteto de Jazz de Lisboa. A par dos estudos de música clássica é fundamentalmente um autodidacta em Jazz o que não o impede de ser uma das revelações nacionais na matéria.

David Gaudsen é um músico americano há quatro anos radicado em Portugal, é um músico de grande experiência, faz parte da formação de Maria João e é director do Hot Clube de Portugal. Carlos Vieira é um caso do baterista autodidacta, faz parte do grupo de Maria João e é residente no programa Clube de Jazz.

Com 24 anos, Tomás Pimentel é um trompetista dos mais promissores no panorama nacional. Ligado por família à música, vem aperfeiçoando a sua técnica e expressividade, desdobrando-se em múltiplos projectos ao participar em quase todos os grupos portugueses da nova geração, surgida da fornada do Hot e da sua Escola de Jazz, como o Quarteto de José Eduardo, o grupo Sintagma, o Quinteto de Pedro Mestre. Repudiando o empirismo, tão comum aos jazzmen, frequenta o 7.º ano, do curso de trompete do Conservatório.

Carlos Martins é o par de José Nogueira e de Rão Kyao um dos mais significativos saxofonistas portugueses da actualidade. Artur Xavier é um músico veterano com 46 anos de idade e o seu «background» é totalmente diferente de qualquer dos outros solistas do Cascais Jazz. Ele é um saxofonista tenor que se refere a San Getz, Coleman Hawkins e Ben Webster como os que mais o influenciaram.

O guitarrista alemão Fredo Wagner reside em Portugal há dez anos, onde se tornou figura conhecida do meio local exibindo créditos acima da média. Estilisticamente descendente de Wes Montgomery é um autodidacta que tem tocado com quase todos os músicos portugueses em actividade.

A cantora Maria Viana, mais conhecida de outras áreas musicais apresenta-se no Cascais Jazz, interpretando a música de que mais gosta. Com uma carreira dividida entre o teatro e a música, sua voz tornou-se conhecida pela sua participação no grupo Cocktail. O ano passado foi a cantora anfitriã de Jam Sessions no Bar Drogaria Ideal, acompanhada pela secção rítmica de Emilio Robalo. Recentemente gravou para o programa Clube de Jazz, na RTP, fazendo descobrir aos amadores uma voz temperada da melhor tradição vocal de Jazz.

A cantora Maria João é tida habitualmente como a única no Jazz português. Em 1982 fundou o seu quinteto, que de imediato chegou a uma posição de relevo no Jazz nacional, consequentemente gravou um álbum em que se revela a sua principal influência: a cantora Billie Holiday.

O Free de Pharoah Sanders

A noite de sábado fecha com o trio de Joanne Brackeen, com Buster Williams, no contrabaixo e Billy Hart, na bateria, a que se junta o saxofonista tenor Joe Henderson. A pianista tocou com o saxofonista Stan Getz entre 1975 e 77, tendo antes tocado com o outro gigante do sax que agora a acompanha a Portugal.

Esta mulher encontra-se internacionalmente reconhecida nos últimos dois anos pela exigente crítica internacional. Sofre influências de McCoy Tyner, Chic Corea, Bill Evans.

Participou das edições do Cascais Jazz de 77, 79, 80 e 83, o pianista António Pinho Vargas, acompanhado de José Nogueira, no saxofone alto, Pedro Barreiros, no contrabaixo e Mário Barreiros, na bateria.

Estilisticamente, o pianista refere-se às tendências modernas da «Escola ECM», ou seja, a tradição do Jazz expressa num lirismo erudito, no qual pesam os



Maria João



Rui Veloso



Tomás Pimentel

Carlos Martins

dotes composicionais, espécie de Jazz impressionista sofisticado e altamente insinuante.

O fecho do Festival de Jazz de Cascais cabe ao Quarteto do saxofonista Pharoah Sanders, que integra o pianista Kiri Lightsey, o contrabaixista, David Eubanks e o baterista Eddie Gladden, três músicos que já actuaram no nosso país com Dexter Gordon.

O saxofonista afro-americano é uma figura básica do Free Jazz, um dos seus arautos mais radicais, conhecido e imortalizado por ter feito parte activa do Quinteto de John Coltrane nos

últimos anos da sua vida.

Hoje em dia os conturbados anos 60 do Jazz que viram emergir a revolução estética, apelidada Free Jazz/New Thing não passam de uma recordação.

«Existe mesmo uma tendência para se ocultar a importância desse movimento (...) somos levados a crer que não iremos presenciar uma prestação de museu, antes uma poderosa manifestação de Jazz Moderno chefiada por uma das grandes figuras» afirma a Só Jazz, a promotora deste festival.



Mário Laginha, Carlos Vieira e David Gaudsen

Qualidade de vida no Leste e no Ocidente

Continuação da pag 3

permercados e outros estabelecimentos comerciais acham-se suficientemente abastecidos e bastante concorridos. Há algum comércio de bens importados, mas raro.

Nas ruas as pessoas mostram-se realizadas, e no seu convívio reflecte-se o peso da instituição FAMÍLIA na comunidade da RDA, comunidade que lhes assegura todos os apoios sociais por forma efectiva: habitação, creches onde são necessárias, sobretudo no quadro sindical; apoios diversificados à terceira idade que seriam a inveja dos nossos «lares», em custos e qualidade.

Não há «bairros de lata», como

se vêem no Ocidente.

A atenção à criança é quase um cerimonial, as suas escolas são extremamente cuidadas; todos desfrutam de igual oportunidade de formação, a possibilidade de frequentar um curso superior existe para todos os jovens que o queiram. Não existe a limitação do «numerus clausus» como no mundo ocidental; os universitários dispõem de segurança social e material e também para todas as estudantes e casais de estudantes, independentemente da bolsa de estudo de base. Este cuidado no ensino em geral e no universitário e de investigação em especial, é causa e efeito de grande desenvolvimento económico do país e das exigências da

sua tecnologia.

4. De Berlim partimos para a Turíngia, onde se encontrava a estância de repouso de Finsterbergen que nos acolheria durante 15 dias. Daqui, visitámos as cidades de Erfurt, Weimar e Gotha, centros históricos e grandes centros de cultura, guarnecidos de belos parques, muitas flores, sobretudo rosas, rosas de todas as cores que generosamente espalham o seu aroma pela cidade. A pecuária da região não pára de crescer e as searas prosperam com altos índices de produtividade em extensas terras planas limitadas pela floresta, bem cuidada por todos.

Esta visita, pois, não constitui só mero passeio por lugares des-

conhecidos e contactos com sociedades e naturezas diferentemente tratadas, foi também a confirmação de uma ideia adquirida há três e quatro anos atrás, na Hungria e na URSS, onde concluímos que o combate à poluição e a defesa da qualidade de vida, nunca se resolverá pela acção de um ministro por mais empenhado que esteja nessa tarefa e possa dispor para o efeito de um ministério superequipado e operacional.

Na defesa do meio ambiente e da qualidade de vida, nas condições em que vive hoje o mundo ocidental, geralmente, a única coisa que esse ministro poderá fazer será identificar e medir os

efeitos de uma ou outra poluição e falar sobre ela, e se exagerar correr o risco de ser subversivo. Se tanto, poderá tentar combater os mesmos (se tiver verba), pontualmente, mas as suas causas e o processo interno ficarão intactos dentro do sistema gerador de que o próprio ministro é seu agente e defensor.

Recordemos que ainda há dias o mundo capitalista foi surpreendido com a revelação de que um dos seus governos mais representativos (Administração Reagan), concebeu e formulou um manual do terrorista para lançar a destruição e a degradação social e física num país, pequeno país, cujo crime é querer viver diferentemente do seu.

Ora, é este conjunto de coisas que não podem acontecer, por exemplo, no país que acabamos de visitar (RDA), cujo ideário e sistema socioeconómico (racional, institucional e planificado) se destina precisamente a dar resposta aos valores e interesses do homem, como entidade inserida na sociedade, a partir dos fenómenos de base e da gestão integrada e global daquele sistema.

Interesses recíprocos entre o homem e a sociedade satisfeitos, que gera confiança e solidariedade e, automaticamente, uma consciência cívica activa e nacional que funciona mesmo.

(1) — ZEE = Zona Económica Exclusiva

FITEI—VII

Abertura com chuva

Carlos Porto

Sábado, 3-11 — Auditório Nacional Carlos Alberto. Cá estamos outra vez. Já passou um ano, é verdade. estes lugares-comuns servem, como outros quaisquer, para nos situarmos. Porto. Novembro. FITEI. Estas expressões pertencem já à história do teatro em Portugal, à história da cidade, à história dos espectadores, daqui ou de longe, amantes desinteressados ou profissionais deste ofício (in) cómodo de ver os outros trabalhar.

CÁ estamos outra vez num ritual que todos os anos se repete e nunca é o mesmo. As caras do costume, outras que aparecem pela primeira vez, outras que faltam à chamada mas que lembramos. A festa de rua, desta vez sem pontualidade, o teatro cheio para participar no ritual e apreciar as artes: um actor do Grupo Margem Lê um poema em que fala dos problemas dos homens, o óptimo Coral de Letras, dirigido por Borges Coelho, um excelente grupo folclórico, cantares e trajes de Manhouse, com uma solista senhora de bela voz. Um rico recital muito aplaudido. Seguiu-se a distribuição de prémios. Primeiro do 2.º Salão Fotográfico do FITEI. Fotografias de teatro de que foram expostos os exemplares que um júri responsável (Luís Ferreira Alves, Fernando Aroso e Manuel Magalhães) considerou mais qualificadas. Dezenas de fotos, algumas com graça, outras belas, meia dúzia excepcionais. Há uma fornada de gente nova interessada em fotografar o teatro (tema obrigatório). Os nomes dos premiados merecem ficar aqui: «Vilar de Perdigões-Auto da Paixão-I», de Ricardo da Fonseca, 1.º prémio (um belo trabalho), Eduardo Perez Sanchez prémio melhor conjunto, também alguns bons trabalhos, menções honrosas: Alberto Jorge Santos, Carlos Soares, Jorge Barros, Maria Teresa Cayolla e Ricardo da Fonseca.

A seguir, críticos de teatro, em nome da respectiva Associação, entraram com duas medalhas referentes aos Prémios de teatro 25 de Abril, que não puderam ser entregues na sessão de encerramento das comemorações do 10.º aniversário do 25 de Abril, no São Luís. Eram as medalhas atribuídas ao FITEI e a João Guedes, este póstumo, que o público carinhosamente aplaudiu. Por medalhas, José Rodrigues criou uma medalha muito bela para esta 7.ª edição do FITEI, terceira de uma excelente série rubricada por aquele artista.

Júlio Cardoso leu uma comunicação em que uma vez mais chamou a atenção para a necessidade de quem pode proporcionar as condições indispensáveis, incluindo-as de espaço, para que o festival portuense possa desenvolver-se e enriquecer-se. Estrela Novais leu a mensagem ao FITEI, este ano da autoria do dramaturgo brasileiro Gianfrancesco Guarnieri.

Otelto mete água

Passemos ao teatro: é para

Deste grupo Margem, toda a gente lembra, aqui no FITEI, a sua primeira apresentação comum espectáculo fabuloso, «Da Vida Beata», uma farsa sobre a sociedade de Oviedo com um fundo verdiano. Na segunda apresentação, com «Las Galas

nagens ignoravam que já é possível conhecer o sexo dos bebés antes do nascimento.

Nesta primeira parte do espectáculo surge uma personagem que não é, evidentemente, do texto: é o observador. Personagem que surge na segunda parte



«O Observador» — encenação de Fernando Gusmão, apresentado pelo TEP no FITEI-84

isso que aqui estamos. Desta vez o FITEI arranhou uma tenda de circo para albergar espectáculos de estruturas cénicas menos confortáveis. É um recurso com vários inconvenientes, como vimos no primeiro espectáculo, e que denuncia as carências da cidade em matéria de salas de teatro, e mais generalizadamente de cultura.

Primeira noite do FITEI no circo: «Otelto», de Shakespeare, na versão de Arrigo Boito, adaptada e resumida. Embora com algum exagero a estrutura dramática do espectáculo pode resumir-se assim: cena de amor entre Otelto e Desdémone, cena entre Otelto e Lago em que este tece a sua intriga. Há uma luta entre as duas personagens que lembra os combates de samurais, e também uma marcação que permite uma leitura homossexual das relações entre as duas personagens. Terceira e última cena: Otelto coloca um pano, que Lago lhe entregara, sobre o rosto de Desdémone, matando-a. É evidente que o texto foi vítima de uma redução excessiva, e a riqueza estrutural e a escrita da peça ficaram demasiado empobrecidas.

Cenário branco, um centro oval em espuma, enquadrado por «passerelles», atrás elementos que lembram manequins construtivistas, com máscaras, fatos brancos.

Três actores que me pareceram capazes de trabalhos mais interessantes do que esta versão de «Otelto». Sem Shakespeare e sem Verdi.

del Difunto», já o grupo não obteve o mesmo êxito. Quanto a este, trata-se de um espectáculo plasticamente cuidado e até interessante mas que não compensa os esforços feitos. isto, mesmo tendo em conta as fortes bátegas de chuva a bater na lona da tenda, de tal maneira que por vezes prejudicavam a audição dos actores. Mas o problema era outro, era do próprio projecto do espectáculo que me pareceu desinteressante

A crise do TEP

Domingo, 4-11. Almoço oferecido pela direcção do FITEI a elementos da Comunicação Social e a outros convidados nacionais e estrangeiros. Pretexto para um convívio agradável de onde saiu, por sugestão de uma crítica de São Paulo, o projecto de se realizar nesta semana, no âmbito do FITEI, um encontro entre críticos, jornalistas, gente de teatro, para troca de ideias, de experiências, de projectos para futuros trabalhos de colaboração.

A tarde, espectáculo do TEP, que parece estar a viver uma situação de crise para a qual não se vê saída. Sem subsídio regular, o grupo dificilmente será capaz de golpear de rins que o retire do buraco em que o meteram. Apesar disso, o TEP convidou Fernando Gusmão que, com alguma coragem, aceitou o convite, tendo dirigido o novo espectáculo do grupo. Espectáculo limpo, sério, que a meu ver não consegue uma dinâmica suficientemente forte para interessar o público. As dificuldades do elenco tornam a escolha do repertório, nestas condições, ainda mais complicadas. Fernando Gusmão optou por duas peças em um acto de autores espanhóis, a que deu um só título «O Observador», de Jerónimo Lopez Mozo e Luis Matilla. Escolha compreensível perante os problemas conjunturais mas pouco produtiva em termos práticos. Tenha-se em conta, no entanto, o bom trabalho dramaturgico do próprio encenador, supponho.

A primeira peça conta uma noite de núpcias em que um jovem casal passa o tempo a discutir problemas sexuais, ter ou não ter filhos, cromossomas para aqui, cromossomas para ali, em vez de aproveitar a noite (de núpcias) para o que ela serve. A pecinha pareceu-me, aliás, desactualizada: as perso-

juntamente com um outro casal (no mesmo cenário branco com os mesmos objectos símbolos da sociedade consumista). Na peça de Luis Matilla existe um clima subtilmente kafkiano, com o casal vendo a sua privacidade vigiada pela personagem (também de branco) que funciona como um autómato implacável. Graças ao trabalho dramaturgico há uma articulação entre os dois textos, surgindo o casal mais velho consciente do problema pidesco vivido inconscientemente pelo casal mais novo.

Sob o ponto de vista político, o espectáculo levanta o seguinte problema: quando uma sociedade tem possibilidades e capacidades para manifestar a sua contestação de leis que considera injustas, manifestações em que podem participar e participam dezenas de milhares de pessoas, o teatro só pode intervir nessa luta com eficácia se colocar as suas formas de luta a outro nível. Piscator e Brecht, por exemplo, sabiam disso. Tal como surge neste espectáculo, a sua eficácia é muito, muito relativa. A luta contra a lei de segurança e contra a informatização do nosso quotidiano, que aqui justamente se denunciam, tem sido feita política e socialmente, e com algum êxito. Para o teatro participar nessa tão importante frente de luta deverá saber e poder trabalhar para grandes públicos e com meios e processos que têm muito pouco a ver com o que se passa no palco do TEP.

Bons trabalhos de Emília Silvestre e Jorge Pinto, bem acompanhados por José Pinto, com máscara, no observador, e Isaura Melo. José Moreira é que não podia acompanhá-los, pela sua inexperiência, agravando as já muito débeis condições da apresentação da primeira peça, já por si um texto impossível.

Êxito da Barraca

Terminado o espectáculo do TEP corri para o Carlos Alberto onde ainda pude assistir à metade final da segunda parte de «Santa Joana dos Mataduros». O espectáculo não só não se ressentiu da mudança do palco como, pelo contrário, adquiriu uma respiração, uma força maiores do que em Lisboa. É natural: Brecht gosta dos grandes espaços e dos grandes públicos. O Carlos Alberto estava cheio e como é bonito ver um teatro cheio. No final, grande entusiasmo do público do Porto.



A RTP-1 apresenta, esta noite, em Grande Informação, o grande vencedor da Maratona Olímpica de Los Angeles, Carlos Lopes

- 18.02 Notícias
- 18.07 «Candy, Candy»
- 19.00 Portugal Contemporâneo — a arte possível: «Quem Constrói o Quê?»
- 19.40 Gestão de Empresas — «Meios Auxiliares de Organização»
- 20.00 Telejornal — e Boletim Meteorológico.
- 20.35 «O Bem Amado» — episódio n.º 166.
- 21.10 «... E a Vida Continua»
- 22.20 Grande Informação — «Carlos Lopes, os Degraus do Campeão». A ambição máxima de todo o atleta que se preza de o ser é uma vitória nos Jogos Olímpicos. Em 1984, a «Portuguesa» fez-se ouvir no palco olímpico, em Los Angeles. Carlos Lopes, exemplo de um homem que consagrou a sua vida ao atletismo, é um dos maiores atletas do Mundo.
- 23.15 Últimas Notícias
- 23.25 Sinais — de José Nuno Martins.



A RTP-2 apresenta mais um episódio da série «O Barco Espião»

- 19.32 Notícias
- 19.37 Desenhos Animados
- 20.00 «Amor em Tempo de Guerra» — intérpretes: Susanna York, Michael Shannon, June Barry, Patrick O'Connell, Ray Smith e Stuart Wilson. Realização: Tony Wharmby.
- 20.55 Artistas — Francisco José.
- 21.25 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 142.
- 22.15 Jornal da Noite
- 22.45 «O Barco Espião»

Amanhã



Das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV. 18.00: Notícias; 18.07: «Conan, o Rapaz do Futuro»; 18.35: Teleregiões; 18.55: «O Barco do Amor»; 19.45: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal; 20.35: «O Bem Amado»; 21.10: Cinema Lumiar — com o filme «O Candidato»; 23.05: Últimas Notícias.

19.30: Notícias; 19.40: Desenhos Animados; 20.00: «Manhã Submersa» — «A Fuga»; 21.25: «Guerra dos Sexos»; 22.15: Jornal da Noite; 22.45: «Jessica Novak»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Carlos Lopes
(22.20)



«O Barco Espião»
(22.45)



Arante Dirceu chega a casa com a gravação das confissões. Na manhã seguinte, Pepito e dois dos outros credores de Libório querem saber o que ele irá fazer para lhes pagar o que deve. Libório adianta que está nas mãos deles pois não tem dinheiro para lhes pagar as dívidas. Furiosos os três saem chamando-lhe ladrão e vigarista. Sem se mover, Odetto quer que seja Libório a assumir as responsabilidades visto ter sido ele quem inventou a história da herança. De novo o farmacêutico pensa em suicídio. Temendo a ira do marido, Gisa pede a Chiquinha para chamar Cecéu para este a tirar dali rapidamente. Juarez concorda. Ao saber do pedido de Gisa, Odetto prontifica-se a ir buscá-la recusando-se a avisar o filho.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 Cruz Quebrada - Telef 2112871

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30

Espectáculo Único

pelo Grupo «Théâtre de l'Acte de Toulouse»

«les bonnes»

de jean genet

produção do Teatro do Mundo
com o patrocínio da Alliance Française

MAIORES DE 18 ANOS TEL. 32 22 10



roteiro cultural

Teatro

- No Teatro Nacional D. Maria II apresenta-se esta noite, às 21 e 30, em única representação, o **Théâtre de L'Acte** com o seu espectáculo «As Criadas» (Les Bonnes) de Jean Genet. A encenação é de Michel Mathieu, director do Théâtre de L'Acte, conhecido do público português pela sua encenação de «Terramoto no Chile» apresentado em 1981 pelo Teatro do Mundo.
- **Teatro do Mundo** que apresenta esta noite a derradeira representação de «A Troca» de Paul Claudel, interpretada por Manuela de Freitas, Fernanda Neves, Carlos Carvalheiro e Carlos Meireiros.
- No British Council Center, Rua Cecílio de Sousa, 65, pode ver hoje, a partir das 19 e 15, **George Curry** com o seu «One Man Show» intitulado «The World of Charles Dickens». George Curry interpreta o papel de Dickens, ilustrando-o com extractos do famoso novelista britânico.
- No Porto continua o FITEI com a apresentação da peça «Aurora da Minha Vida» pelo **Teatro Experimental de Cascais** que está, a partir das 21 e 45, na Cooperativa do Povo Portuense. No Auditório Carlos Alberto estão, a partir das 22 horas, **Os Filhos da PUC**, de Belo Horizonte, Brasil, que apresenta a peça «Arena Conta: Zumbi».

Cinema

- «Cinema francês de hoje» é o nome do ciclo ontem iniciado no Instituto Franco-Português,

Avenida Luís Bivar, 91, que se destina a divulgar alguns dos filmes franceses mais recentes. «Chronopolis» de Mário Dorminsky e «Liberty Belle» de Pascal Kane são os filmes programados para as 18 e 30 e 21 e 30 de hoje.

- «Nu entre os lobos» de **Frank Beyer** é o filme que esta tarde é exibido, às 18 e 45, no Estúdio 14, por inicia-

tiva do ABC Cine Clube de Lisboa e que se insere no ciclo «Presença do Cinema da RDA».

- No Ginásio-Clube da SFUAP, Cova da Piedade, é esta noite exibido o filme «O rapto da Europa - Mitos e Realidades». A exibição integra-se numa sessão evo-

cativa da Revolução, de Outubro.

Música

- A pianista de jazz Joanne Brackeen, acompanhada pelo trio Joe Henderson, Buster Williams e Billy Hart, chegou ontem a Lisboa a fim de realizar uma série de concertos em Portugal, o maior dos quais será no próximo sábado no Cascais Jazz. Já esta noite, às 21 e 30, o trio de Joanne Brackeen estará no Teatro Gil Vicente de Coimbra.

Exposições

- Na galeria da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa pode ser vista uma exposição de poesia visual, poesia sonora e poesia objecto pelo grupo italiano «Ippogrifo» de Salerno. Do grupo fazem parte os artistas Caetano Barbarisi, Giancarlo Cavallo, Regina Coppola, Raffaele Cuomo e Leonardo Cohen.

- Na Sociedade de Língua Portuguesa encontra-se patente uma exposição de fotografia de **Carlos Ricardo**.

- No salão de exposições da Junta de Turismo da Costa do Estoril encontram-se patentes trabalhos de «Sam».

Colóquios

- «Os princípios da metalur-



A pianista de jazz Joanne Brackeen toca hoje em Coimbra

gia do ouro em Portugal» é o tema da conferência que esta tarde, a partir das 18 e 30, será proferida pelo professor Vol-

ken Pingel da Universidade de Bochum. A conferência tem lugar no Instituto Alemão.

- No ISCTE, começa hoje a

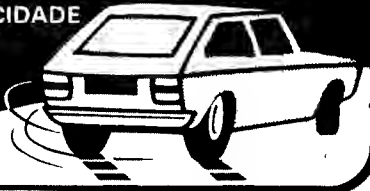
Semana de Cultura Angolana promovida pelo CIDAC, por ocasião do aniversário da independência de Angola. Às 21 e 30, **Luís Molta** fala sobre «As questões político-estratégicas de Angola no contexto da África Austral».

EDUARDO JÚLIO MONTEIRO PEIXOTO

A Família participa a Celebração da Missa do 7.º Dia, hoje pelas 19.15 na Igreja do Campo Grande.

Agência Domingos & Dinis, Tels. 861649 - 875213

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA MODERE A VELOCIDADE



COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	78\$40	84\$40
ALEMANHA FED (marco)	52\$85	53\$85
ÁUSTRIA (xelim)	7\$45	7\$65
BÉLGICA (franco)	2\$48	2\$648
BRASIL (cruzeiro)	\$040	\$070
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	118\$65	120\$60
(notas de 5 a 1000)	119\$10	121\$10
DINAMARCA (coroa)	14\$60	15\$00
ESPAÑA (peseta)	\$898	\$1018
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	155\$50	157\$50
(notas de 5 a 1000)	156\$00	158\$00
FINLÂNDIA (marka)	25\$10	25\$70
FRANÇA (franco)	17\$20	17\$90
HOLANDA (florim)	46\$85	47\$85
IRLANDA (libra)	163\$55	167\$55
ITALIA (lira)	\$077	\$087
JAPÃO (iene)	\$615	\$650
NORUEGA (coroa)	18\$05	18\$55
REINO UNIDO (libra)	196\$35	200\$35
SUECIA (coroa)	18\$30	18\$90
SUÍÇA (franco)	64\$15	65\$25
VENEZUELA (bolivar)	106\$0	11\$80

Observações.

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A galta dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Noites de luar. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.05: Música de arco, de autores russos; 16.35: O bailado «La Boutique Fantastique», de Rossini-Respighi; 17.20: Sonata, em lá menor, op. 137, n.º 2, de Schubert; 17.40: Cantos religiosos e profanos; 18.05: Música de Ravel; 19.00: Os olhos férteis; 19.30: Música de Chopin; 20.10: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 55, «Eroica», de Beethoven; 21.00: Música de câmara; 21.40: Obras de Rameau; 22.00: Quinteto n.º 9, em dó maior, op. 50, n.º 2, de Boccherini; 22.30: O gosto pela música; 23.00: Trechos de óperas; 23.30: Caprichos, op. 1, de Paganini; 00.00: Poemas sinfónicos; 01.00: Fecho

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Futebol Clube do Porto; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Os passageiros da noite; 02.00: No calor da noite

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé de vento; 01.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Memorando; 20.00: Horizonte; 21.00: Programa da LAR; 21.30: Máquinas ao vivo; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Desporto; 23.00: Sessão da meia-noite; 23.55: Meditando; 02.00: Estação de serviço

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: O estamíné do ritmo; 19.30: Memorando; 20.00: Transmissão do terço; 20.30: A Universidade na Rádio; 21.00: Pajú; 21.30: Pentagrama; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Contracapas; 02.00: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 173

HORIZONTAIS:

- 1 Aquele que. Recusa. Gálio (s.q.).
- 2 Cidade da Baviera. Freguesia do concelho de Seia.
- 3 Satélite de Júpiter. Causa nenhuma. Fruto da azeitura.
- 4 Freguesia do concelho e distrito de Bragança. Bondoso.
- 5 Cíclone violento, frequente no litoral americano.
- 6 Papagaio da Amazônia. Ósmio (s.q.). Pronome pessoal.
- 7 Mitologia. Crómio (sq). Numeral cardinal.
- 8 Penalizar.
- 9 Enrubescem. Rio da Suíça.
- 10 Fileiras. Causa agastamento.
- 11 Astrónomo português que montou o Observatório Astronómico de Lisboa. Fruto dos cereais. Preposição.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

VERTICAIS:

- 1 Letra grega. Possui. Animal doméstico.
- 2 Grito. Sacrificio.
- 3 Preposição. Fragmentaria.
- 4 Romance de Emilio Zola. Fluido aeriforme.
- 5 Apanha. Preposição.
- 6 Aquele que nada: Alteza Real.
- 7 Terramotos. Capital da Letónia (URSS).
- 8 O mesmo que oh! (Bras.). Preposição e artigo.
- 9 Freguesia do concelho de Miranda.
- 10 Grupo. Interjeição brasileira.
- 11 Misturaram.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 10 023

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Jugoslávia no vale do Morava. Vossa Santidade.
- 2 Aqueles que elegem ou têm direito de eleger.
- 3 Porção de fios dobrados (pl.). Prasiódio (s.q.).
- 4 Oferece. Génio do mal, na mitologia escandinava. Tempo do verbo ir.
- 5 Depois de Cristo. Guarneceis de asas.
- 6 Rente. Cobalto (s.q.).
- 7 Palhoça de índios. Freguesia do concelho de Santa Comba Dão. Almas de Cristo.
- 8 Alcançara com a vista.
- 9 Safais. Prover de abas.
- 10 Dois mil e um em romano. Relatado.
- 11 Apanharias na água (o peixe).

VERTICAIS:

- 1 Pacóvio (pop.). Por mão própria (abrev.).
- 2 Artigo definido (ant.). Delito.
- 3 Preposição. Doutora. Zombas.
- 4 Cidade da Polónia. Em partes iguais.
- 5 Moeda da Grécia antiga. Simitico.
- 6 Aguardente de cereais, que se consome principalmente na URSS e na Polónia. Pôr o visto em.
- 7 Lavrais. Ósmio (s.q.) Medida itinerária do Japão.
- 8 Cabelos brancos. Adoptara.
- 9 Gume. Margens.
- 10 Colocou. Cidade da Roménia.
- 11 Xaile das mulheres índias e parses. Queridos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 172

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. CANTA.
- 2 Uniamos. Aca.
- 3 Eta. Assanho.
- 4 Da. Cl. Sa.
- 5 Irmã. Escora.
- 6 Viamos.
- 7 Aa. Espertos.
- 8 Mal. Autora.
- 9 Só. Iem. Irás.
- 10 Essa. Toca.
- 11 Assados.

VERTICAIS:

- 1 Quediva. SEU.
- 2 Untaríamos.
- 3 Eia! Má. Sa.
- 4 Ma. Camélias.
- 5 MAL. Os.
- 6 Cós. ESPANTA.
- 7 Assis. Eu. Dó.
- 8 Cortiço.
- 9 Tanso. Toras.
- 10 Achar. Ora.
- 11 PIS. ACM. Res.

PROVÉRBO: Quem canta seu mal espanta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 022

HORIZONTAIS:

- 1 Ratatau. Cão.
- 2 Acaalados.
- 3 Sol. Mi. Ler.
- 4 Praga. Amara.
- 5 Adornado.
- 6 Ló. Acredita.
- 7 Aló. Re. Id.
- 8 Ch. Milo.
- 9 Chás. Rolat.
- 10 Amas. Casota.
- 11 PIS. ACM. Res.

VERTICAIS:

- 1 Raspalho. Pã.
- 2 Acordo. CMI.
- 3 Talão. Achas.
- 4 As. Gralhas.
- 5 Tamanco.
- 6 Ali. Ar. CC.
- 7 Ua. Aderiram.
- 8 Modelos.
- 9 Cola. Olor.
- 10 Aser. Ti. Até.
- 11 Rapaduras.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 4 a
 Falado em português
AS AVENTURAS DA TURMA DA MÔNICA
 7.ª Semana

AVILA 539930

Av. Duque de Ávila 92A
 Às 14.45, 18.15 e 21.45
 - M. 12 a.
 3 Óscares
OS ELETOS
 8.ª Semana

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila 45
 Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 16 a.
UM CASAL DE TRÊS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
 10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Para Todos
IVANHOE

CASTIL 530194

R. Castilho
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas 10
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - M. 18 a.
VIDAS
 Às 24 - M. 18 a
O ÚLTIMO HARÉM

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto 15
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
O GRANDE ZORRO

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória 37 (ao Saldanha)
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a
ESQUADRILHA HERÓICA
VIOLÊNCIA E PAIXÃO
 Às 24 - M. 18 a

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora
 Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
SEM DEIXAR RASTO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora
 Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
ALIEN, O 8.º PASSAGEIRO

CONDES 322523

Av. da Liberdade 2
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS
 M. 12 anos

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts 113/4
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES

EDEN 320768

P. Restauradores 21
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 16 a.
FÚRIA DE VINGANÇA

ESTUDIO 555134

Al. Alfonso Henriques 35
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
O MOMENTO DA VERDADE
 Às 24 - M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade
 SALA 1
 Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
 - M. 12 a
O MISTÉRIO DE GORKY PARK

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
 - M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques 35
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
REBEL, O INSUBMISSO

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora
 Às 21.30 - M. 16 a.
 Vingança Selvagem

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral 37
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - M. 18 a.
EMANUELLE, A ANTIVIRGEM

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro 42-B
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

R. dos Condes 12 a 20
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
ZEBRA FORCE

PATHE 821933

R. Francisco Sanches 122
 Às 15 e 21 - M. 13 a.
UNS E... OS OUTROS



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão 109
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
HÉRCULES CONTRA O FILHO DO SOL

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima 16
 SALA 1
 Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
 - M. 12 a.
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS

SALA 2

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30
 - M. 16 a.
A BALADA DE NARAYAMA

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
 - M. 16 a.
O LÍRIO DE MANILA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30
 - M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda 27 B
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS
 Às 24 - Int. men. 13 a.
CAMINHO DA LIBERDADE

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma 14 M-N
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 6 a.
SPLASH, A SÉRIE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis 20
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
O TRIUNFO DE UM HOMEM CHAMADO CAVALO

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade 175
 SALA 1
 Às 15.15, 18.15 e 21.15
 - M. 12 a.
MOMENTO DA VERDADE

SALA 2

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
 - M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
 17.ª Semana

SALA 3

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TERZAN REI DA SELVA
 4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63
 Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24 horas
 - M. 6 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TERZAN REI DA SELVA
 Filme de qualidade
 2.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro 14-C
 Às 15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
UM HOMEM FORA DE SÉRIE
 Às 24 - M. 12 a.
A SELVA DE CIMENTO

TURIM 706666

E. de Benfica 723-A
 Às 15, 17.30 e 21.45
 - M. 12 a.
REBEL, O INSUBMISSO
 Às 24 - M. 18 a.
ROCKY I

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Custódio, lote 8-19
 Às 15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

XENON 368480

Av. da Liberdade 9
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a
MAKING LOVE
 3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Splash, a Sereia», às 21.45
ALFA-2 - «Fúria da Vingança», às 21.45 (16 anos)
ALFA 3 - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE - «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO - «O Império da Paixão», às 21.30 (18 anos)
APOLLO 70 - «A Balada de Narayama», às 21.30 (16 anos)
OLÍMPIA - «Bela e o Sexo», sessões permanente (12 anos)
CAPITÓLIO - «Febre Louca do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «A Última Loucura de Mel Brooks», às 21.30 (12 anos)
LONDRES - «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)
CITY-CINE - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
CINEMATHECA PORTUGUESA - «Moana, o Homem Perfeito», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Guerra Conjugal», às 21.30 (16 anos)
RESTELO - «Vingança Forçada», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadlum - «Fome de Viver», às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Frutos da Paixão», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «Juventude Sem Fim», às 21.15 (16 anos)
ESTORIL - Casino - «Monty Python, o Sentido da Vida», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Palácio - «Verão Assassino», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «Tornado», às 21.30 (16 anos)
CASCAIS - Oxford - «Caçadores no Espaço», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Cartago em Chamas», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «Violência e Sedução», às 21.15 (16 anos)
ALMADA - Cine-Almada - «Cidade em Pânico», às 21.15 (18 anos)
Linha de Sintra
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Táxi Driver», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Os Implacáveis Exterminadores», às 21.30 (12 anos)

Porto

TERÇO - «Os Cavaleiros do Céu», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «A Febre Continua», às 21.45 (12 anos)
FOCO - «A Sereia», às 21.30 (6 anos)
PAÇOS MANUEL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)
BEBE - «Estilhaços», às 21.30 (16 anos)
COLISEU - «Até Mesmo os Anjos Comem Feijões», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN - «Christine, o Carro Assassino», às 21.30 (16 anos)
BATALHA - «Academia de Polícia», às 21.45 (12 anos)
AGUIA - «O Dragão de Ferro», às 21.30 (18 anos)
TERÇO - «Fortaleza Secreta», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «As Malhas da Traição», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO - «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
JULIO DINIS - «Meu Filho Meu Amor», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA - «Francesca», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «O Mistério de Gorky Park», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala A - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Vidas», às 21.45 (18 anos)
RIVOLI - «A Rapariga de Trieste», às 21.30 (16 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AREIRO - APEADEIRO: CHINDE, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO D'OURIQUE**: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO**: AVE-NIDA DE ROMA: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE**: Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35; **IGREJA DE ARROIOS - CHILE**: Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **JERÓNIMOS**: Remialdo, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LUMAR - QUINTA DAS MOURAS**: Matos Viegas, Av.

teatros

Lisboa

ABARRACA - «Santa Joana dos Mataduros», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
BAIRRO ALTO - «Simpatia», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «O Bem Tramado», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
TEATRO IBÉRICO - «A Celestina», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES - «Casar Sim, Mas Devagar», às 21.45 (12 anos)
VILLARET - «Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
TEATRO DO MUNDO - «A Troca», às 21.30 (10 anos)
EXPERIMENTAL DE CASCAIS - «A Última da Minha Vida», às 21.45 (12 anos)
SOLO MIO - «Gente Coisa é Outra Fina», às 23.00 (18 anos)

PORTO

CARLOS ALBERTO - «Dulcineia ou a Última Aventura de D. Quixote», às 21.30 (13 anos)
TEP - «O Observador», às 21.45 (13 anos)

Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **PAMPULHA** - JANELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Arraia, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO**: Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES**: Brangulinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ**: Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI** - RESTAURADORES: Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BRANDOA** - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **CODIVEL** - ODIVELAS: Nabais Vicente, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803).

REFORÇO

ALTO DO PINA: Euell, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE**: Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO**: Labor, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA** - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CALVÁRIO** - ALCANTARA: Lupi Nogueira, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPOLIDE**: Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS**: Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA**: Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL**: Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ**: Tavares, R. da Palma, 194; **OLIVAS SUL**: Higien, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PONTINHA**: Cruz Corrala, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de A.º, 9 (T. 2768030); Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466); Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às

farmácias

BIRRE: Imani; **MADORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL**: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Permanente; **CAMPOS**: R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Até às 22 horas; **DAMIA**: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ**: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM**: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS**: Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 926006). Até às 22 horas; **SINTRA**: Misericórdia, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
VILARINHA, R. da Vilarinha, 161, LAPA, R. Antero de Quental, 211; **BONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES CARNEIRO**, R. de Cedofeita, 348; **FERREIRA DE CARVALHO**, R. do Bonjardim, 354.

DE DIA E TODA A NOITE

LUSO-FRANCA, R. Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622; **SAUDE**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.



Propriedade, Composição e Impressão:
RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SOBRADO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 320270
Serviço de noite (após das 21h):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DISBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 23254/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
1.35 3,8 m 7.14 1,3 m
13.49 3,9 m 19.31 1,2 m
Dia 7
2.09 3,9 m 7.45 1,2 m
14.24 3,9 m 20.00 1,2 m

**TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS:**

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	9°
PORTO	13°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	13°
ÉVORA	12°
BEJA	14°
FARO	17°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	17°

tempo

**PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ:**

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do quadrante oeste, soprando por vezes com rajadas. Agudeiros por vezes fortes, que serão de neve ou granizo nas terras altas. Trovoadas.



Em causa postos muito bem remunerados

Incúria e burocracia inviabilizam candidaturas de portugueses às organizações internacionais

Excesso de burocracia ou incapacidade para lidar com corresponsabilidade de grande responsabilidade, por parte de serviços oficiais, impedem que ofertas de emprego provenientes de organizações internacionais cheguem, em tempo útil, às mãos de eventuais candidatos portugueses.

O «DL» apurou sete casos concretos que confirmam esta situação, e tem conhecimento de vários outros.

Os primeiros seis são lugares postos a concurso pela ONU, respeitantes aos seguintes contratos: planificador em macroeconomia/econometria, a exercer em Trípoli (Líbia); espe-

cialista em classificação, a exercer em Nova Iorque; auditor no Departamento de Administração e Gestão, a exercer também em Nova Iorque; especialista de gestão administrativa, também para Nova Iorque; conselheiro de «staff», para Genebra; e chefe da Divisão de Recursos Naturais, Ciência e Tecnologia, para Bagdade.

Para todos estes lugares, a ONU abriu concurso em 5 de Julho passado, comunicando automaticamente as vagas às instituições suas correspondentes nos países membros.

No caso português, é o Instituto para a Cooperação Econó-

mica que divulga estas vagas na ONU, no quadro da cooperação multilateral: as vagas são-lhe comunicadas pelo Serviço de Assistência Técnica às Nações Unidas, e devem, evidentemente, ser tornadas públicas de modo a que eventuais candidatos possam, em tempo útil, a elas concorrer.

Ora, para cinco dos seis lugares citados, as candidaturas deveriam ser apresentadas até 9, 16 ou 30 de Agosto, mas o Instituto para a Cooperação Económica só divulgou a existência destas vagas através de correio datado de 27 de Agosto, quando já tinha caducado ou estava a caducar o prazo no qual os can-

didatos deveriam, obrigatoriamente, responder.

Vale a pena acrescentar, a título de curiosidade, que os salários médios anuais destes postos são, para candidatos solteiros, de 25.671 + 12.410 US\$, quer dizer, ao câmbio actual, um pouco menos de 6000 contos. Dividindo por catorze meses, o salário médio mensal destes postos é, portanto, de cerca de 430 contos. Estes valores aumentam nos casos dos não-solteiros.

São contratos como estes — geralmente anuais, e renováveis — que a burocracia e os atrasos no envio de informação estão a

«roubar» a eventuais candidatos portugueses.

Um outro caso foi comunicado ao «DL» por um quadro que se candidatou a determinada vaga no Conselho da Europa, em Strasburgo, no próprio dia em que recebeu, do Ministério português dos Negócios Estrangeiros, a quem competia divulgar a vaga existente, a informação a ela respeitante. Essa informação, divulgada via telex, não incluía referência à data em que prescrevia o prazo para entrega de candidaturas. Dez dias depois, recebeu, do Conselho da Europa, uma simpática resposta, lamentando não poderem consi-

derar a sua candidatura, porque o prazo para a apresentar tinha terminado... três semanas antes.

Num breve inquérito junto de serviços universitários a quem geralmente são comunicadas vagas como as que nos servem de exemplo, apurámos que esta situação é crónica, e leva, obviamente, à inviabilização de quaisquer candidaturas portuguesas.

Posta de parte, por princípio, a hipótese de que seja **intencional**, por parte das autoridades responsáveis, o escamoteamento de informações como estas, em tempo útil, pergunta-se a quem interessa a manutenção da situação.

Para expor política laboral

Comissão parlamentar convocou Amândio de Azevedo

A Comissão Parlamentar de Trabalho decidiu na sua reunião de ontem convocar o ministro Amândio de Azevedo para expor a política do seu ministério. De acordo com Fernando Condoso, a exposição daquele membro do Governo deverá incluir a política que irá ser adoptada no sector laboral.

Na referida reunião a Comissão Parlamentar de Trabalho deliberou ainda sobre a necessidade de visitar a Metalúrgica Duarte Ferreira para melhor conhecimento da situação naquela empresa, sendo provável a realização de outras visitas a empresas em situação económica difícil.

Provedor de Justiça

Entretanto o presidente da Assembleia da República, Fernando

Amaral, recebeu o provedor de Justiça que lhe entregou o relatório das actividades desenvolvidas em 1983.

De acordo com o documento, aqueles serviços receberam no ano passado cerca de 2500 queixas, das quais 1965 por escrito e 503 verbais.

Ainda em 1983 houve mais 157 processos cuja iniciativa partiu do próprio provedor e um total de 4875 processos tratados, dos quais 2625 iniciados em 83 e os restantes vindos de anos anteriores. Pamplona Corte Real manifestou ao presidente da AR a necessidade de o plenário apreciar aquele relatório e os dos anos anteriores para o que já foram entregues cópias aos grupos parlamentares. Trata-se do oitavo relatório deste serviço que é apresentado em dois grossos volumes de mais de 850 páginas.

Grupo parlamentar do CDS

Está marcada para hoje uma reunião do grupo parlamentar do CDS que deverá deliberar sobre a situação criada pela ausência de candidatos à sucessão de Nogueira de Brito.

Como o «DL» oportunamente anunciou, a eleição do novo líder parlamentar centrista estava marcada para a passada terça-feira, mas o facto de até à véspera nenhuma candidatura se ter apresentado levou os centristas a adiarem as eleições por uma semana.

No entanto, poucos dias depois o deputado Nogueira de Brito pediu a suspensão do seu mandato por 30 dias. Assim, as eleições que deveriam realizar-se hoje sofrem novo adiamento.

Garantia de isenção no julgamento de Otelo pedida por holandeses

Diversos Partidos e personalidades holandesas apelaram ontem para o Conselho Superior de Magistratura (CSM) português para garantir a isenção no julgamento do tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho e a sua ampla defesa.

Os signatários de um documento enviado ao presidente do

CSM por iniciativa do secretário do grupo parlamentar do PSD holandês (pacifistas e socialistas), Chris Huinder, faz um «apelo veemente para que nenhuma presensão política ou extrajudicial seja feita no julgamento».

Apelam ainda a que a Otelo Saraiva de Carvalho «sejam dadas

amplas oportunidades de um julgamento justo e para uma boa defesa, de acordo com as regras internacionalmente aceites da lei e da justiça».

O documento é assinado por cinco grupos parlamentares e organizações de defesa dos direitos humanos e de apoio ao Terceiro

Mundo e organizações de emigrantes na Holanda.

O apelo salienta que Otelo «é agora posto na situação de ter que se defender de acusações que parecem ir contra as suas convicções», depois de «uma longa detenção cuja justeza foi (em território) nacional e internacionalmente posta em causa».

Importamos o que já produzimos

Amendoim de Aljezur tem dificuldades de «saída»

Os produtores de amendoim do concelho de Aljezur, Algarve, encontram-se com dificuldades de comercialização deste fruto, devido a uma alegada autorização da Direcção-Geral do Comércio Externo na importação de 400 toneladas.

Os agricultores que se elevam a três centenas e que encontram naquela cultura uma das suas principais fontes de receita queixam-se de uma acentuada recessão na procura do produto pelos habituais compradores, na sua maioria armazenistas de Lisboa.

Uma nota enviada ao director-geral do Comércio Externo pelo director-regional de Agricultura do Algarve sublinha que essas dificuldades são devidas a essa importação parte da qual (170 tone-

ladas) já estará a caminho de Portugal.

Este amendoim — refere o director-regional da Agricultura do Algarve, com base em informações colhidas junto dos produtores — terá sido oferecido aos armazenistas a menos de cerca de 50 escudos por quilograma, em relação aos preços já propostos no início da campanha.

O responsável pelos serviços oficiais da agricultura algarvia faz sentir ao director-geral do Comércio Externo que «ao longo dos anos e mercê de vários condicionamentos o concelho de Aljezur tem sido tradicionalmente uma zona pobre e desprotegida, vivendo essencialmente da agricultura».

Bons resultados

O mesmo responsável acrescenta que «mais recentemente essa situação foi ligeiramente alterada alguns sectores dessa actividade, nomeadamente, pelos bons resultados que se têm obtido com a cultura do amendoim».

Deste modo e segundo a nota daquela entidade, «a confirmar-se esta situação, irá assistir-se à desmotivação dos agricultores numa previsível expansão e aprimoramento da cultura, agora que a mesma começava a evoluir em termos francamente animadores».

O director-regional que manifesta estranheza por os seus serviços não terem sido «consultados antes de ser autorizada a im-

portação do produto» adverte que o concelho de Aljezur poderá mergulhar «num novo marasmo no que respeita ao seu desenvolvimento agrícola, com todas as graves consequências que daí podem advir para os agricultores» da região.

Aquele responsável conclui solicitando a reanálise do assunto «tendo em atenção os interesses regionais e nacionais» e propõe «desde já, a total proibição da importação de amendoim para consumo em natureza».

O concelho de Aljezur é a região onde se produz mais amendoim em todo o País com uma produção estimada em 800 toneladas/ano e que se traduz na maior receita do concelho com um valor estimado em 150 mil contos.

Aulas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Tendo sido resolvida a questão dos vencimentos dos docentes da Faculdade de Letras de Lisboa, as aulas no referido estabelecimento de ensino tiveram início no dia 29 de Outubro.

O Conselho Directivo da FLL, uma vez solucionada a questão dos vencimentos, tomou as medidas necessárias para assegurar o normal funcionamento dos vários cursos. Os horários e as datas de início das aulas dos diversos professores estão afixados.

INFORMÁTICA

Terceiro Congresso culminou o "mês da Informática"

O Terceiro Congresso Português de Informática, que decorreu na passada semana em Lisboa, coroou um mês de intenso debate sobre a informática e mais genericamente sobre as tecnologias da informação. O Congresso foi além disso o ponto alto de um ano que ainda não terminou mas que se tem revelado extremamente rico em iniciativas e realizações diversas naquele domínio. Só durante o mês de Outubro sucederam-se o seminário da OCDE sobre as políticas das tecnologias da informação e o desenvolvimento económico, a Inforpor/84 e o seminário sobre informática jurídica e gestão judicial. Finalmente, entre segunda e sexta-feira passadas desenrolou-se o Congresso com todas as manifestações paralelas que o acompanharam. Todas estas iniciativas demonstram à sociedade a vitalidade da informática portuguesa. Resta saber em que medida ela beneficiará com elas.

Nas páginas interiores:

- Fechou morno mas foi positivo
- Viabilidade da produção nacional causou polémica
- Balanço da Comissão Técnica
- Telepac já chegou
- Manifestações paralelas quebraram a rotina

Os discos ópticos e o futuro

Pág. 5/6

A grande aventura da linguagem ADA

Pág. 5/6

Inforpor volta para o ano

Pág. 9

O regresso dos grandes sistemas

Pág. 12

"Micros" vão ter página própria no "DL-Informática"

Pág. 12

Câmara de Comércio pronuncia-se sobre protecção de dados

Num documento recentemente tornado público, a Câmara de Comércio Internacional (CCI) toma posição e chama a atenção da Comunidade Internacional para aquilo que considera serem os perigos e inconvenientes resultantes da aplicação às empresas comerciais e industriais, e outras, da legislação relativa à protecção de dados para a defesa do respeito da vida privada das pessoas.

Segundo a CCI tentar «proteger» as pessoas colectivas da mesma maneira que as pessoas físicas é inadequado, inútil e nefasto.

Este importante documento analisa as consequências da aplicação destas medidas e refuta os argumentos que têm sido avançados para justificar uma extensão às empresas da legislação sobre o respeito da vida privada.

Depois de enunciar as principais disposições internacionais que doutrinar esta matéria, aquela organização aponta algumas das obrigações que seriam exigidas às empresas, entre as quais o registo de ficheiros, divulgação de quais os dados que foram comunicados a terceiros e o registo de todas as transferências e usos de dados.

O acatamento destas obrigações, diz o documento, poderá resultar na abertura às empresas concorrentes do acesso a informações confidenciais e enfraquecimento das posições de uma empresa. A protecção do «Segredo do Negócio» interessa vivamente a todas as empresas e é essencial no funcionamento do sistema económico, entende a CCI.

Por outro lado, estas obrigações acarretam um aumento quer dos custos quer da dimensão da aplicação dos sistemas de gestão de informação.

Impor estas exigências a uma empresa significa expor toda a potencial transacção numa sociedade com os seus clientes e fornecedores a uma investigação, acrescenta.

A CCI afirma a sua total disponibilidade e interesse em contribuir para o encontro de soluções que estabeleçam o adequado equilíbrio entre os diferentes interesses em jogo.

Em conclusão, a Câmara de Comércio Internacional considera que o equilíbrio entre a necessidade de se proteger dados e a de os utilizar o mais eficazmente possível é muito diferente no caso de se tratar de pessoas colectivas ou de pessoas físicas.

Assim, os dados relativos a pessoas morais, e em particular às empresas comerciais e industriais, não deverão ser protegidos pelas mesmas disposições legislativas.

Por último, a CCI recomenda a todas as Delegações nos diferentes países do Mundo em que exista ou esteja em preparação legislação nesta matéria no sentido de alertar os respectivos governos das desvantagens na adopção de medidas daquela índole.

A delegação Nacional Portuguesa da Câmara de Comércio Internacional apresentou já ao Presidente da Assembleia da República e Grupos Parlamentares bem como ao primeiro-ministro a tomada de posição desta representativa e influente organização mundial de agentes económicos.

Primeiros licenciados saem no próximo ano

Cooperação Portugal/Angola já dá frutos na informática

Em Junho de 1985 sairão do Departamento de Engenharia Electrónica da Universidade de Luanda os primeiros nove licenciados em informática, no âmbito de um projecto integrado de cooperação entre Portugal e Angola.

O projecto de três anos, no valor de três milhões e meio de dólares (525 mil contos), financiado por Angola, foi celebrado entre a Universidade de Luanda e as sete universidades portuguesas, cabendo a Lisboa o envio para a capital angolana de 40 professores por ano para a formação dos quadros.

A ideia do projecto partiu do engenheiro Homero Leite, director do Departamento de Engenharia de Luanda, que para o efeito contactou pessoalmente o professor Graça Martins, da Faculdade de Ciências de Lisboa, tendo então sido esboçado o interesse da cooperação integrada.

Em Fevereiro de 1981, uma delegação do ministério angolano da Educação veio a Portugal propor a colaboração das sete universidades portuguesas. Das conversações havidas resultou a constituição de uma comissão

mista coordenadora para levar avante o projecto.

Entretanto, em Angola, houve que criar as infra-estruturas necessárias para o ensino, como por exemplo a construção de um pavilhão e a aquisição do seu equipamento, que é constituído por dois computadores MV 800, fornecidos por uma empresa portuguesa que assegura igualmente a sua manutenção.

As aulas das disciplinas de arquitectura e microprocessadores, sistemas de exploração e redes e ciência e tecnologia de programação iniciaram-se em Novembro do ano passado como opção no quarto e quinto anos de engenharia electrónica.

Para a implementação e acompanhamento do projecto, a Secretaria de Estado da Cooperação criou em Lisboa um departamento especial, cujo orçamento para os três anos ronda os 12 mil

contos, disse um dos coordenadores do programa, a professora Madalena Quirino.

Madalena Quirino afirmou ainda que o projecto é «um modelo de cooperação que se espera no futuro venha a evoluir para outras formas de cooperação», realçando também o interesse já manifestado por outros países africanos não só de língua portuguesa.

Portugal, país essencialmente consumidor de informática, tem acumulado experiência no domínio da formação de quadros com perfil capaz de aplicar e controlar a utilização desta técnica.

Nesse sentido, criou o projecto de educação e desenvolvimento no domínio da informática (EDDI), cuja primeira experiência está agora a ser ensaiada na República Popular de Angola.

O projecto EDDI interessa a países onde não existe ainda uma sólida estrutura autónoma de formação de engenheiros informáticos e onde a formação de quadros técnicos neste domínio seja inexistente ou importada.

Para os criadores do projecto — Madalena Quirino e Graça

Martins — uma rede de computadores, permitindo o tratamento da informação no local onde ela é recolhida e transportando para os centros de decisão apenas a informação de síntese, ajusta-se melhor às estruturas da sociedade do que os sistemas centralizados tradicionais.

É pois de prever que a nova tecnologia, permitindo o acesso à informação mais recente e viável, e portanto a acções de planeamento e controlo mais eficazes, por um lado, ter fortes implicações no sistema produtivo (implicações que se estenderão à própria vida comunitária) e, por outro lado, criar novos mecanismos de controlo dos meios de produção.

A informática e as telecomunicações constituem então um eixo de soberania. Sem o seu controlo, o Estado não poderá garantir o exercício de uma independência efectiva.

A implementação de um sistema autónomo de formação dos quadros médios e superiores que exercerão esse controlo deve

pois ser atribuída uma prioridade consentânea com o valor estratégico desses quadros numa política de independência nacional, consideram os dois peritos.

Nestes termos, no ano um do projecto EDDI é submetido a um regime de formação intensiva em informática um conjunto de pessoas nomeadas por uma autoridade universitária competente, com provas dadas no que respeita a qualidades e capacidades de trabalho e sólida formação nas disciplinas de base.

No ano dois do projecto inicia-se o primeiro ano regular para alunos vindos do bacharelato. Nesta fase, o grupo inicial participará já activamente no projecto assegurando serviço docente.

No ano 3, terminará a formação do primeiro grupo de alunos (segundo ano regular) sendo o serviço docente parcialmente assegurado, exclusivamente, pelo grupo inicial.

(Luís Pinheiro de Almeida, NP)



Fábrica da Control Data visitada por Eanes em Palmela

A Control Data festejou o mês passado os quinze anos da sua instalação em Portugal. Com uma pequena fábrica em edifícios alugados e escassas seis dezenas de trabalhadores, a Control Data Portuguesa iniciou a sua actividade industrial no nosso País em 1969. A partir daí, o seu crescimento foi veloz e pouco mais de um ano depois a produção de cartões de memória com que arrancou já tinha atingido mais de 180 mil unidades.

Em 1971 a fábrica definitiva estava construída em Palmela e dos velhos cartões de memória passou-se sucessivamente às unidades de disco VCD, para as unidades de memória dos computadores, aos cartões de circuito impresso de maior complexidade, às cabeças magnéticas, às unidades de memória SMD de 40 e 80 MB...

Entretanto a fábrica de Palmela foi incorporada na Magnetic Peripherals Inc. Portugal (MPI-P), formada pela Control Data Corporation em associação com a Honeywell e a Bull. A Control Data Portuguesa, por seu lado, passou a dedicar-se à comercialização de equipamentos e serviços.

A produção da MPI-P atingiu em fins de 1980 os totais acumulados de 16 mil unidades de memória VCD, 3 mil unidades de memória SMD, 300 mil cabeças magnéticas e 2 milhões de cartões de circuito impresso.

Durante o ano passado a área da fábrica foi alargada para 11 mil metros quadrados e a empresa passou a ter a responsabilidade mundial pelo fabrico das cabeças magnéticas dos tipos VCD/HAWK e HPD.

Nesse ano as exportações atingiram os seis milhões de contos.

Finalmente, no decurso do presente ano foram consolidadas as fábricas de Palmela e uma outra mais pequena, em Setúbal, onde entretanto tinham passado a ser construídos os cartões de circuito impresso e as cabeças magnéticas. Os investimentos feitos na expansão e remodelação geral das instalações importaram em 350 mil contos.

Neste momento a MPI-P emprega cerca de mil pessoas e as exportações previstas para este ano são da ordem dos 10 milhões de contos, devendo dirigir-se para 98 clientes em 20 países.

Esta a realidade industrial da empresa que no passado dia 19 comemorou 15 anos de actividade e convidou para o efeito o Presidente da República. Durante a sua visita às instalações fabris de Palmela, o general Eanes teve a oportunidade de se inteirar pormenorizadamente da actividade ali desenvolvida e das perspectivas quanto ao futuro. Neste aspecto, o presidente da Companhia de Produtos Periféricos da Control, Data G. Brown, anunciou que a MPI-P vai passar a produzir a tecnologia Winchester e os discos de memória removíveis.

No discurso que proferiu na ocasião, o Presidente da República afirmou que «as condições hoje existentes em Portugal em relação ao investimento estrangeiro, o elevado nível de especialização dos nossos quadros técnicos e a qualidade dos trabalhadores portugueses, representam uma retribuição ajustada para que venham a registar-se, com maior frequência, exemplos idênticos ao que aqui vimos encontrar».

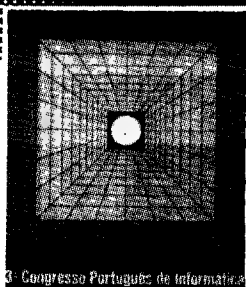
Novas tecnologias

Comissão está completa

A constituição da Comissão para o Desenvolvimento das Tecnologias da informação foi tornada pública a semana passada depois de o ministro da Indústria ter assinado o despacho que nomeia os seus membros e lhe afecta os meios financeiros indispensáveis para a fase de arranque. Além de João Cravinho, cuja presença na presidência da Comissão já tínhamos noticiado há dois meses, a Comissão é composta por Fernando Carvalho Rodrigues (INETI), José Manuel Carrilho (IAPMEI, MIE), João Lourenço Fernandes (INESC), José Borreicho (SEC), Eurico Cabral da Fonseca e Fernando Miranda (AIP), Filipe dos Santos e Jaime Mortágua (ANIMEE) e Mendes Mourão (JNIC, em representação da presidência do Conselho de Ministros).

Colóquio da IDC em preparação

O Colóquio sobre «as necessidades de Portugal em informática, nos próximos cinco e dez anos, promovido pela Internacional Data Corporation com a colaboração de numerosas empresas e entidades, está neste momento a ser preparado por diversos grupos de trabalho constituídos na última reunião preparatória. O encontro em questão realizou-se no passado dia 9 de Outubro tendo sido decidido que cada grupo de trabalho se ocupará de um dos quatro pontos da agenda do colóquio. De acordo com as decisões tomadas foram acrescentadas duas alíneas a essa agenda para debate dos problemas de auditoria informática e da colaboração entre a área de investigação e a área das empresas e indústrias de informática.



3.º Congresso Português de Informática

Terceiro Congresso fechou morno mas o saldo final foi positivo

Ao escolher os sistemas de informação enquanto instrumento de mudança para tema central do Terceiro Congresso Português de Informática, os seus promotores fizeram a aposta de que o grau de maturidade da utilização das tecnologias da informação em Portugal permitia já uma mudança de orientação, que ultrapassasse a perspectiva analítica, centrada na técnica e nas suas utilizações paralelas, e assumisse uma visão sistémica. A afirmação é do coordenador técnico do Congresso,

Henrique Marcelino, e foi feita na sessão de encerramento dos trabalhos, na passada sexta-feira, na Fundação Gulbenkian. A principal questão que deverá ser equacionada no rescaldo da mais importante manifestação informática realizada durante este ano em Portugal está com certeza implícita naquela afirmação: a aposta feita pela Associação Portuguesa de Informática foi ou não foi ganha?



A ideia de que a realidade portuguesa autoriza neste momento a abordagem da informática de uma forma global em que a informação é encarada como um recurso vital das organizações e as tecnologias da informação são vistas como instrumentos de mudança dominou o Terceiro Congresso Português de Informática, que decorreu em Lisboa de segunda a sexta-feira passadas. Segundo o coordenador-geral do Congresso, José Augusto Castro Correia, «ao eleger-se como tema central — sistemas de informação — um instrumento para a mudança, procurou-se, mais do que inventar um «slogan», fomentar uma reflexão no seio da comunidade informática nacional, alargando a participação a outros especialistas».

Na sua intervenção no acto de abertura dos trabalhos, Castro Correia respondeu indirectamente às objecções que alguns sectores poderiam surgir perante tal escolha: «a problemática dos sistemas de Informação não constitui apenas uma «moda» (...) mas traduz, sobretudo, uma forma diferente de posicionar o papel das tecnologias da informação ao serviço das organizações».

Tema prematuro?

De facto não faltou quem entendesse que este Congresso padecia à partida da sua subordinação a um tema prematuro no contexto da informática portuguesa. Para uns, a perspectiva dos sistemas de informação é de algum modo uma questão académica desfasada da realidade dos nossos profissionais, enquanto que, para outros, ela foi trazida para a ribalta pelos «fabricantes de mitos» que «não querem ver o verdadeiro estado da informática em Portugal».

No entanto, e apesar de ser ainda demasiado cedo para avaliar correctamente os resultados do Congresso, a apreciação feita pelos seus organizadores sobre as 60 comunicações apresentadas à discussão contraria aquelas opiniões. Assim, sublinhou

Castro Correia, na sessão inaugural, «analisadas as comunicações segundo exigentes critérios de avaliação pode afirmar-se que a aposta foi ganha».

Aliás, se se considerar a metodologia proposta pelo coordenador-geral para medir o êxito de um encontro técnico desta natureza e se não se levantarem as objecções atrás evocadas, a conclusão será certamente a mesma. Segundo aquele responsável da API o sucesso depende da «adequação do tema à realidade da comunidade envolvida, da qualidade das comunicações apresentadas, da adesão e inscrição dos participantes nas várias iniciativas e, ainda, da profundidade e qualidade das discussões produzidas».

De acordo com a orientação adoptada — tratamento da informação como um recurso vital das organizações e abordagem das tecnologias da informação como instrumentos que permitem a racionalização dos sistemas de informação organizacionais — o tema do Congresso foi dividido em três áreas: concepção e planeamento dos sistemas de informação (SI); desenvolvimento dos SI; e os SI nas pequenas e médias organizações (esta última correspondendo a uma particularização das duas anteriores num domínio que a realidade do País facilmente justifica).

Além destas três áreas que receberam, respectivamente, 25, 18 e 10 comunicações, foi ainda criada uma quarta secção que integrou sete comunicações sobre burótica, robótica e inteligência artificial.

Participação elevada

A participação dos 650 congressistas inscritos foi considerada bastante elevada durante os quatro dias em que se realizaram as sessões técnicas, tendo sido calculada a média de 400 presenças em cada um dos três primeiros dias. No último dia a afluência foi mais modesta, de-

signadamente na sessão de encerramento em que o número de participantes foi reduzido, provavelmente por o Congresso ter sido interrompido pelo feriado de um de Novembro que, para muitos, deu início a um fim-de-semana prolongado.

Quanto aos debates realizados no final de cada sessão técnica as intervenções foram por vezes polémicas, mas, segundo muitos congressistas não se alcançou, talvez devido à natureza do tema e ao modo como ele foi tratado nas comunicações, a intensidade da participação conseguida no congresso anterior.

A propósito, sublinhe-se a existência no conjunto das comunicações de duas graves lacunas, sublinhadas pelo próprio Coordenador Técnico no resumo do relato final lido na sessão de encerramento e que se referem a aspectos eventualmente controversos. Trata-se da ausência de questões relacionadas com os papéis e funções na organização dos sistemas de informação e com os reflexos económicos, sociais, psicológicos e organizativos da introdução das tecnologias da informação.

Muitas das lacunas assinaladas pela Comissão Técnica no seu relato preliminar foram todavia supridas, tal como se previa, pelas contribuições surgidas ao longo dos debates.

Mais comissões e planos

No decorrer da sessão oficial de encerramento do Congresso, para lá da apresentação de um primeiro balanço da Comissão Técnica a que nos referimos noutra local desta página, e de uma curta intervenção do coordenador-geral dos trabalhos, falou também o ministro da Indústria e Energia. Veiga Simão referiu-se à criação, a curto prazo, de várias comissões destinadas a intervir na área da indústria, e de uma outra que será encarregada da elaboração do Plano Nacional da Electrónica, Telecomunicações e Informática. Esta Comissão, para cuja presidência chegou a ser

sondado o general Garcia dos Santos, juntar-se-á à recém-nomeada Comissão para o Desenvolvimento das Tecnologias da Informação e a uma outra responsável pelo anunciado Plano Tecnológico Nacional.

Ainda no que respeita a planos, o ministro da Indústria lançou a ideia da realização de um seminário para análise do que foi feito no âmbito do Plano Tecnológico de Apoio à Indústria Transformadora. Além disso, durante o Congresso, falou-se frequentemente do futuro Plano Director de Informática da Administração Pública, chamando um participante a atenção para as «ilusões» que podem constituir tantos planos sem que haja previamente uma estratégia política que lhe sirva de base.

Veiga Simão afirmou igualmente na sua intervenção que o Estado investiu este ano cerca de 2 milhões de contos (!) em contratos de cooperação técnica entre universidades, centros de investigação e empresas, no domínio da aplicação dos novos sistemas de informação. Segundo disse, o investimento nessa área não ultrapassou os 50 mil contos no ano de 1983. Referindo-se ao modo como decorreu o Congresso, o ministro lamentou o facto de não terem participado empresários que «dariam uma visão realista dos problemas que a indústria atravessa e da possibilidade de vencer o desafio da inovação tecnológica».

Veiga Simão concluiu com grande originalidade afirmando que «vamos dosear os entretantos e os finalmente, para que este país não acabe por se tornar num cemitério».

O coordenador-geral do encontro sublinhou por seu lado que aquilo que de facto terminou na sexta-feira foram as sessões técnicas e as manifestações paralelas. Castro Correia acrescentou que no decurso do Congresso «muitas pistas e achegas foram dadas que merecem ser aprofundadas, as quais devidamente enquadradas darão um melhor ordenamento à informática em Portugal». Se assim for o, terceiro CPI terá sido um sucesso!

Com grandes incógnitas quanto aos custos

Telepac fez a sua aparição

Há muito esperada, a grande notícia chegou logo no primeiro dia do Congresso: «Portugal passa a poder utilizar, a partir de hoje, uma terceira rede pública de telecomunicações — a rede de dados». Era o secretário de Estado das Comunicações quem o anunciava, e era a promessa da entrada em serviço da Telepac que se concretizava.

Na ocasião, Raul Junqueiro não deixaria de sublinhar que a data e o local escolhidos para divulgar o acontecimento «constituíram uma forma do sector das comunicações se associar ao 3.º Congresso Português de Informática e homenagear a acção da API, que este ano comemora os seus 20 anos de existência».

A funcionar experimentalmente com utilizadores reais desde há alguns meses, a nova rede, que possui centros de comutação em Lisboa, Porto e Coimbra e um centro de controlo e de gestão em Lisboa, vai permitir não só assegurar a comunicação em boas condições de fiabilidade entre equipamentos informáticos situados em diferentes pontos do País, contribuindo assim para acelerar o processo de teleinformatização, como desenvolver novos serviços. É o caso das empresas detentoras de bancos de dados e das sociedades de prestação de serviços de processamento que, com a Telepac, terão a possibilidade de se tornar acessíveis a clientes das mais diversas regiões, praticando preços independentes das distâncias que os separam dos centros servidores de informação.

Além disso, a rede de comunicação de dados, permitirá que se instalem e ganhem a popularidade que já começam a ter em outros países os serviços telemáticos do tipo teletex, videotex, datafax e tele-mail, alguns dos quais já estão em fase avançada de estudo nos CTT.

De acordo com as comunicações apresentadas ao Congresso pelos técnicos da Telepac, esta será, durante os próximos anos, «uma das componentes primordiais na veiculação de informação, quer pela sua vocação tele-informática, quer, muito especialmente, pelo oferecimento a prazo de serviços telemáticos». Com ela poderão os CTT e os utilizadores criar «uma verdadeira rede de informação, veículo aberto e generalizado para as necessidades antecipadas com o avanço no mundo das tecnologias da informação».

A boa nova e as garantias dos responsáveis da rede quanto à acessibilidade económica da sua utilização não foram porém suficientes para afastar totalmente de muitos participantes no Congresso algumas das reticências que foram surgindo em diversos meios, durante o período de instalação e ensaio. A rede será explorada pelo consórcio Transdata que reúne os CTT e os TLP e o seu uso será gratuito, pelo menos até ao fim do ano». Segundo o secretário de Estado das Comunicações — que admitiu no seu discurso a insuficiência do diálogo travado entre os CTT e os utilizadores na primeira fase de lançamento da rede a Telepac deverá desenvolver-se com rapidez, nomeadamente devido às possibilidades de acesso à tele-informática que vai oferecer aos potenciais médio-utilizadores.

Com efeito, os elevados custos das redes privadas baseadas em linhas alugadas e até agora utilizadas pelos grandes utilizadores impediam o recurso à teleinformática por parte das pequenas e médias organizações.

No decurso dos debates efectuados após a apresentação das comunicações relativas à Telepac foram no entanto levantadas numerosas dúvidas sobre os custos da sua utilização sem que lhes tenha sido dada uma resposta satisfatória pelos responsáveis da Transdata. A afirmação de que eles serão «inicialmente muito aliciantes» não foi descodificada, sendo ainda maior a dúvida reinante quanto à fase posterior.

Tal como se sublinha no relato da Comissão Técnica do Congresso alusivo à área em que esta questão foi tratada, o problema dos custos constitui o principal pólo dos debates e causou preocupação «o eventual aumento das taxas a aplicar às linhas alugadas, como forma de impor o acesso à rede Telepac, o que seria lamentável».

De qualquer modo, a «desejada» aí está e a oportunidade para o seu lançamento não poderia ser melhor.

O futuro dirá o resto.

Comissão Técnica fez o primeiro balanço das quatro áreas de debate

A Comissão Técnica do Congresso deu a conhecer na sessão de encerramento a sua primeira reflexão sobre a forma como decorreram os trabalhos. Apresentado pelo coordenador técnico, Henrique Marcelino, e por quatro outros membros da comissão, aquele balanço sumário aborda as principais linhas de força das comunicações apresentadas em cada uma das quatro áreas do Congresso; o balanço dos debates; os pontos lacunares e as recomendações específicas. É esse documento que aqui publicamos quase na íntegra, apenas com as adaptações necessárias à sua apresentação sequencial.

A área 1 tinha por tema a «Concepção e Planeamento dos Sistemas de Informação» e contou com 25 comunicações.

Concepção e Planeamento dos SI

«Dada a variedade dos assuntos abordados pelos comunicadores, e no sentido de dar a máxima coerência que nos pareceu

possível alcançar às sessões e discussão, as 25 comunicações foram divididas em 4 grandes conjuntos: I — A Informática em Portugal — Balanço e Perspectivas; II — Concepção e Planeamento de Sistemas de Informação — Estratégias e Metodologias; III — Os SI's nas nossas organizações — Experiências e Diagnósticos; IV — Os SI's e as novas Tecnologias.»

Quanto ao primeiro daqueles

grandes conjuntos, «as 4 comunicações apresentadas tratavam das modificações impostas pela informática ao urbanismo, da necessidade de uma política nacional de informática, da viabilidade da produção nacional de equipamento informático e da colaboração universidades/empresas.

Os aspectos principais dos debates da sessão dedicados a estas comunicações residiram nos seguintes aspectos: Possível influência do PDIAP (Plano Director de Informática na Administração Pública) a aprovar proximamente pela Comissão Interministerial de Informática, com a «produção nacional de equipamentos» e a colaboração entre as universidades e o sector estatal; O confronto entre 2 pontos de vista contraditórios sobre a produção nacional de equipamentos informáticos: um de defesa duma produção em geral, e outro defende que apenas há viabilidade de equipamentos especializados, desenvolvidos

caso a caso».

Em relação ao segundo conjunto, «das 6 comunicações agrupadas neste tema, nenhuma apresentava ou discutia Metodologias Formais de Concepção e Planeamento, antes reflectiam sobre os aspectos teóricos e organizacionais que condicionam tal concepção.

As comunicações abordaram aspectos tão variados como as relações do SI com o funciograma e o sociograma das organizações, a utilização de metodologias sistémicas, a problemática da informação e da gestão da informação, elaboração de planos informáticos e o problema da arquitectura de sistemas em mudança.

Nas duas sessões dedicadas à apresentação destas comunicações, assistiu-se a debates extremamente vivos e ricos, principalmente nas primeiras duas sessões, as quais na opinião de muitos participantes foram as mais interessantes e produtivas de todo o Congresso.

A importância de uma abordagem sistémica para a concepção de SI Organizacionais, a necessidade de encerrar a intervenção sobre os SI's e a sua informatização como uma acção de mudança socioorganizacional, tendo em conta os pontos de vista da Sociologia, da Psicologia e da Gestão, e a necessidade de ultrapassar metodologias «bottom-up» de elaboração de Planos Informáticos foram claramente enfatizados no decurso das sessões.

A qualidade de algumas das comunicações apresentadas, a diversidade de ópticas de abordagem e a vivacidade dos debates, quando conjugados com o facto de não terem surgido comunicações apresentando e discutindo metodologias formais de concepção e arquitectura do SI's, ou de planeamento estratégico, leva a crer que a comunidade informática preocupada com estes problemas se encontra ainda na fase do debate teórico e conceptual, condicionante de uma futura reflexão sobre as metodologias formais disponíveis.

Antes de se escolherem metodologias formais (e para evitar escolhas superficiais e apressadas) convém reflectir previamente sobre os fundamentos.

No que respeita às «experiências e diagnósticos», foram apresentadas nesta secção 6 comunicações. Duas ilustravam a metodologia de abordagem sistémica defendida na sessão de Estratégias e metodologia, aplicada a duas situações concretas.

As restantes quatro foram apresentadas por gestores e profissionais não informáticos, apresentando sistemas ou subsistemas em cuja concepção participavam relativamente a um centro de documentação, o vector de planeamento de uma empresa pública, um Hospital e Serviços de Contabilidade e Gestão de uma empresa privada. Estas comunicações vieram aliás confirmar o papel crescente de gestores e profissionais não informáticos na concepção de Sistemas de Informação que lhes respeitam.

A discussão viva apesar dos limites de tempo clarificou vários aspectos das metodologias adoptadas.

Finalmente, no tocante ao quarto conjunto desta área, as 8 comunicações reflectiam o impacto das novas tecnologias sobre a concepção dos SI's.

«As 4 primeiras, organizadas numa sessão, referiam-se aos Serviços Públicos de Transmissão de Dados e, em particular, ao sistema Telepac, anunciado durante este Congresso o qual terá influência significativa na concepção de SI's.

Foram analisadas opções de

materialização de comunicação de dados e, em relação ao sistema Telepac, foram fornecidas informações sobre o seu desenvolvimento e funcionamento experimental, as suas características e possibilidades e os sistemas de supervisão e controlo da rede.

A existência de uma intervenção inicial no início do período de debates de um administrador da TRANSDATA, repetindo as intervenções, aliás muito claras e rigorosas dos técnicos responsáveis pelo sistema, mas não clarificando as questões relativas a custos, constituiu o principal pólo de debates.

Os participantes inquiriram explicitamente e expressaram preocupação sobre o significado dos «custos iniciais muito aliciantes» e custos posteriores ainda não definidos e, sobre um eventual aumento das taxas a aplicar às linhas alugadas, como forma de impor o acesso à rede Telepac, o que seria lamentável.

Das restantes comunicações relativas ao impacto das novas tecnologias, três abordaram a problemática de utilização de microcomputadores no Ensino Assistido por Computadores — EAC —, cobrindo aspectos da sua utilização e da concepção de microcomputadores e programas que melhor se adaptem a essa finalidade.

Foi também apresentada uma comunicação que fazia o «Ponto da Situação sobre Arquitecturas e Linguagens de Multiprocessamento» e referia a tendência de evolução futura neste domínio, o qual permitiu sentir bem perto a quinta geração de computadores.»

Lacunas mais importantes

«Analisemos agora sumariamente, e à laia de balanço, quais os aspectos que não foram abordados com profundidade suficiente, nem nas comunicações, nem nos debates (pontos lacunares) os quais poderão eventualmente servir para orientar as intervenções e debates que, na continuação deste Congresso certamente se vão processar na comunidade.

No referente às perspectivas globais da Informática em Portugal não foi clarificado o âmbito, características e limites do PDIAP. Não foram analisadas as perspectivas globais nacionais de informatização de SI ao serviço das organizações, a curto e médio prazo.

No referente à concepção e planeamento de sistemas de informação não foram suficientemente analisadas as relações entre tal concepção e o planeamento estratégico de organizações, que constitui uma sua pré-condição, nem abordadas metodologias formais de concepção. Não foram fornecidas pistas para a passagem dos planos estratégicos na área da informática para planos táticos e operacionais. Discutiram-se de forma insuficiente as mudanças organizativas necessárias para responder às novas concepções e metodologias, quer ao nível da Direcção de Informática e Organização, quer ao nível mais geral das empresas e serviços públicos.

Não houve uma abordagem sistémica da influência da óptica dos SI's sobre a realidade económica e social das empresas e do País em geral. No referente às experiências continuaram a não ser referidos de fracasso ou semífrasso, com os quais muito teríamos a ganhar. Em Portugal, os fracassos continuam a ficar escondidos.

Finalmente, e em relação à Telepac, persistiram dúvidas rela-

vas a custos e políticas de exploração e utilização pelas empresas como alternativa aos sistemas actuais de linhas alugadas.

Conclusões finais

A área 1, por ser a área mais geral do Congresso, foi aquela em que a problemática dos Sistemas de Informação e da Mudança foram uma referência mais constante.

Também por isso as principais recomendações que se poderiam fazer em relação a esta área coincidem com as recomendações gerais que foram incorporadas no balanço global (definição e implementação de um plano estratégico; definição e implementação de um plano de educação em informática; clarificação dos objectivos e limites do PDIAP etc.)

Recomendações específicas constarão do Relato Final.

Desenvolvimento dos Sistemas de Informação

«As 18 comunicações incluídas nesta área distribuíram-se por três grandes grupos. Um primeiro conjunto englobou as questões das metodologias, dos produtos de apoio e das experiências da sua utilização.

Num segundo, integraram-se as contribuições respeitantes às novas tecnologias (a investigação e as experiências de utilização).

Finalmente, constituíram um terceiro grupo as propostas no domínio da formação. Nas sessões 1 e 2 (metodologias, produtos de apoio e experiências de utilização) as comunicações apresentadas incidiram fundamentalmente sobre os três aspectos seguintes: Necessidade e vantagens da adopção de uma metodologia no desenvolvimento de Sistemas de Informação; a modernização conceptual da realidade com fase prévia à realização informática, isolando-se o tratamento da informação (em abstracto) das suas modalidades de execução; a necessidade de utilização de instrumentos automáticos para a ajuda à análise, concepção e realização de sistemas.

As contribuições sobre estes temas surgiram, tanto ao nível das propostas teóricas como sob a forma de descrições de experiências ou projectos.

Dois caminhos, para o salto qualitativo no desenvolvimento de Sistemas de Informação em Portugal, transparecem das comunicações:

— Em primeiro lugar o recurso a métodos e técnicas já adquiridos (isto é estabilizados) internacionalmente.

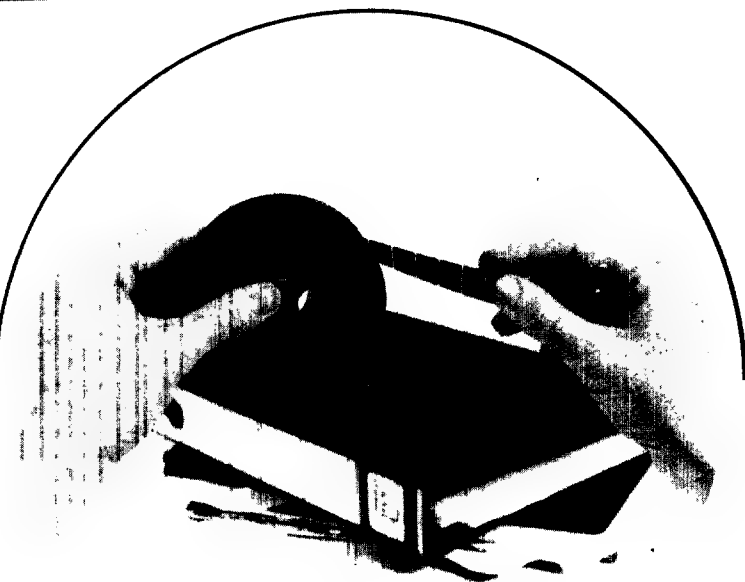
Numa outra via, o desenvolvimento e posterior utilização de metodologias próprias de que são exemplo as comunicações sobre INFOLOG.

Nos debates surgiram alguns pontos pouco explorados, ou mesmo não contemplados nas comunicações. Assim: Foram referidos os problemas da penetração dos novos conceitos e da nova terminologia no ambiente dos informáticos tradicionais;

• Ventiliou-se a viabilidade de uma realização automática a partir da descrição conceptual (aumentando assim a produtividade de desenvolvimento e a qualidade do produto informático);

• Insistiu-se na importância da formação dos utilizadores de modo a motivá-los para um papel mais activo, quer no desenvolvimento dos sistemas quer no controlo da sua adequação às organizações em que se integram;

Continua na pág. 11



TRÊS SOLUÇÕES BELL & HOWELL PARA REORGANIZAR O SEU ARQUIVO!

A BELL & HOWELL é uma das maiores produtoras de equipamento para MICROFILME, a quem se deve a criação e desenvolvimento de um completo e avançado sistema de registo de documentos, microfilmagem e tratamento de informações. O sistema de arquivo de microfilme em bobines está indicado para:

- Arquivos de transacções comerciais.
- Registos activos ou históricos.
- Documentos ou formulários em contínuo.

E apresenta as seguintes vantagens:

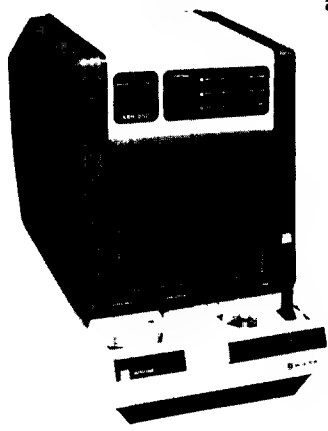
- Consulta de qualquer documento de um arquivo em menos de 60 segundos.
- Segurança total do arquivo.
- Economia de espaço (98 %).

Por isso, Lima Mayer faz-lhe três sugestões, para reorganizar o seu arquivo:

- ☐ Ou nós vamos à sua empresa microfilmarmos o seu arquivo;
- ☐ Ou remete-nos a documentação para ser microfilmada nas nossas instalações;
- ☐ Ou adquira-nos um sistema BELL & HOWELL.

Tudo isto é resultado da enorme capacidade e versatilidade BELL & HOWELL para solucionar problemas de TEMPO, ESPAÇO e ARRUMAÇÃO no seu escritório ou empresa.

TRÊS SUGESTÕES, TRÊS SOLUÇÕES.



LIMA MAYER
Lisboa - Tel. 854071 - Porto - Tel. 693445 - Coimbra - Tel. 75562

Manifestações paralelas quebraram a rotina

Um Congresso, por mais actual e envolvente que seja o seu tema, quer se queira quer se não queira, tem sempre algo de maçador, rotineiro. Frequentemente, a amplitude das questões debatidas e o seu nível de especialização torna estes exercícios desprovidos de interesse e de atractivos para muitos dos participantes, à excepção dos momentos em que os assuntos tratados lhes respeitam directamente. Daí que a ideia de associar a este terceiro Congresso um conjunto de iniciativas que se desenrolaram paralelamente aos seus trabalhos parecesse à partida uma aposta ganha.

A forma como decorreram essas manifestações veio provar que assim era de facto e o balanço desta componente do Congresso não poderá deixar de ter o sinal mais. Conforme declarou o coordenador-geral Castro Correia na sessão de encerramento, «excepção feita ao concurso de arte e fotografia por computador, todas as manifestações paralelas tiveram uma adesão e uma participação que excedeu a nossa expectativa».

Assim, a Exposição de Terminologia Científica e Técnica e de Linguística Informatizada da União Latina, uma das iniciativas que mais curiosidade despertou, foi visitada por grande número de congressistas e não congressistas e permitiu equacionar correctamente uma série de questões normalmente pouco debatidas entre nós. É o caso da política de modernização do português face às exigências do vocabulário das novas tecnologias. Durante a semana em que esteve patente ao público foi possível assistir a demonstrações de tradução automatizada para português e de consulta de bases de dados de terminologia. No dia um de Novembro realizou-se a jornada de linguística informatizada, tendo

intervido diversos especialistas portugueses e estrangeiros. Entre estes, sublinhe-se a participação de Brigitte Roudaud do Grupo de Estudos de Tradução Automática da Universidade de Grenoble (GETA) que falou sobre o sistema de tradução automatizada Ariane, desenvolvido naquela universidade e que parece estar em vias de ser adoptado para comercialização por um grande construtor mundial de computadores.

Outra iniciativa de grande interesse foi a segunda Jornada da Linguagem APL, organizada pela Associação Portuguesa de Linguagem APL e realizada no dia 31 de Outubro. Durante todo o dia docentes e investigadores de várias nacionalidades apresentaram comunicações e de abateram várias questões relacionadas com o uso daquela linguagem científica.

Além destas duas manifestações paralelas tiveram ainda lugar apresentações de equipamentos e produtos informáticos, uma exposição de livros de informática e o já referido concurso de fotografia e de arte. Por outro lado, e assumindo um carácter mais de convívio, realizou-se o primeiro Torneio de Xadrez interinformaticos, um passeio a Lisboa com a colaboração do Centro Nacional de Cultura e um jantar de confraternização. Estas últimas manifestações ocorreram no feriado de um de Novembro, razão por que a afluência de congressistas talvez tenha sido menor do que alguns esperavam.

Saliente-se igualmente uma última realização que apesar de ter tido lugar no princípio de Outubro foi considerada como fazendo parte das manifestações paralelas do Congresso. Trata-se da Inforpor, primeira exposição Portuguesa de Informática. Mas dessa iniciativa falamos noutra página deste suplemento.



Imagem da mesa da jornada de linguística informatizada

A viabilidade da produção nacional de equipamentos gerou polémica

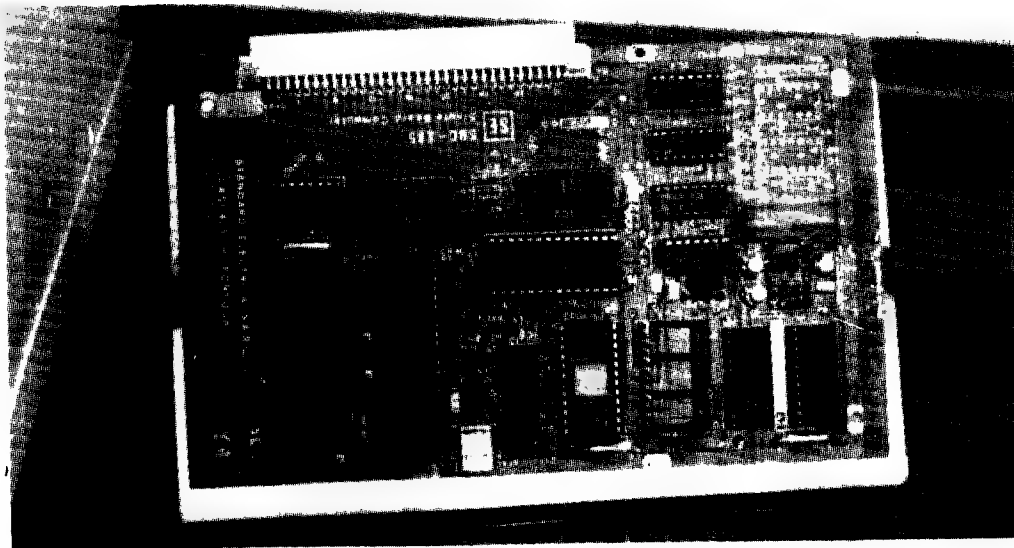
Um debate reconhecidamente quente mais incompleto foi o que opôs os professores Dias de Figueiredo e Steiger Garção, logo no primeiro dia do Congresso, a propósito da viabilidade da produção nacional de equipamentos informáticos. Trata-se de um tema muito falado nos últimos meses, mas que importa continuar a discutir profundamente, até porque, no fundo, as posições em presença talvez não sejam tão divergentes quanto podem parecer. De qualquer modo, a polémica sobre este assunto mostrou mais uma vez que a «viabilidade» de qualquer projecto de dimensão nacional passa pela conjugação de esforços entre todos os sectores interessados e nunca pelo agravamento do espírito de «capelinha» que tudo indica continuar a reinar.

Sem dúvida que seria desnecessário assistir no terceiro Congresso Português de Informática à acusação de gratuidade, por parte de um investigador, em relação às opiniões expressas por um outro. Sem dúvida, igualmente, que não há nenhuma vantagem em «puxar dos pergaminhos» e declarar que, no fim de contas, «há pelo menos oito anos que a tecnologia dos microcomputadores é dominada por várias universidades portuguesas», quando o interlocutor pertence a uma equipa que dedica o melhor de seu esforço ao desenvolvimento de produtos dessa categoria, industrializáveis no nosso país. Mas o importante é que o calor da discussão mostra bem que o debate está finalmente aberto e que se tornam urgentes as grandes opções.

Numa altura em que o poder político aposta tão claramente no desenvolvimento das tecnologias da informação e aponta essa via como uma das saídas para a crise, importa saber quais são as nossas efectivas potencialidades nesse campo e até que ponto os responsáveis políticos estão dispostos a apoiar o seu aproveitamento. Quanto a este último aspecto, obviamente que o Congresso nada trouxe de novo além da reafirmação — pelo ministro da Indústria e pelo secretário de Estado das Comunicações de intenções conhecidas e que, pelo menos no primeiro caso, não têm praticamente tido qualquer espécie de correspondência prática.

Quanto à avaliação das nossas potencialidades, as comunicações apresentadas e os debates havidos evidenciam que, apesar da existência de grande ceticismo no referente à viabilidade da produção de equipamentos informáticos de grande consumo, há algum consenso

em relação ao fabrico de certos produtos especializados, desenvolvidos caso a caso



No que toca à indústria de software, que vem sendo defendida a nível governamental como uma grande oportunidade para o nosso país, a contestação parece ser menor, mas uma das teses expostas na Gulbenkian defende a inexistência de diferenças significativas entre as nossas potencialidades nos campos do hardware e do software.

A viabilidade da produção nacional de equipamentos informáticos de grande divulgação foi sustentada por Dias de Figueiredo, professor da Universidade de Coimbra e um dos «pais» do microcomputador ENER, produzido por uma fábrica da Figueira da Foz.

Exiguidade do mercado e política de inovação

De acordo com aquele con-

gressista, os argumentos da exiguidade do nosso mercado interno e da dependência tecnológica, normalmente avançados para contestar aqueles projectos, não são intransponíveis «desde que se opte por uma dinâmica de inovação e não de imitação». Nessa condição podemos obter bons resultados, mas, para isso, importa que se ultrapasse uma «limitação de natureza cultural inerente ao modo como os portugueses se situam no concerto das nações».

Para Dias de Figueiredo essa limitação reside no facto dos portugueses considerarem que «não valemos nada» (síndrome do velho do Restelo) ou, ao contrário, que «somos os melhores do mundo». Em consequência

aquele professor a possibilidade de descobrir áreas de intervenção não cobertas pelos grandes construtores e onde as nossas potencialidades possam de facto ser exploradas.

Em apoio desta tese Dias de Figueiredo frisou a existência de uma série de condições favoráveis ao nosso país, tais como a disponibilidade de recursos humanos; a existência de um vasto mercado de produtos de tecnologia intermédia; a posição vantajosa em que nos encontramos face aos mercados do Oriente onde actualmente a maior parte dos países europeus tem que se abastecer a contra gosto de certos equipamentos e ainda o nosso posicionamento face aos países do Terceiro Mundo.

daquela primeira atitude, pode-se adoptar uma posição que corresponde ao «extremo inferior da incapacidade» e se traduz na venda de mão-de-obra barata para os serviços. No campo da informática e para provar que há outras soluções, foi chamada a atenção para os casos húngaro, norueguês, brasileiro e coreano.

Face ao segundo tipo de posicionamento apontado, o orador disse que ele representa o «extremo do gigantismo e da ousadia» e reside na ideia de explorar técnicas de ponta extremamente caras para as quais «julgamos de facto não ter condições». Trata-se aqui, especificou, de pensar em competir com as grandes empresas internacionais.

Mas entre estes dois comportamentos limitativos do nosso desenvolvimento defendeu

Para transformar as potencialidades em realidades, sublinhou, torna-se igualmente necessário reforçar as nossas capacidades nos domínios do «marketing», da organização, da engenharia e da produção. Na opinião de Dias de Figueiredo a articulação inovadora de todos estes elementos permitirá a obtenção de «algum sucesso nos mercados».

Os riscos de obsolescência

Esta posição não convenceu porém a totalidade dos participantes no debate. Steiger Garção, professor na Universidade Nova de Lisboa e responsável por diversos projectos de cooperação entre a indústria e a Uni-

versidade, insistiu nos riscos de obsolescência dos produtos nacionais e disse que não conhecia no nosso país nenhuma realidade industrial capaz de pegar num projecto e colocá-lo no mercado em tempo aceitável.

Aquele investigador condensou aquilo que parece ser o sentir de muita gente, afirmando que «enquanto utilizador gostaria de ter sempre as últimas novidades, mas do ponto de vista nacional gostaria que nos fossem dadas algumas oportunidades».

Na sua perspectiva, o protec-tionismo reivindicado para concretizar estas oportunidades levanta um dilema: ele é necessário em certos aspectos, mas a experiência diz que em Portugal quando se entra por essa via a qualidade desce drasticamente.

Em resposta a estas objecções Dias de Figueiredo dizia que o problema da obsolescência não se põe se se optar por projectos evolutivos de tipo modular. Em sua opinião joga em nosso favor o facto de grandes empresas, que até há pouco detinham significativas fatias do mercado de certos equipamentos de pequeno porte, estarem em dificuldades ou terem simplesmente falido. Referiu os casos da Osborne, da Atari, da Apple e outros.

O responsável pelo projecto do ENER reconheceu no entanto a necessidade de se dedicar especial atenção à fase de industrialização dos produtos desenvolvidos na Universidade e que «estão a léguas de distância» daqueles que saem da fábrica.

Também neste aspecto o professor Steiger Garção contestou Dias de Figueiredo dizendo que na Universidade Nova se criam equipas mistas com a indústria, de modo a que o projecto quando pronto esteja perfeitamente apto a ser industrializado. Segundo acrescentou, respondendo directamente ao professor de Coimbra, que considerara gratuitas parte das suas afirmações, a Universidade Nova não se substitui à indústria e domina a tecnologia dos micros-sistemas desde 1976.

Para a Comissão Técnica do Congresso, este debate caracterizou-se pelo «confronto entre dois pontos de vista contraditórios sobre a produção nacional de equipamentos informáticos: um de defesa duma produção em geral, e outro que defende que apenas há viabilidade de equipamentos especializados, defendidos caso a caso».



DE CASA ATÉ AO SEU ESCRITÓRIO DRAGON 32 — 39 800\$00

MICROPROCESSADOR 6809 DE 8 BITS COM REGISTOS INTERNOS DE 16 BITS. 32 K RAM. 16 K ROM. 4 PÁGINAS DE GRÁFICOS (24,5 K). INTERFACES INTEGRADAS PARA: DRIVES (ATÉ QUATRO DE 200 K/CADA), IMPRESSORA TIPO CENTRONICS, MONITOR, TV, GRAVADOR, JOYSTICKS, CARTRIDGES, LIGHT PEN, ETC. TECLADO PROFISIONAL GRÁFICOS DE ALTA RESOLUÇÃO. 9 CORES, SINTETIZADOR DE SOM. SOM EXTERNO BUS PINO A PINO AO 6809 E. LINGUAGENS: BASIC DE MICROSOFT, ASSEMBLER, FORTH DOS EM ROM C/32 INSTRUC. DE COMANDO DO DRIVE. POSSIBILIDADES DE ABRIR 10 FICHEIROS SIMULTÂNEA. PROGRAMA E ÁREAS DE APLICAÇÃO: EDUCAÇÃO, CÁLCULO CIENTÍFICO, FICHEIROS, GESTÃO DE STOCKS, AGENDA, CONSULTÓRIOS MÉDICOS, TRATAMENTO DE TEXTO, INDÚSTRIA TEXTIL, ETC.

ACEITAM-SE AGENTES EM TODO O PAÍS

DRAGON 64 — 53 700\$00

AS MESMAS QUE O DRAGON 32 MAIS TRÊS MODOS OPERATIVOS 32 K, 64 K E 64 K. 64 K DE RAM. COM 4 PÁGINAS DE GRÁFICOS (41 K) SAÍDA SÉRIE RS 232 C. ALTO REPEAT EM TODAS AS TECLAS. ECRAN DE 24 LINHAS COM 51 CARACTERES C/OPÇÃO.

CARACTERÍSTICAS SOFTWARE

LINGUAGENS: MESMAS QUE O 32 + PASCAL, C, COBOL E BASIC 9 DOS OS 9 UNIX LIKE COMO OPÇÃO.

PROGRAMAS E ÁREAS DE APLICAÇÃO: OS PROGRAMAS QUE CORREM NO DRAGON 32 SÃO COMPLETAMENTE COMPATÍVEIS COM O DRAGON 64. PROGRAMAS PROFISSIONAIS: PLANEAMENTO FINANCEIRO, DINA CALC, PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO, TRATAMENTO DE TEXTO, MAIL MERGE, SPELL CHECK, STOCKS, DATA MAN, CASH & VAT, ETC.

RAUDE - LDA

Equipamentos técnicos para informática

Telefs 7624108 7620092

R. Oliva Teles, 251
P. da Granja
4405 - VALADARES

- Microcomputadores
- Estabilizadores de Tensão
- Supressores de Ruído
- Modems
- Multiplexers
- Impressoras
- Cofres p/ Suports Magnét
- Condicionadores de ar
- Desumificadores

O disco óptico, nova memória de massa

O disco óptico numérico, registado e lido por «laser», lança um repto concorrencial ao registo magnético. No mínimo, decuplica a densidade de informações. No entanto, nem tudo está ainda perfeito...

Um computador deve ter acesso a programas e a dados, possuir, pois, meios de os armazenar. Para o fazer, existem dois tipos de memórias informáticas: a memória dita interna da máquina, de dimensão bastante modesta, mas em que o registo e a leitura são praticamente instantâneos; e a memória externa, de acesso mais demorado para um armazenamento mais importante e a salvaguarda de informação. Só abordaremos neste artigo este último aspecto.

Desde sempre, os laboratórios dos construtores informáticos têm procurado encontrar o suporte mais adaptado ao armazenamento de um máximo de informações num mínimo de espaço, com possibilidades de leitura e escritas rápidas, e boa fiabilidade no tempo. No princípio, este suporte foi uma boa velha carta mecanográfica perfurada, desaparecida na noite dos tempos. Em seguida, as pesquisas orientaram-se para os suportes magnéticos, na forma de tambores (quase abandonados), cartas, bandas ou discos. Registraram-se progressos consideráveis neste domínio. Em 1957, não se conseguiam colocar mais de três mil dados binários ou **bits** num centímetro quadrado de suporte magnético. Hoje, já se vai nos dois milhões de **bits**.

Mas ainda se consegue melhor, presentemente, utilizando discos ópticos, de leitura e escrita por «laser». Em superfície igual, colocam-se nesses discos dez vezes mais **bits** que nos suportes magnéticos de maior densidade, e cerca de cem vezes mais do que nos discos vulgares. Do mesmo modo, e segundo certos especialistas, deverá revolucionar a indústria dos periféricos informáticos.

Actualmente, mais de três dezenas de firmas em todo o mundo desenvolvem pesquisas sobre unidades de leitura/escrita de discos ópticos, e mais de meia centena nos próprios discos ópticos. Todas as multinacionais do tratamento de informação ou da imagem podem ser citadas: Control Data, IBM, Kodak, Philips, RCA, Xerox, etc., e acima de todas, as grandes empresas japonesas (Matsushita/Panasonic, Sanyo, Sharp, Sony, Toshiba, etc.).

A Rothschild Consultants, uma pequena firma californiana que acompanha a par e passo este sector de ponta, prevê que em 1990 serão instaladas, só nos Estados Unidos, mais de 8,5 milhões de unidades de discos ópticos, ou seja, um volume global de vendas de 13 mil milhões

de dólares, dos quais 5 mil milhões em unidades de leitura/escrita, e 8 mil milhões apenas com os discos. Segundo estimativas feitas, entre um terço e três quartos dos dados em registos magnéticos serão transferidos para suportes ópticos.

Alvo de todas as cobiças, o disco óptico numérico é o desenhado de pesquisas desenvolvidas a partir do vídeo-disco óptico. Na base desta tecnologia, está o raio de um «laser», o mais pequeno raio luminoso que existe. Segundo certos mecanismos, este raio cava um minúsculo buraco (Philips), ou cria, ao aquecer a superfície, uma bolha microscópica (Thomson). A presença ou ausência de um orifício ou de uma bolha diferencia o 0 de

1. Existe ainda um outro processo de registo por alteração de estado, do amorfo ao cristalino. É assim para a escrita. Para a leitura, um raio «laser» de menor potência oscila por cima da superfície do disco. O desvio do feixe luminoso na passagem pelo orifício ou pela bolha, permite identificar a existência de um dado binário registado.

O disco óptico, pelas suas capacidades gigantescas de memorização, abre novos horizontes à informática. Numa primeira fase, poderá substituir essas imensas bibliotecas de bandas magnéticas que se foram constituindo no decorrer do tempo, e que obrigam a contínuas manipu-

lações de montagem e desmontagem. E essas bandas podem ainda degradar-se. De dois em dois anos, ou de três em três anos, é preferível voltar a copiá-los num novo suporte, enquanto a maioria dos discos ópticos numéricos são garantidos para uma dezena de anos.

Espera-se para muito breve as primeiras «juke-boxes», como uma centena de discos, e mesmo com um milhão de discos, logo a seguir, com a chancela da Kodak, por exemplo. O recorde e todas as categorias de armazenamento de massa está actualmente na posse da RCA, que deve dentro de pouco tempo apresentar uma «juke-box» de 128 discos de elevadíssima capacidade, o que se traduz numa fenomenal memória de 1250 mil milhões de caracteres, com um tempo de acesso médio a um desses discos de quatro a seis segundos. Comparativamente, o texto integral da Enciclopédia Britânica contém dois mil milhões de caracteres, uma ninharia...

À falta de meios de armazenamento de dimensão suficiente, a informática preocupou-se pouco até à data com o armazenamento de imagens em fac-símile, ou de documentos numerados. Cada ponto negro de uma imagem é memorizado sob a forma de um 1, cada ponto branco por um 0. Esta sucessão de **bits** permite o registo virtual de um documento qualquer pela máquina, mas exige uma importante memória: mais de cem mil «octets» para uma única imagem em preto e branco.

Assiste-se presentemente ao aparecimento deste armazenamento entre as firmas japonesas Toshiba ou Panasonic, entre a

Philips (sistema Mégadoc) ou ainda na Integration Automatic. Esta pequena empresa americana equipou, com o recurso a um disco óptico Thomson, a biblioteca do Congresso Americano, e em França, o CNET. Vai instalar um sistema completo no Centro de Documentação Científico e Técnico do CNRS, que compreenderá conjuntos de armazenamento e de acesso automático aos documentos, e permitirá a sua transmissão aos utilizadores por ecrã ou telecopiador.

Os menos dispendiosos destes sistemas (90 000 dólares pelo Toshiba 3200) estão ainda fora do alcance da empresa média. Mas prefiguram o escritório de amanhã, integralmente electrónico, o que não implicará o desaparecimento do papel, porque todas as máquinas estão munidas de uma impressora que pode restituir o documento extraído do disco óptico. Consulta rápida sobre ecrã, leitura sobre papel, eis o objectivo actual dos construtores, sob pressão da procura.

Muitas outras aplicações podem ser encaradas, na medida em que se podem registar dados informáticos, texto, gráficos, imagens (a preto e branco, e amanhã a cores) e mesmo som. Um construtor pretende que o seu disco, de capacidade média (mil milhões de octets, correspondendo cada um a 8 bits, ou a um carácter), pode armazenar 500 000 páginas por face, o trabalho de uma secretária durante toda a sua vida em frente de uma máquina de escrever, 20 000 imagens, 180 horas de conversação telefónica, ou, finalmente, uma mistura combinada destes diferentes tipos de informação.

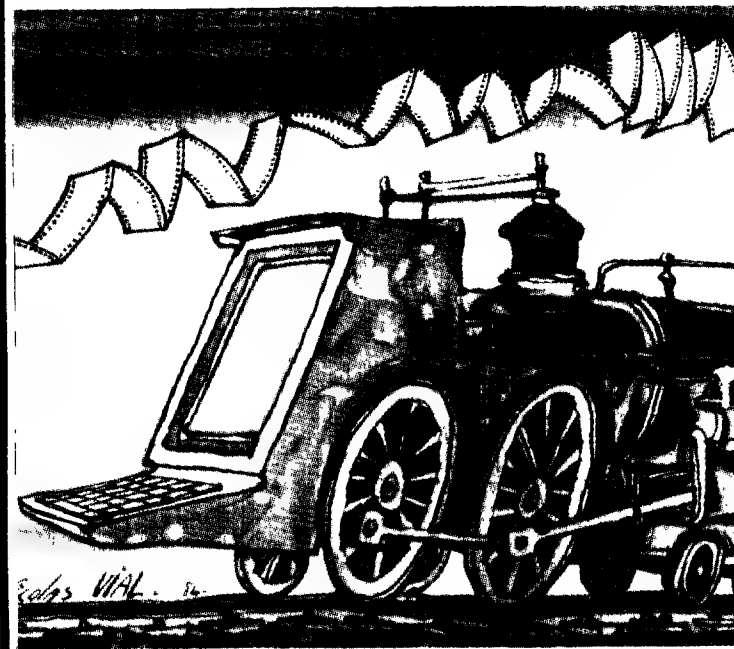
A batalha do disco óptico numérico está desencadeada há vários anos, mas os primeiros produtos finais apenas começam agora a sair das fábricas. Ainda não são vendidos aos utilizadores, mas estão a ser testados por grandes fornecedores informáticos que encaram a perspectiva de os integrar em sistemas completos.

Curiosamente, neste sector da burótica, onde a França está bastante mal apetrechada, uma firma francesa nacionalizada salientou-se bastante. Apoiada na sua profunda experiência com o vídeo-disco — que acabou mal, mas mais por razões comerciais do que técnicas — a Thomson ganhou um pequeno avanço que vai precisar de usar bem. A Alcatel-Thomson-Gigadisc é indiscutivelmente, com a StorageTek, a única sociedade a apresentar um produto de qualidade internacionalmente reconhecido. Este foi, aliás, objecto de um acordo com a Xerox, que o difunde por seu turno através de uma filial, a Shugart. Thomson e Xerox, com o seu disco de mil milhões de caracteres, apontam para as aplicações da burótica, enquanto a StorageTek (ex-STC), com um suporte de capacidade quádrupla, desempenha o papel da grande informática. Atrás de si, a Philips, em associação com a Control Data, deverá lançar o seu próprio disco.

Os japoneses inundaram o mundo com anúncios e discos ópticos numéricos, mas quase todos para aplicações em arquivo electrónico de documentos, que podem suportar percentagens de erro de registo que a informática não aceitará.

A esta dificuldade, acrescenta-se outra. Todas as memórias ópticas anunciadas, ou quase, não são reinscrevíveis, ao contrário dos suportes magnéticos. Num disco, pode-se escrever numa parte virgem, mas não se pode substituir uma informação por outra. Tem-se o direito ao lápis, mas não à borracha. No entanto, os especialistas já trabalham em novas ligas para suportes reversíveis. O seu aparecimento está previsto para os anos 90.

JACQUES MALEVAL
Exclusivo «Le Monde» / «DL»



A grande aventura

Criada por uma equipa francesa para responder às necessidades do Pentágono, a linguagem de programação ADA não tem sido utilizada por falta de compiladores. Os primeiros começaram agora a aparecer. Será que o sucesso esperado vai chegar finalmente?

Como todas as grandes aventuras a ADA só lentamente se desprende das teias do mito.

Em 1975, o ministério americano da defesa (DOD) acaba de estabelecer um balanço inquietante: o seu orçamento atinge 6 mil milhões de dólares apenas para o «software». Mais de 400 palavras da gíria informática florescem no seio do ministério. O crescimento autárquico desta vegetação espontânea basta para explicar o défice...

É então que é lançado um desafio ao mundo inteiro: inventar uma nova linguagem informática suficientemente eficaz e prática para se impor a toda a gente.

Successivos relatórios, «homem de palha», «homem de madeira», «homem de estanho», «homem de ferro», «homem de aço», «homem de pedra», definem as exigências, cada vez mais severas, que a nova linguagem deverá respeitar.

Quatro empresas são seleccionadas para a corrida; em 1978, apenas dois finalistas anónimos continuam em prova. Vindos de todos os países e de todos os meios, especialistas independentes arbitram a luta e comunicam as suas críticas em cada uma das diferentes fases. E eis que em Maio de 1979 é conhecido o vencedor: é um francês, Jean Ichbiah da CII-Honeywell-Bull!

A continuação da história é igualmente romântica. Antes mesmo de ser criada, a linguagem é chamada «Ada», em homenagem à filha do tumultuoso Lord Byron. Lady Augusta Ada Byron, condessa de Lovelace, mulher muito ligada a Charles Babbage que inventou uma máquina de calcular, primeira musa da informática, primeira programadora e mulher muito bela...

Sob a grandiosidade do décor, cedo se sentiu o odor da utopia. A Ada não é, tal como o esperanto, uma língua votada a um fraco sucesso? Sem dúvida que as linguagens informáticas já desenvolveram raízes afectivas... Os informáticos são frequentemente tomados por pessoas cartesianas. Com efeito, o Fortran, o Pascal, o Cobol e outros códigos constituem outros tantos pequenos territórios onde o chauvinismo é a coisa mais bem partilhada do mundo...

Para defender a credibilidade da ADA, basta recordar a impor-

tância do promotor: o DOD representa o primeiro mercado de computadores do mundo, e a ele estão ligados todos os mercados dos países membros da NATO. Recusar a adaptação aos seus desejos significaria portanto renunciar a exportar.

Pensemos igualmente no vivo interesse suscitado pela ADA nos meios económicos mais bem informados. Eficiência, fiabilidade, rapidez de execução... as qualidades da nova linguagem agradam tanto aos gestores como aos militares. E quando da elaboração da ADA, Jean Ichbiah recebeu o contributo construtivo de numerosas empresas de primeiro plano.

A exploração da ADA é portanto um desafio económico de grande dimensão. Para vencer esta nova corrida só no entanto necessários os compiladores.

A pedra filosofal

O compilador é de certo modo a pedra filosofal da informática. Ele permite que uma linguagem evolvida seja convertida numa linguagem binária executável pela máquina. Definir uma linguagem é uma coisa; construir compiladores é uma outra, igualmente indispensável. Só quando os compiladores forem incorporados nas máquinas mais vulgares do mercado é que se trabalhará verdadeiramente com a ADA e que aparecerá software específico escrito nesta linguagem.

De 1980 a 1983, várias empresas, pequenas e médias, anunciaram compiladores, mas acabaram por se atrasar todas em relação às suas próprias previsões. Actualmente, os primeiros estão prontos, mas o seu aparecimento não se mostrou espectacular.

Segundo Jean Ichbiah trata-se apenas de uma «estagnação aparente» que corresponde na realidade a uma «gestação lenta» que se explica pela «severidade da norma ANSI».

Para manter a unidade da linguagem ADA, o American National Standards Institute (ANSI) normalizou-a mesmo antes da sua comercialização. Para ter direito à validação oficial, cada compilador deve ser sujeito a uma bateria de dois mil e duzentos testes com centenas de mi-



O gigadiscos de Thomson.
Em baixo, os orifícios de cerca de um micron de diâmetro, abertos pelo raio laser num disco Philips

OFERTA SENSACIONAL de 5000\$00

JOYSTICK ou IO5

C/AMPLIFICADOR DE SOM

NA COMPRA

PROGRAMAS

SPECTRUM 16 K 20 000\$00 ou SPECTRUM 48 K 28 000\$00

CAMPANHA DE VERÃO

— PRINTER 2040, agora só por 13 000\$00
— ZX MICRODRIVE + INTERFACE (oferta de 2 cartões c/ programas profiss.) 31 000\$00
— Mais de 430 programas 50 % DE DESCONTO

SESSÕES DE DEMONSTRAÇÃO ÀS 5.ª-FEIRAS DAS 18.00 ÀS 20.00 HORAS

— CURRAH-SINTETIZADOR DE VOZ E SOM 8 500\$00
— GRAVADOR SAMPO c/ conta rotações 6 300\$00 — JOYSTICK (Punho comando) programável 7 500\$00
— BATERIA CARGA (30 minutos) 5 000\$00 — TECLADO PROFISSIONAL SPECTRUM 8 000\$00
— LIGHT-PEN 5 000\$00 — RD DIGITAL TRACER 18 500\$00

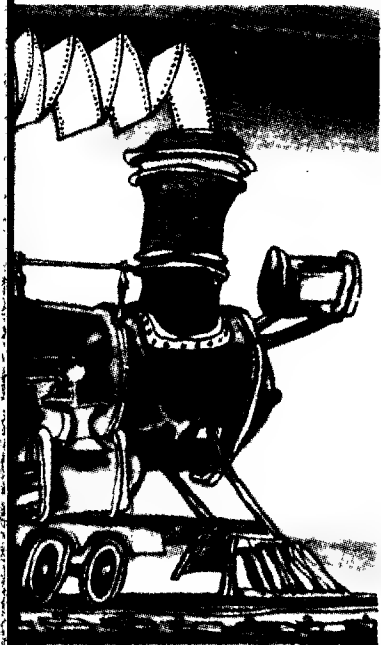
PEÇA INFORMAÇÕES E CATÁLOGOS

ESTABELECIMENTOS JOSÉ MELO E SILVA

RUA CONDE REDONDO, 5-LOJA C - LISBOA
TELEF. 54 99 04 (junto ao Arquivo e Judiciária)

ENVIAMOS À COBRANÇA
PARA TODO O PAÍS

SOMOS AGENTES
TIMEX



ura da linguagem ADA

lhares de linhas de instrução!

Por outro lado, as empresas avançam prudentemente. A ADA é a partir de agora uma marca registada, uma garantia de qualidade e a corrida aos compiladores é uma corrida da qual o consumidor sairá vitorioso.

A corrida parece tanto mais lenta quanto, dado o rigor da lei antitrust, as grandes empresas não ousam anunciar o seu produto antes da sua validação oficial. Na IBM, por exemplo, não transparece uma ponta de mistério. No entanto, a abundância dos artigos sobre a ADA assinados por quadros da sociedade, dá a entender que ela está a preparar o seu compilador. O seu anúncio far-se-á provavelmente sem que até lá se fale oficialmente no assunto.

Até agora já vieram à luz do dia quatro compiladores. A Universidade de Nova Iorque foi a primeira a vencer a prova da validação. Mas o seu compilador não toma em consideração a 'performance' e não é interessante para a indústria. Pode-se portanto considerar o compilador Rolm - Data General - que lhe sucedeu em Maio de 1983, como o primeiro compilador industrial.

Mais do que isso, ele inclui um conjunto de programas utilitários. É um verdadeiro «atelier de software», designado Ade, que respeita os três níveis definidos no relatório Stoneman (homem de pedra). Este compilador funciona em computadores Eclipse MV 4000, MV 8000 e MV 10 000.

Entretanto, o verão reservou-nos surpresas. Em Julho de 1984, a Digital conseguiu a validação de um compilador destinado aos VAX. Trata-se do primeiro destinado a máquinas amplamente divulgadas. Jean Ichbiah elogiou a rapidez de execução e a qualidade do código fornecido por este compilador.

Em contrapartida, em relação ao compilador de Téléssoft, recentemente apresentado e destinado aos 68000, o «pai» da ADA é mais reservado.

Seja como for, estes compiladores situam-se todos entre a norma alta e a norma baixa definidas pela ANSI. A norma baixa garante um jogo elementar de instruções.

Com efeito, é demasiado fácil declarar que um compilador possui todas as estruturas da ADA apenas com duas pequenas diferenças, por exemplo, «multitarefa» e «genérico» que estão, justamente, entre as mais importantes. Várias empresas estão já a jogar este jogo. Não podendo chamar-se ADA, o compilador imperfeito defende-

-se então com um nome composto tal como «Janus-Ada» e tantos outros...

A norma alta, quanto a ela, garante que nenhum jogo de instrução suplementar pode ser acrescentado. E isto porque, em programação, a superabundância é tão temível como a penúria: antigamente acontecia que o responsável pela concepção acrescentava possibilidades «para ajudar o utilizador». Ele permitia-lhe, por exemplo, o acesso a tal base de dados relacionais. O cliente apercebia-se demasiado tarde que um programa assim enriquecido deixava de ser transferível de uma máquina para outra...

Tendo em conta as altas qualidades exigidas a um compilador ADA, Alain Le Prado, director de Marketing da Data General da França, tem orgulho em exibir o certificado de validação obtido pela sua companhia: papel pergaminhado, retrato de Ada Lovelace e letras góticas... um último retóquio de romantismo.

Ele faz parte deste género de homens dinâmicos que tiveram êxito na aventura. «Desde o anúncio do nosso compilador fizemos três contratos», declara. «Um com a CR2A, o outro com a Informatique Internationale, filial da CISI e o terceiro, alguns meses mais tarde, com a Thomson. Três referências importantes. Para ADA e para nós é um bom sucesso.»

M. Canevet, presidente da Informatique Internationale, desenvolve igualmente uma intensa actividade virada para a engenharia do «software». Rentabilizou suficientemente o seu MV 4000 para passar a trabalhar no MV 10.000. Quanto a Jean Ichbiah, actualmente presidente da Alslys, ele consagra-se sobretudo ao ensino assistido por computador em ADA e à elaboração dos famosos compiladores que a sua companhia deverá ter disponíveis no fim do ano. A partir da base comum já realizada (1) ele dedica-se ao desenvolvimento de compiladores para microprocessadores Motorola 68.000 e Intel 8086.

«Componentes de 'software'»

Todos os três sublinham a amplitude dos ganhos de produtividade obtidos graças à ADA. A linguagem ADA não se contenta em ser mais «performante». Ela oferece ao programador novas estruturas de pensamento, facilitando assim a sua criatividade. E sobretudo ADA concede à informática a sua verdadeira oportu-

nidade de maturação no quadro de uma produção estandardizada. A noção de «paquetagem», ou seja, de decomposição dos programas em subprogramas escritos e testados separadamente deve permitir o arranque de uma verdadeira indústria: obviamente que falamos de indústria dos famosos «componentes de 'software'», vendidos através de catálogos como componentes electrónicos, adaptáveis e reutilizáveis em qualquer lado.

Produtividade acrescida do computador e diminuição dos custos!

M. Canevet tem portanto razões para considerar que o êxito da ADA deve ser superior ao do Cobol, já imposto com sucesso pelo DOD no início dos anos 60. Ele investiu serenamente 4 milhões de francos na ADA. E Jean Ichbiah declara-se altamente satisfeito com a evolução da ADA. «Existem indícios, afirma ele, que não enganam. Compare-se por exemplo a progressão da ADA com a da PL 1.

Esta linguagem foi definida em 1964, e, à volta de 1971-1972, quando da realização do primeiro compilador industrial não se encontravam senão três livros sobre esta linguagem, que eram aliás de medíocre qualidade. No caso da ADA, já existiam 25 livros de qualidade em 1983 antes mesmo da saída do primeiro compilador industrial. Hoje eles já são em número de um sessenta. Isto representa a confiança que autores, leitores e editores têm na ADA.»

Quanto a Alain La Prado, ele traça a clássica curva de Gauss dividida em quatro fases sucessivas: a dos pioneiros; a dos inovadores; a dos utilizadores e, finalmente, a dos que «deixam andar», aqueles que comprariam ainda hoje uma máquina de há dez anos. «Nós ainda estamos na fase dos pioneiros, observa, e vamos começar a entrar na dos inovadores. A ascensão da ADA deve portanto prosseguir, e é possível que em fins de 1985 esta linguagem esteja largamente divulgada.»

Se a aventura tem os seus trovadores, a expansão tem os seus garantes.

REGINE MAZION

Exclusivo «Le Monde» / «DL»

(1) Para traduzir a ADA na linguagem da máquina na qual ela está implantada, é necessário um compilador específico para essa máquina. No entanto os compiladores destinados a máquinas diferentes podem ter uma parte comum: a base comum («Souche») do compilador.

Dois séculos para balbuciar algumas palavras

O computador dirá algum dia «papá-mamã»? As pesquisas sobre a síntese e o reconhecimento da palavra estão no bom caminho. Mas este é longo.

É grande a distância entre o sistema oral concebido por Wolfgang von Kempelen em 1784 (e que pode ser visto no Deutsche Museum, de Munique) e o equipamento de um Mirage III dos nossos dias. No primeiro caso, o ar produzido por um sopro fazia vibrar uma palheta no interior de uma corneta de couro deformável, de modo a produzir sons. No segundo, o piloto dialoga realmente com o seu aparelho, capaz de reconhecer cerca de três dezenas de palavras pré-registradas, e ainda de dar resposta a certas perguntas. O EVA (Equipamento Vocal para Aeronaves, desenvolvido pela Crouzet) só reconhece porém a voz do seu dono...

Entre a síntese e o reconhecimento vocais, existe uma profunda identidade, que está essencialmente relacionada com a extraordinária complexidade da voz humana. A riqueza dos sons que emitimos transforma a voz numa assinatura tão original como a impressão digital. Daí deriva a dificuldade de elaborar sistemas de reconhecimento vocal multiterlocutores.

Este problema pode no entanto ser explorado como uma vantagem nos sistemas que utilizam o reconhecimento da palavra como meio de identificação do sujeito. É o que acontece com a Texas Instruments e os Laboratórios Bell, por exemplo, e com as zonas militares de acesso condicionado. Dentro de alguns anos, a voz talvez venha a constituir um «abre-te, Sésamo» mais seguro do que a chave para abrir a porta do automóvel ou de casa, uma vez que as combinações físicas possíveis dos ferrolhos são limitadas...

A indústria automóvel, que se interessa muito de perto por estes sistemas, não ignora as suas dificuldades. Para que se possa instalar um sistema de reconhecimento da palavra num habitáculo de automóvel, é não só necessário que o reconhecimento se faça a distância razoável (está fora de questão levar o condutor a utilizar um microfone), mas ainda que consiga distinguir as «ordens» das conversas e dos ruídos do habitáculo.

No entanto, num sinal sonoro, nem todas as informações são úteis. Por vezes, podemos contentar-nos com uma compreensão bastante primitiva do sistema, sem que isso afecte o resultado pretendido. É o que faz o TOPAR (transmissão de ordens pela palavra), o produto do Commissariado para a Energia Atómica (CEA) instalado recentemente num quarto experimental do Hospital Cochin (1). Os doentes imobilizados podem por esta via comandar a partir do leito 16 funções, tais como a abertura de uma janela ou a selecção de um programa televisivo.

O TOPAR decompõe cada palavra em 16 «componentes», dos quais elabora um historiograma, retendo apenas como informação pertinente o intervalo entre os «pics» de uma função calculada pelo sistema, por ocasião da codificação do som. Os historiogramas são depois comparados com os do dicionário pré-registrado pelo doente à sua entrada no serviço.

O paciente pode emitir ordens conforme lhe aprouver e numa língua à escolha. Mas terá de emitir posteriormente de modo rigorosamente idêntico (o que é que acontece com um doente constipado?...). Este dispositivo experimental, nada difícil e relativamente acessível (o protótipo custou cerca de 193 mil francos

franceses, incluindo o equipamento do quarto em matéria de mecanismos de acionamento), abre grandes perspectivas aos deficientes físicos e pessoas idosas, entre outros possíveis utilizadores. E já estão a ser estudadas novas aplicações.

Ainda mais próximo da vida quotidiana, está o Media Room, do Massachusetts Institute of Technology, equipado com um compositor automático de número de telefone pouco comum. Basta dizer o nome do correspondente que se quer, e eventualmente precisar se ele pode ser encontrado em casa ou no emprego (2).

Merecem ainda ser citados os trabalhos da Générale des Services Informatiques (GSI) do grupo CGE, que desenvolvem uma aplicação destinada à formação profissional. Os mecânicos de garagem, com as mãos sujas de óleo, podem procurar num vídeo-disco dirigido por um IBM-PC, e sem tocar em nada, a sequência que lhes dá uma explicação detalhada, fazê-la avançar, parar a imagem, etc., e isto apenas com a voz!



Desde von Kempelen, continua a trabalhar-se, agora com meios eléctricos ou numéricos, em sintetizadores que articulam e não se limitam a justapor sílabas. É o que fazem os soviéticos em Novosibirsk, e os americanos nos Bell Laboratories, com sistemas que são de uma fidelidade perfeita, mas particularmente complexos.

Em contrapartida, sistemas menos fiáveis de codificação da palavra em sequência de números binários, com uma espécie de magnetofones digitais, têm desde há alguns anos aplicações muito correntes: ditado mágico, quadro de bordo, flippers tagarelas, tradutores que falam, etc.. Para estas aplicações, foi resolvido um problema espinhoso, o do armazenamento. Com efeito, era impossível introduzir numa memória morta (ROM) a quantidade suficiente de informações numeradas que cobrissem a linguagem. Foi necessário «comprimir» a palavra. Por meio do TMC-0280, sintetizador do «speak and spell» da Texas Instruments, podem ser tratadas duas mil e quinhentas palavras - isto é, 16 minutos de discurso - com as memórias de 16 pequenos ROM. A fidelidade da reprodução do interlocutor é, apesar disso, afectada...

Mas é necessário abandonar todas as veleidades de fidelidade a partir do momento em

que o texto é fornecido ao sintetizador por escrito, isto é, a partir do teclado de um computador. Como é que o altifalante vai reproduzir «A dízima dízima o contribuinte?» A síntese por fonemas (constituintes elementares da palavra) está a ser alvo de numerosas investigações, constitui uma área promissora, mas está recheada de escolhos.

Trinta e três fonemas bastam para reconstituir a língua francesa. Mas uma sequência dessas unidades elementares é totalmente incompreensível. É necessário conceber uma memória de capacidade formidável que contenha todas as regras de pronúncia e as respectivas excepções. E ainda só estamos ao nível da palavra. O que não sucederá em matéria de dificuldades, quando se avançar para a síntese de uma frase completa!

Um investigador explica: «Para que a tradução fonética do texto escrito seja perfeita, é necessário ter em conta informações lexicais, sobretudo em inglês, onde a melodia interior da palavra é necessária; fonológicas, em francês, com o problema das ligações obrigatórias, facultativas ou proibidas; sintáticas (sobretudo em inglês) semânticas e pragmáticas. Se queremos ter

uma leitura viva, é necessário compreender o texto» (3).

Para tornar esta dificuldade, pode-se fazer a máquina memorizar os fonemas, a dois e dois (difonemas). Teoricamente, existem 1089 difonemas, mas entre 500 e 600 são suficientes, na prática. Este método reduz consideravelmente a quantidade de regras a elaborar. Os laboratórios franceses de investigação (CNET, ENSERG, LIMSI) exploraram muito esta via, e desde 1974 um sintetizador autónomo a partir de texto, o ICOPHONE 5, tem vindo a produzir bons resultados.

É certo que o francês se presta bem à síntese fonética, contrariamente ao inglês. Isso é uma vantagem, evidentemente, para os investigadores e industriais do hexágono. Todavia, os primeiros sistemas úteis implantados em microprocessadores têm a assinatura de IBM (VOTRAX, uma máquina de escrever para cegos), Kurtzweil e Telesensory (leitura automática com leitor óptico de caracteres)...

JEAN-JACQUES VALIGNAT

Exclusivo «Le Monde» / «DL»

(1) Serviço de Reumatologia, do professor Menkes.

(2) «La Recherche», n.º 144, Maio de 1983.

(3) Jean-Joseph Mariani, «Micro-Systems», Dezembro de 1980.

Apesar das incertezas quanto ao futuro

Estudos de inteligência artificial prosseguem na Universidade Nova de Lisboa

A realização em Portugal de trabalhos de investigação na área da inteligência artificial com resultados adoptados por grandes multinacionais da informática é um facto que não surpreenderá ninguém mais do que os próprios portugueses.

A convicção generalizada em Portugal de que as tecnologias de ponta são coisas para os

americanos, os alemães e os japoneses parecem não escapar muitos dos nossos governantes que, como adiante se verá, contradizem diariamente, na prática, as suas frequentes afirmações solenes sobre a necessidade de investir nessas áreas como condição de progresso social e económico a médio prazo.

O convite que recentemente

foi feito ao prof. Moniz Pereira e à sua equipa de investigadores para trabalharem nos Estados Unidos e as medidas de recurso tomadas pelo Ministério da Indústria para lhes assegurar as condições de trabalho mínimas em Portugal despertaram a curiosidade do grande público para a actividade científica que há cinco anos aquele investigador vem

desenvolvendo.

O trabalho do prof. Moniz Pereira e da sua equipa decorre no departamento de informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e o seu objectivo é a investigação no domínio da inteligência artificial.

Moniz Pereira, 36 anos, licenciado em engenharia electro-

técnica pelo IST, doutorado em cibernética pela Universidade de Londres e ex-investigador da Universidade de Hamburgo e do LNEC, define em linguagem comum esse conceito: inteligência artificial é o conjunto de métodos gerais que visam a automação do trabalho mental.

É evidente que, para a definição não adensar ainda mais a incompreensão dos leigos, se impõe a tentativa de explicação desses métodos.

Como termo de comparação, Moniz Pereira parte da utilização tradicional do computador, que visa obter resultados explícitos nos dados introduzidos na sua memória, seleccionados e conjugados segundo uma programação definida.

Em inteligência artificial, a noção tradicional de base de dados sobrepõe-se a de base de conhecimentos, nas quais os resultados pretendidos não se encontram explícitos, mas estão neles implícitos e são a partir deles deduzidos, num processo de raciocínio automatizado.

Computadores de quinta geração

Só no final desta década — prossegue o prof. Moniz Pereira — deverão ser comercializados os computadores capazes de dar autonomamente resposta a exigências da inteligência artificial. Serão os computadores da quinta geração, resultantes de um programa de investigação em que estão empenhados tanto o Estado como a indústria do Japão.

Até lá, a computação no domínio da inteligência artificial exige a interligação de dois computadores actuais.

Com a inteligência artificial, a utilização dos computadores passa do domínio do cálculo ao domínio do raciocínio automático, utilizando uma linguagem de aplicação desenvolvida para o efeito.

Como condição prévia, o computador tem de ser programado de forma a que possa compreender determinada língua. A fase inicial do trabalho do prof. Moniz Pereira na UNL foi a elaboração de um programa que permitisse o diálogo com o computador em português, o que o levou a aprofundar estudos de linguística e de gramática.

É evidente que programas semelhantes haviam sido já elaborados relativamente a outras línguas. A originalidade do trabalho do prof. Moniz Pereira neste domínio reside nas técnicas utilizadas.

Uma outra noção que convém esclarecer para uma compreensão mínima do que é a inteligência artificial é a de que esta se processa segundo sistemas periciais.

Os sistemas periciais são sistemas de bases de conhecimentos específicos de cada área de especialização profissional.

A sua constituição e a programação dos computadores necessários à sua utilização exige uma colaboração pericial em cada área de conhecimento especializado e já não só o trabalho de um técnico programador.

Utilizando bases de conhecimentos que se alteram constantemente com a evolução das situações e o processo técnico e científico, os computadores utilizados em inteligência artificial têm de absorver esses novos conhecimentos e de se auto-programarem em função deles.

Para uma melhor compreensão das aplicações da inteligência artificial, o prof. Moniz Pereira

refere o trabalho que a sua equipa realizou para o Ministério da Qualidade de Vida e que consistiu na avaliação da melhor utilização dos recursos biofísicos de um determinado território.

Através desse estudo, foi possível determinar os melhores usos a fazer de cada terreno, desde a agricultura intensiva à construção civil ou mesmo à simples conservação como reserva natural, tudo isso a partir de conhecimentos geológicos, biológicos, climáticos, etc.

A investigação a que se dedica a equipa do prof. Moniz Pereira visa o desenvolvimento dos métodos de programação dos computadores. Na realidade, para se terem computadores cada vez mais «inteligentes» é necessário um desenvolvimento cada vez maior das tecnologias de programação, pois a inteligência da máquina é apenas a inteligência humana que lhe é transmitida.

Instabilidade das equipas de investigação

Dos doze elementos da equipa de investigadores do departamento de informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, apenas dois pertencem aos quadros da Universidade.

Os restantes são bolsiros de outras universidades, institutos ou laboratórios, o que representa, segundo afirmou o prof. Moniz Pereira, a primeira dificuldade que a equipa enfrenta, devido à instabilidade da sua constituição.

Mas as dificuldades não são apenas essas. São ainda todas as outras resultantes das carências orçamentais e comuns a todos os serviços do Estado.

Verifica-se, no entanto, que as declarações políticas sobre as prioridades atribuídas à investigação científica parecem não ter mais uma vez tradução efectiva.

No caso da equipa do prof. Moniz Pereira, verifica-se até que não é o Estado que subsidia a investigação e o ensino, mas que, ao contrário, é a investigação que está a suprir as deficiências do Orçamento do Estado.

Como o próprio chefe da equipa de investigadores destaca, é o produto da venda de serviços por ela prestados que permite o normal funcionamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, dotada de um orçamento manifestamente insuficiente, além de directamente financiar o Estado com o produto das taxas e impostos cobrados sobre o valor das prestações de serviço e as importações de equipamento.

O próprio equipamento do Departamento de Informática, no valor de 40 mil contos, foi adquirido com o produto de serviços vendidos pelo Departamento.

Entre os principais clientes dos serviços de investigação da equipa contam-se o próprio fabricante norte-americano do equipamento que ela utiliza e empresas também norte-americanas de capital de risco, especializadas no fornecimento de «software».

O Ministério da Indústria deverá também assinar com o Departamento um contrato de prestação de serviços no valor de 33 mil contos, que assegurará o trabalho da equipa por um período de 15 meses.

Este contrato constitui as condições oferecidas à equipa de investigadores para não abandonar o País na sequência de um convite de uma multinacional norte-americana.

«Apesar desse contrato não oferecer quaisquer garantias de continuidade — esclarece Moniz Pereira — a nossa opção de permanecermos aqui na universidade é sobretudo a opção de não perdermos a nossa indepen-

Continua na pág. 9

Em tempos que já lá vão todos os computadores eram grandes. Eram também muito complicados e custavam muito dinheiro. No entanto eram perfeitamente adequados às tarefas a que estavam destinados. Mas a maior parte das pessoas nunca viu um computador destes e ainda menos pensou em o utilizar. Na IBM, algo tem vindo a acontecer com os computadores. Tornaram-se mais pequenos. Os seus preços foram drasticamente reduzidos. Os conhecimentos especiais, necessários à sua utilização, tornaram-se infinitamente mais simples. Por exemplo, o nosso IBM Sistema 36 Compacto é suficientemente pequeno para caber debaixo duma secretária, mas a sua capacidade é igual à de computadores mais antigos e muito maiores em tamanho. Hoje, os computadores da IBM podem ajudar a pequena empresa a desenvolver as suas actividades e até mesmo os jovens encontrarão um à medida dos seus desejos. E há ainda um pequeno grande factor nos nossos pequenos computadores — o seu custo. Como vê, valeu a pena ler as letras mais pequenas...



Inforpor 84: apesar de tudo valeu a pena

Integrada nas manifestações paralelas ao terceiro Congresso Português de Informática decorreu no pavilhão Portex, no Porto, entre 2 e 5 do mês passado a primeira exposição portuguesa de Informática — Inforpor 84. Contando com a presença de 24 expositores, entre os quais os mais importantes construtores mundiais instalados em Portugal, conhecidas sociedades de prestação de serviços e de comercialização de equipamentos e produtos informáticos, o certame foi inaugurado pelo secretário de Estado das Comunicações e, posteriormente, visitado por milhares de pessoas.

Apesar das condições pouco satisfatórias porocidas pelo espaço escolhido para a realização da exposição, a experiência parece ter conduzido a um balanço favorável, uma vez que a Associação Portuguesa de Informática, promotora da iniciativa, já anunciou a realização no próximo ano da segunda edição da Inforpor, que incluirá a primeira exposição portuguesa de tecnologias de informação.

A generalidade dos expositores que participaram no certame do Porto reconheceram a sua importância regional e nacional mas não faltaram também aqueles que consideraram terem-se ali deslocado apenas por «uma questão de prestígio». Do ponto de

vista comercial, o interesse da participação em feiras deste tipo não se pode no entanto medir em termos imediatos, tratando-se antes de uma aposta a prazo.

Num momento em que a informática parece finalmente começar a sair da redoma de vidro em que a encerraram e a perder o carácter mítico de que a rodearam, exposições como a Inforpor, onde, para lá dos profissionais, também o público em geral tem a oportunidade de se abeirar das máquinas e fazer perguntas sobre elas, mostram-se de grande importância. De certo modo, podem ser encaradas como parte integrante do esforço de banalização e divulgação em curso a vários níveis e que só poderá ter consequências extremamente positivas.

O essencial está no entanto em otimizar os recursos disponíveis e saber transformar cada realização deste género num passo com vista à satisfação daqueles objectivos. Para isso, decerto que muito haverá a melhorar em relação à Inforpor 84. Este ano, sobretudo, contaram as intenções...

Nesta página apresentamos alguns dos novos produtos que estiveram patentes no pavilhão Portex.

ICL alargou linha de Personal Computers

A ICL alargou a sua linha Personal Computer com a introdução de dois modelos de processadores de 16 bits, um terminal a cores de alta qualidade e o «Multi-User Concurrent CP/M» (MUCCP/M), uma nova versão do Sistema Operativo CP/M. Está também previsto um kit simples de conversão dos atuais processadores de 8 bits para 16 bits.

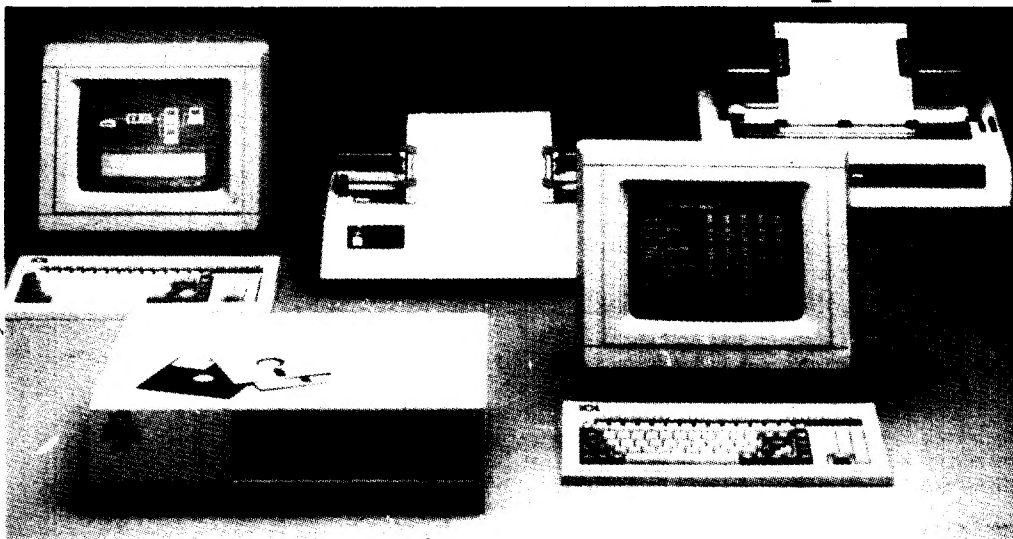
O MUCCP/M — CP/M Multi-Utilizador Concorrente, oferece aos utilizadores do Personal Computer da ICL de 16 bits, acesso a uma vasta biblioteca de aplicações de software actualmente já disponíveis com os Sistemas Operativos CP/M-86 e MP/M-86.

A ICL converteu ainda todo o software já disponível nos modelos de 8 bits para os modelos de 16 bits garantindo a disponibilidade de uma gama representativa de packages de software e de gestão, tais como: contabilidade, salários, facturação, stocks, análises clínicas, gestão de pessoal, controlo de ponto, gestão de escritório de advogado, gestão de hotéis, simulação financeira, bases de dados, tratamento de texto, etc.

Ambos os modelos de 16 bits, designados por 16 e 36, foram baseados na linha existente de Personal Computer da ICL. O modelo 16 possui 256K de memória RAM, duas diskettes de 1Mb cada, enquanto que o modelo 36 possui 256K de memória RAM, uma diskette de 1Mb e 10Mb em disco.

A unidade processadores de ambos os modelos, incorpora seis portas I/O (RS232 C) para ligação a ecrãs e impressoras, e todo o hardware de comunicações síncronas para ligações e outros computadores ou «mainframes».

Em todos os modelos do Personal Computer da ICL, é agora oferecido um novo Terminal a cores que foi desenhado de acordo



com os standards DIN e compatível com o ecrã monocromático. Os utilizadores que necessitem usar uma cor clara como fundo na utilização do processamento de texto, aplicações financeiras ou gestão de gráficos, poderão fazê-lo em opção.

A memória de ambos os modelos de 8 e 16 bits do Personal Computer da ICL pode expandir-se até um máximo de 1Mb, podendo ainda ser conectados 2 discos adicionais externos, o que permite uma capacidade máxima em disco de 30 milhões de caracteres.

O novo processador de 16 bits e o Sistema Operativo CP/M Multi-Utilizador Concorrente permitem assim em conjunto, um significativo melhoramento na velocidade de processamento em relação aos modelos de 8 bits já existentes.

A ICL trabalhou em conjunto com a Digital Research e a Johnson Laird Inc. de Portland-USA, para assegurar a liderança mundial na implementação do siste-

ma operativo CP/M Multi-Utilizador Concorrente na forma multitarefa e multiutilizadora, e acredita que virá a ter uma grande aceitação no mercado como standard. A principal razão traduz-se no benefício de custo que a implementação de um multi-terminal proporciona a uma pequena empresa ou departamento, permitindo que várias aplicações distintas possam correr em simultâneo num terminal ou vários (num máximo de quatro) conectados simultaneamente a um único processador.

Registe-se ainda que o CP/M Multi-Utilizador Concorrente permite a emulação do PC-DOS, garantindo a compatibilidade com os sistemas IBM.

Outras vantagens do CP/M Multi-Utilizador Concorrente em comparação com o CP/M e MP/M, estão nas áreas de facilidade de utilização e configuração automática para várias capacidades e velocidades de acesso a disco.

Steve Black — Director do Centro de Pequenos Sistemas de Gestão da ICL comentou:

«Os computadores pessoais de gestão são usados principalmente por executivos, gestores, financeiros e secretários. Um único Personal Computer da ICL com três terminais e o CP/M Multi-Utilizador Concorrente, podem satisfazer as necessidades destes três utilizadores com um custo inferior em 60% ao de processadores separados equivalentes da IBM.

Com a introdução destes novos produtos, a ICL está bem colocada para prosseguir o seu crescimento no segmento de mercado para PC's Multi-Utilizador a discos fixos onde já representa mais de 10% de mercado na Inglaterra e em outros países onde os mesmos se encontram comercializados».

Para os utilizadores de Personal Computers em grandes empresas, que eventualmente necessitam de comunicações com computadores centrais, a ICL incorporou ainda Hardware de Comunicações capaz de correr os protocolos síncronos standards do novo processador de 16 bits.

Digital lançou micro PDP 11/23

É o mais recente e mais pequeno membro da mundialmente famosa família de computadores PDP-11, da Digital Equipment. O Micro PDP-11/23 foi desenhado e concebido para pequenos multi-utilizadores, onde o binómio preço/performance é o elemento de base fundamental.

Dadas as suas características, que o definem como um sistema

flexível e parametrizável, encontra-se disponível em duas versões — sistema de diskette ou com unidade de disco fixo. O Micro PDP-11/23 poderá, por uma questão de racionalização de espaço, colocar-se sob a secretária ou em cima desta. No que se refere a terminais, o sistema permite uma expansão até 14 terminais. O construtor consi-

dera como as suas principais características, os seguintes itens:

- Memória MOS expandível até 4 M Bytes.
- 800 Kb em dupla unidade de diskette.
- Capacidade de expansão em disco fixo, até 56 M Bytes.
- Conexão de interfaces síncronos e assíncronos.

O sistema operativo, para o

Micro PDP-11/23, é o Micro-RSX, o qual contém toda a potência e flexibilidade dos sistemas utilitários, device drivers, suporte para desenvolvimento de programas, Macro Assembler e Sistemas de bibliotecas.

Trata-se de um sistema modular para aplicações de gestão, acesso a bases de dados e tratamento de texto.

Inteligência artificial na Universidade Nova

Continuação da pág. 8

dência científica, difícil de assegurar numa empresa industrial.

Instituto das Novas Tecnologias

Reconhece o prof. Moniz Pereira que um departamento de investigação de uma universidade não pode ser uma unidade de produção, sob pena de os investigadores mais uma vez dispersarem a sua atenção e o seu tempo de trabalho por mais uma

tarefa: o «marketing».

O problema, neste aspecto, parece estar, no entanto, próximo de uma solução, com a criação do Instituto de Novas Tecnologias, actualmente em fase de constituição legal e que resulta duma conjugação de esforços da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, do LNETI, do IAPMEI e do IPE.

Esse instituto, que constituirá uma espécie de frente de contacto da universidade com o exterior, funcionará em estreita co-

laboração com ela e preferencialmente em proximidade física, utilizando os resultados da investigação no âmbito universitário como parte do seu «know how».

Crê o prof. Moniz Pereira que, com esse instrumento, Portugal poderá aproveitar o exemplo de outros pequenos países no domínio da comercialização do seu «know how» em tecnologias de ponta.

Para isso, é no entanto, necessário que os governantes se

convençam que a situação actual de crise não se resolverá em termos efectivos com a aplicação de apenas 0,32 por cento do Produto Interno Bruto em investigação científica e tecnológica, muito longe dos 0,5-0,8 por cento considerados aceitáveis pela OCDE e ainda mais de 2 por cento que o actual governo francês orçamentou precisamente como medida de combate à crise económica.

(Adaptação de um texto de Rui Camacho, da ANOP)

Datinfor apresentou novo computador para tratamento de imagem da Wang

A DATINFOR representante exclusivo da WANG LABS, INC, apresentou na INFORPOR o sistema PIC da WANG (Wang Professional Image Computer/Computador Profissional para Tratamento de Imagem) o qual adiciona a IMAGEM à linha dos seus Computadores Profissionais (PC). Segundo a Datinfor, com o PIC, o tratamento da imagem passa a fazer parte integral do conjunto de recursos informáticos de uma empresa, oferecendo a solução a problemas administrativos que, até agora, não eram solucionados pelos outros sistemas informáticos.

As funções abaixo descritas generalizam as operações necessárias para o desenvolvimento de uma aplicação no PIC.

Os Utilitários de Base permitem ao utilizador pesquisar e organizar a informação visual em forma de documentos escritos.

Estes documentos podem ser elaborados e apresentados, revisados, impressos, suprimidos, enviados e/ou recebidos.

A imagem pode ser qualquer combinação de texto, notas manuscritas, desenhos, fotografias, etc.

Quando se apresenta uma página de imagem, o seu contraste pode ser modificado, pode ser aumentada ou reduzida, vista em geral ou em pormenor, em positivo ou negativo. Quando chamada, a página é exposta no ecrã da maneira como foi composta anteriormente.

A composição de imagem permite compor informação visual em página tal como nas operações de colagens de papel. Este utilitário tem 5 funções básicas: Selecção de página, página a enviar, objectivo e informação permenorizada da página seleccionada, colocação de informação na página a enviar e alteração da informação colocada na página a enviar.

O Tratamento de texto normal do PC da WANG pode ser utilizado para integração de texto na informação visual.

Este sistema inclui o processamento total do texto, a capacidade de inserir imagens preparadas por composição de imagens nos documentos normais de tratamento de texto, colocação horizontal e vertical das imagens em relação ao texto, colocação do texto em torno da imagem ou directamente sobre a informação visual.

O novo NOTEBOOK integrado permite ao utilizador o armazenamento de descrições de imagens

e sua associação para posterior observação. O sistema efectua directamente a busca da imagem desejada nos seus próprios arquivos. O sistema inclui a capacidade de criar novas categorias de informação visual associada à procura de notas segundo palavras-chave e respectiva informação visual associada.

A Base de Dados do PC da Wang permite a integração da imagem na informação dessa Base. A função principal da Base de Dados integrada é permitir a pesquisa de informação estruturada, ou não estruturada e imagens associadas.

O preenchimento de impressos é também facilitado usando o sistema PIC, que permite a sua elaboração pelo sistema de imagem e a integração de texto, dados e informação contida na base de dados.

Os impressos são seleccionados pelo PIC e apresentados no ecrã como fundo para a introdução de dados.

Este método permite ao utilizador a introdução de dados da forma habitual, permitindo a possibilidade de controlar o tipo de dados a atribuir a cada campo assegurando assim a entrada correcta dos dados no impresso.

Os dados introduzidos nos impressos podem depois ser utilizados pela base de dados integrada.

Os utilitários do PIC permitem ainda a interligação de linguagens de programação (como BASIC e COBOL) com o tratamento da imagem. Estes utilitários incluem rotinas de acesso à imagem para apresentação, armazenamento e conservação; programas para ligar e atender telefonemas utilizando o dispositivo de voz e a base de dados integrada para criação, acesso e supressão.

O Processamento de Voz no PIC foi apresentado este ano numa Conferência de Imprensa, nos estados Unidos, sendo assim reafirmada a integração do processamento de voz como uma das 6 tecnologias da automatização dos escritórios.

As actuais especificações de Hardware do PIC, tornam-no num sistema integrado de todos os outros sistemas WANG (VS, ALLIANCE, OIS, PC) e consigo próprio por intermédio de uma rede local de transferência de imagem.

Como o seu iniciador, WANG PC, é também altamente compatível com outros equipamentos dado a utilização de protocolos de comunicação standard, tais como 2780/3780/SNA/X25 e emulação 3275/3276 BSC e 3276/SNA.

IBM criou «chip» de memória de alta velocidade

Investigadores do Laboratório Thomas Watson da IBM, em Yorktown Heights, New York, desenvolveram um chip experimental de memória de computador com a capacidade de 64 000 bits que opera com uma velocidade sem precedentes — entre 16 e 20 nanossegundos (1 nanossegundo = 1 bilionésimo do segundo).

Segundo informações divulgadas pelo próprio construtor, este chip emprega conceitos inovadores tanto em projecto como em técnica de circuitos.

O novo chip fabricado e testado em Burlington, na General Technology Division da IBM.

A maioria dos chips de 64 000 bits — geralmente designados por chips de 64 k bits — tem uma velocidade de acesso de 70 a 300 nanossegundos (ns). A velocidade de acesso é o tempo que leva a ler um bit de informação de m chip. O novo chip atinge este nível de execução através de novos conceitos de projecto e de inovações em circuitos que incluem:

A) Circuitos autotemporizados com sensor que permitem ao chip

operar com velocidades muito mais elevadas que as obtidas até agora em chips convencionais.

B) Uma memória temporária de endereços (address buffer) melhorada, que permite ler mais rapidamente a informação contida no chip.

Esta memória, de endereços detecta a localização dos dados a serem recuperados do chip.

C) Requer uma temporização mais simples e menos «relógios» para se manter o chip a operar correctamente.

Para além da sua velocidade de acesso mais rápida, o novo chip da IBM pode fornecer informação em blocos relativamente maiores — 16 bits de uma só vez. A maior parte dos chips com esta capacidade emite 8 bits de cada vez.

Dado que muitos computadores utilizam «palavras de 16 ou 32 bits, serão necessários menos destes novos chips IBM para obter a mesma dimensão de «palavras» utilizadas nas memórias

convencionais de computadores.

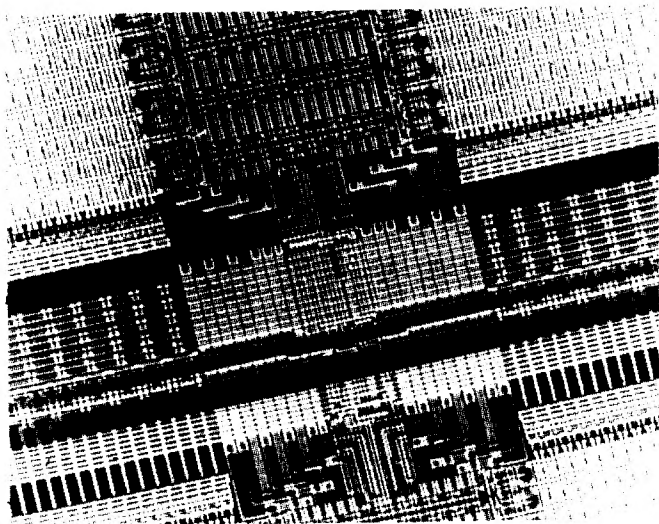
Além disso, o novo chip IBM de 64 k bits emprega uma célula de memória com 4 dispositivos em vez da célula de dispositivo único, utilizada normalmente. Apesar da célula de 4 dispositivos ser maior que a célula convencional, ela é notoriamente mais rápida.

4,5 x 7,2 milímetros

As dimensões do novo chip experimental da IBM são 4,5 x 7,2 milímetros. A dimensão média do menor elemento é de 1,7 microns (1 micron = 1 milésimo do milímetro) e o canal tem o comprimento de 1,2 microns. As células de memória têm uma área de 292 microns quadrados.

A tecnologia usada é N — channel Metal Oxide Semiconductor (NMOS), Field Effect Transistor (FET) single-level metal single-level polycide.

Fisicamente o chip consiste em 4 blocos ou quadrantes de 16 k de células de memória e descodi-



Todo o «tráfego» de endereço de dados que passa através do novo chip IBM de 64 K, atravessa esta intersecção central ampliada aqui cerca de 400 vezes.

ficadores de linha e coluna em blocos adjacentes.

Durante o acesso, cada bloco de 16 k tem um descodificador de linha e quatro descodificadores de coluna activados, fornecendo coordenadores X Y para acesso à localização do bit.

Há 4 amplificadores sensores autotemporizados e memórias de saída de dados por quadrante — 1 para cada par de linhas input output. Localizam-se na periferia

do chip. As linhas de bits estão separadas das linhas linhas de input e dos amplificadores sensores apenas interruptores de linhas de bit.

O amplificador sensor é montado a partir da linha de acesso à «palavra». Este amplificador sensor autotemporizado reduz ao mínimo os desvios temporais que ocorreriam se fosse empregue uma cadeia temporal separada.

BULL: desenvolve gama DPS 7

Com a introdução de 10 novos modelos de computadores DPS 7, a Bull acaba de alargar significativamente a sua gama de médios e grandes sistemas, desenvolvidos em França pela Bull Systems.

A nova extensão da gama, que utiliza o mesmo logicial de exploração GCOS 7, oferece um leque de potência de 1 a 35 (1 a 10 na oferta anterior).

Este alargamento refere-se tanto ao ponto de entrada nesta linha de computadores com o novo modelo Bull DPS7/107S, como na duplicação da potência em alto da gama, com os modelos bi e quadriprocessadores.

O anúncio foi acompanhado de uma nova relação performance/preço e de uma nova apresentação estética compacta.

«Esta nova oferta interessará, não somente à clientela Bull dos sistemas 64, 64 DPS e DPS 7 que utilizam o logicial de exploração GCOS 64, compatível com o novo logicial GCOS 7, mas também aos novos utilizadores, tanto informáticos como não informáticos, que procuram uma gama de sistema homogênea, que permita um grande potencial de evolução em materiais e logiciais», salientou J. Stern, presidente da Bull.

Com o sistema de exploração GCOS 7 e a sua biblioteca de logiciais especializados e de progiciais, os novos modelos DPS 7 proporcionam a todos os níveis de utilizadores produtos adaptados às suas necessidades, isto nos três grandes domínios de actividade de um sistema informático: produção, desenvolvimento e informação («centre server», aplicações burocráticas). O GCOS 7-ES destinado às configurações de entrada inferiores a 128 terminais, completa o anterior anúncio do GCOS 7-MS e do GCOS 7-LS.

Os 10 novos modelos Bull DPS 7 dividem-se em 3 subgrupos principais: os sistemas de entrada, monoprocessadores, R074 (modelos Bull DPS 7/107S, 307, 407 e 507), os médios sistemas de arquitectura multiprocessador R174 (modelos Bull DPS 7/616, 717, 817) e os grandes sistemas R274 com configurações multiprocessadoras inteiramente redundantes com dispositivos de reconfiguração automática (modelo Bull DPS 7/627, 727 e 828). A evolução de um modelo para um outro mais potente, faz-se rapidamente no próprio local.

Olivetti lançou sistema de gestão L1 MOS

A L1 é uma nova linha de sistemas para o tratamento da informação.

A modularidade do Hardware e do Software que caracteriza estes sistemas permite realizar soluções apropriadas a cada tipo de necessidade aplicativa.

Em particular os sistemas L1 adaptam-se às seguintes áreas

de aplicação: gestional; transaccional; recolha de dados (de tipo bancário com utilização de periféricos específicos para a banca); técnico-científica, com gestão plotter, tablet e outros periféricos de tipo gráfico; de Computer Aided Design/Computer Aided Manufacturing; de office automation» integrado

com aplicações gestionais e científica para universidade e pesquisa.

A L1 compreende uma gama de modelos que podem crescer, como número de postos de trabalho, capacidades de arquivo e potência de processamento, de acordo com as exigências.

Cada sistema pode operar

seja em ligação on-line com um Host Computer, para a execução de operações em real-time e batch, seja de modo autónomo. São além disso realizáveis configurações Cluster e soluções distribuídas com arquitectura em rede local.

Todos os modelos L1 estão dotados do sistema operativo MOS (Multifunctional Operating System) que está entre os mais avançados em relação aos que o mercado hoje oferece nesta faixa de produtos. O MOS é constituído por uma série de componentes com a combinação dos quais é possível configurar seja sistemas simples, especializados por áreas aplicativas, seja sistemas multi utilizador multi função, todos compatíveis entre si.

A MULTIFUNCIONALIDADE é a característica principal do MOS que permite realizar em tempo real várias aplicações sobre o mesmo sistema (por ex: office automation e processamento de dados).

Para a programação aplicativa o sistema dispõe de linguagens de alto nível largamente difundi-

dos, como o COBOL, o BASIC e o FORTRAN, enquanto tem disponível para a programação do sistema a linguagem PASCAL +.

São além disso fornecidos instrumentos de programação que permitem simplificar a preparação de programas.

A L1 dispõe de uma série de «ambientes» orientados de acordo com as necessidades aplicativas: ambiente SHELL para comandos generalizados do sistema; Data Management System com a «Query Language» para a criação e gestão de arquivos; COBOL ICE para aplicações gestionais; BASIC MS para aplicações técnico-científicas e de gestão simples, ambiente GTS e DIFAS para implementação de funcionalidades transaccionais; ambiente BOSS para aplicações gestionais complexas; ambiente UNIX para o suporte de aplicativos UNIX, package OWS2 para a gestão e automação do trabalho de escritório.

INFORMAX

INSTITUTO PORTUGUÊS DE INFORMÁTICA, lda

SOFTWARE

POR MEDIDA

ENSINO DE INFORMÁTICA

PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES
OPERAÇÃO DE COMPUTADORES

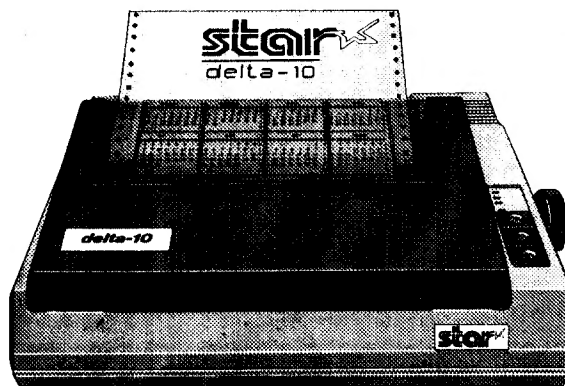
ENSINO DE ELECTRÓNICA

DIGITAL e APLICADA

RECOLHA E PROCESSAMENTO DE DADOS

Ao seu dispor
Equipas de Técnicos
de Informática
e
Electrónica

Sede
Rua Castilho, 61 — 4º Esq. — Telef. 56 10 60
1200 LISBOA
Centro de Informática
Av. de Roma, 49 — 6º Esq. — Telef. 73 25 34
1700 LISBOA



O poder da Star no mundo da impressão.

GRAFSTAR PARALLEL INTF. CARD P/APPLE II/III
CABOS DE CONVERSÃO RS 232C/PARALLEL
SERIAL BOARDS — GEMINI 10/15X

INFORCAMA
Instituto e Comércio de Electrónica Ltd.

GEMINI 10/15X — 120 CPS
DELTA 10/15 — 160 CPS
RADIX 10/15 — 200 CPS
POWERTYPE — 18 CPS

EMPRESAS ■ INICIATIVAS ■ EMPRESAS ■ INICIATIVAS ■ EMPRESAS ■ INICIATIVAS**Robots****na indústria da RDA**

A indústria da RDA tem ao seu serviço 35 mil robots, o que coloca «questões complicadas» à política de pleno emprego na Alemanha Democrática — noticiou a Imprensa da RDA.

A agência noticiosa ADN, em despacho de Berlim, revelou que «os robots são cada vez mais parte integrante das linhas automatizadas de acabamentos».

Entretanto, a revista «Sozialistische Arbeitswissenschaft» admite que as alterações estruturais e a racionalização das estruturas produtivas «colocam problemas complicados e exigências ao planeamento e direcção da economia da RDA».

A revista alemã democrática, reafirma contudo a fidelidade do planeamento económico à política de pleno emprego «um aspecto central da economia socialista».

A «Sozialistische Arbeitswissenschaft» considera que um dos principais problemas colocados pela racionalização do trabalho é o da criação «atempada» de novos campos de actividade que, em sua opinião, não têm mercedo «atenção suficiente» dos responsáveis.

Quatro ENER para a Madeira

No passado dia 20 de Setembro foi assinado no Funchal um Protocolo entre a Sec. Est. das Comunicações, os CTT, a Rádio Marconi e a empresa TELEMÁTICA, que prevê o fornecimento de 4 microcomputadores ENER multiposto com software especializado, para serem instalados nas escolas secundárias da Madeira.

Este protocolo segue-se a um conjunto de acções, também patrocinadas pela SE Comunicações no âmbito do seu programa de promoção e divulgação da informática, e que prevêem a informatização do Centro Nacional de Cultura e do Centro de Formação de Jornalistas através de, respectivamente, 1 e 4 micros ENER multiposto.

Prevê-se para o início de 1985 a assinatura de um protocolo idêntico que irá dotar as escolas secundárias dos Açores de 6 destes micros.

Todos estes equipamentos serão fornecidos pela TELEMÁTICA, a qual se responsabilizará também pelo apoio e formação necessários à correcta implementação de equipamentos e sistemas.

O microcomputador ENER, o «1 computador português», resulta de um projecto desenvolvido na Univ. de Coimbra, sendo construído na Figueira da Foz pela ENERTRONICA e comercializado pela TELEMÁTICA.

Tradução automática desenvolve-se

A procura crescente de material multilíngue começa a dar relevo à necessidade de ajudar os tradutores através da aplicação de computadores.

A CEE está empenhada num projecto que envolve verbas da ordem dos 14 milhões de dólares (cerca de 2,25 milhões de contos) e que irá criar um sistema de tradução simultânea nos sete idiomas oficiais da comunidade.

O sistema, denominado «Eurotra», terá a breve prazo a concorrência de uma firma japonesa, a Fujitsu, que pretende apresentar até ao fim do ano no mercado europeu um aparelho capaz de traduzir 60 mil palavras por hora do japonês para o inglês.

É já possível adquirir sistemas nos mercados internacionais que permitem a tradução de vários milhares de palavras/hora com uma margem de erro de mais ou menos 8 por cento.

Os tradutores profissionais podem, por seu lado, quadruplicar ou, em alguns casos, quintuplicar a sua produção normal através da utilização de sistemas computarizados.

O próprio utilizador vai «aperfeiçoando» sucessivamente o aparelho através da introdução de palavras novas no vocabulário armazenado em memória.

Programa «Esprit» avança

Realizar e incrementar uma total «arquitectura de software» é o objectivo de um contrato estabelecido recentemente pela CEE no âmbito do programa-piloto «Esprit».

Simpósio da Siemens em Lisboa

Cerca de uma centena de técnicos estrangeiros especializados em informática e computadores reuniram-se recentemente em Lisboa por iniciativa da Siemens AG. O tema do debate travado foi a informática e o seu impacto nas telecomunicações.

A cerimónia de abertura do simpósio foi presidida pelo secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro.

Acordo entre a BULL e a NEC

Na sequência do protocolo de princípio assinado no passado mês de Maio, Bull e NEC Corporation acabam de assinar acordos de cooperação comercial e técnica.

Estes acordos dão à Bull direito de fabricar e distribuir processadores de grande capacidade S1000 de NEC, actuais e futuros.

A partir de 1986, o processador S1000 da NEC será integrado nos sistemas Bull e estará disponível em todos os territórios cobertos pela rede de vendas da Bull (Europa, África, América Latina, Médio Oriente e Ásia).

Pretende a Comissão Europeia o desenvolvimento de um «portable Common tool environment» (PCTE) e o contrato foi celebrado com um consórcio li-

derado pela firma francesa Bull e do qual fazem parte as alemãs Nixdorf Computer e Siemens, as inglesas GEC e ICL e a italiana Olivetti.

Acordo da Olivetti na União Soviética

A Olivetti renovou em Setembro passado um importante acordo global de colaboração económica, técnica e científica com a União Soviética — anunciou em Roma aquela empresa italiana de informática.

A renovação do acordo enquadrou-se nos objectivos do novo plano quinquenal soviético e foi assinada em Moscovo pelo presidente do Comité da Ciência e da Técnica e pelo presidente da Olivetti, Carlo de Benedetti.

De Benedetti, chefiando um grupo de dirigentes da empresa italiana, manteve ainda contactos com entidades governamentais soviéticas durante a sua estada em Moscovo.

Utilizadores Burroughs reunidos em Cascais

Pela primeira vez em Portugal realizar-se-á, em Cascais, durante este mês, uma reunião de utilizadores de sistemas Burroughs, que irá contar com a presença de cerca de 500 participantes vindos de todo o mundo.

Promovida pela Association of Burroughs Computers Users (ABCU), organismo independente do construtor, o «meeting» tem por objectivo proporcionar debates, esclarecimentos e conferências que, sobre as experiências tidas quer sobre a evolução dos sistemas Burroughs.

A Burroughs Corp., empresa cujo volume de vendas no ano de 83 se cifrou em 4,4 biliões de dólares, com 248,2 milhões investidos em pesquisa e desenvolvimento, aproveitará para apresentar as suas mais recentes linhas laser printer B25, série XE e série A, respectivamente, sistemas micros, minis e médio/grande porte, anunciadas no presente ano.

Balanço da Comissão Técnica do Terceiro Congresso

Continuação da pág. 4

Sublinhou-se, finalmente, a influência que, ferramentas como os geradores de protótipos e as linguagens de interrogação têm, tanto na rapidez de desenvolvimento como na correcção das soluções produzidas.

Do que se passou na sessão 3 (Novas Tecnologias — a investigação e as experiências de utilização) destacam-se as referências aos sistemas CAD (projecto assistido por computador) e a conceitos de Inteligência Artificial (assunto que mais tarde seria desenvolvido em sessão própria da Área 4). Foi focada a problemática das bases de dados e de bases de conhecimentos bem como a interrogação da informação em linguagem natural (matéria que é objecto de investigação pelo Núcleo de Inteligência Artificial da Universidade Nova de Lisboa).

Propostas sobre formação

Finalmente na sessão 4 (subordinada ao tema Formação) surgiram, nas comunicações, propostas concretas e fundamentadas sobre: Uma política de educação em informática coerente, evolutiva e adequada à sociedade do futuro; Um currículo a nível universitário de Sistemas de Informação; A reciclagem e a formação contínua dos profissionais de Informática. A situação e as perspectivas dos informáticos tradicionais (com as práticas de muitos anos de trabalhos mas sem um grau académico específico) face aos titulares das novas licenciaturas foram também ventiladas.

No debate, aliás perfeitamente enquadrado no temário das três comunicações, manifestaram-se algumas divergências de pormenor, quer quanto ao diagnóstico da situação quer ao nível dos caminhos a seguir. No entanto, sentiu-se uma vontade comum de agir para ultrapassar o actual estado de coisas (ou «estado de sítio») na formação informática em Portugal.

Algumas das propostas feitas apontam para uma intervenção maior da Associação Portuguesa de Informática neste domínio, em que a sua acção não se tem feito sentir com a devida.

Lacunas

Alguns aspectos importantes que apenas se afluíram ou ficaram

mesmo por discutir nesta área. De facto: Passou em claro a problemática da passagem do Plano de Sistemas de Informação ao seu desenvolvimento; Também o problema de gestão de projectos não foi objecto de nenhuma contribuição; A posição mais consistente sobre a selecção de metodologias acabou por surgir na conferência da sessão de abertura; Pouco se disse sobre as vantagens (e desvantagens) da substituição das linguagens de programação tradicionais por novas ferramentas (como geradores de aplicações); Só lateralmente foram referidos os novos papéis/funções de informáticos e utilizadores;

Por outro lado: Ninguém relatou (ou admitiu) experiências fracasadas; e foram praticamente esquecidos os aspectos económicos, sociais, psicológicos e organizacionais.

Constata a Comissão Técnica, ao rever o que se passou nas sessões desta área que aconteceu quase sempre «Informática para Informáticos». As nossas recomendações visam a abertura de novos horizontes e retomam por isso muitas das posições expressas na sessão em que se foi mais longe (ou seja, a respeitante ao tema Formação).

Assim, pensamos que: Deve ser definido e construído um novo aparelho global de formação informática; O problema da reciclagem de grande parte dos actuais profissionais (dos lugares de gestão aos simples operadores) deve ser encarado na perspectiva de que «situações de emergência exigem medidas de emergência». Cabe à Associação Portuguesa de Informática, sem assumir o papel que órgãos governamentais e as outras entidades ligadas à formação informática em Portugal deviam e têm de cumprir a responsabilidade de defender os interesses dos seus associados apontando os caminhos a seguir e lutando pela concretização das soluções.

Por isso recomenda-se a criação urgente no seio da Associação Portuguesa de Informática de um grupo de reflexão sobre o tema formação.

Noutro plano consideramos que: o problema da adopção das metodologias de desenvolvi-

mento de Sistemas de Informação deve ser articulado com a questão de reciclagem e formação contínua de modo a permitir uma aquisição correcta de novas técnicas minimizando-se o risco de traumas e eventuais fracassos. Sem embargo da preferência imediata por soluções estabilizadas, deve ser estimulada a investigação e desenvolvimento em to-

dos os aspectos desta área, rumo a um futuro em que seja possível à Universidade apresentar soluções completas e coerentes, e suportar cabalmente a sua implementação.

(Os relatos sobre as áreas III e IV do Congresso serão referidos no próximo «DL-Informática»)

5.500\$

DE OFERTA NA COMPRA DO
SPECTRUM 48K

ENTREGA IMEDIATA

CASIO
MICROCOMPUTADORES
CÁLCULO

R. LATIM COELHO, 12 A
LISBOA T 54 02 32

CENTRO COMERCIAL IM Loja 22

COMPUTADORES

TIME X

MÁQUINAS **apple computer**

ESCREVER **Data General**

REGISTAR

CÁLCULO

FOTOCÓPIAS, ETC.

CASA VIOLA
DIVISÃO DE INFORMÁTICA

LISBOA — Rua Assunção, 67 Tel.: 32 46 47
BRAGA — Av. Central, 87 Tel.: 7 27 98
S. JOÃO DO ESTORIL Tel.: 267 07 33

AMANHÃ É JÁ HOJE

Um programa desenvolvido em MEM/DOS possui vários anos de avanço sobre os dos americanos. Consagrado como o melhor sistema de programação para o APPLE, MEM/DOS é um instrumento de desenvolvimento poderoso e é o único cuja estrutura interna é capaz de se adaptar à evolução permanente da tecnologia informática.

Os programas criados com apoio nele e à sua imagem oferecem as performances exigidas pelos profissionais mais exigentes.

Amanhã, quanto mais sofisticado for o programa, mais simples ele será Amanhã, para MEMSOFT, é já hoje.

SIMPLES E PROFissionais	SIMPLES E PODEROSOS	SIMPLES E INOVADORES
Os programas	Os instrumentos de desenvolvimento	Os instrumentos de comunicação
200 programas gerais e de aplicação foram desenvolvidos em MEM/DOS. Por exemplo:	A volta do MEM/DOS. MEMSOFT criou vários instrumentos de desenvolvimento para todas as necessidades. Entre eles:	MEMSOFT propõe uma larga gama de novos produtos e especialmente:
MEMOBASE Gestão de ficheiros e de base de dados	MEMTEXT Programa de tratamento de correio	MEMTEL A extensão vídeo texto do vosso sistema de gestão
HISTOPLLOT Gráfico de decisões	MEM/PLOT Linguagem de programação gráfica	MEM 16 O conjunto micro cérebro para multi-posto capaz de gerir de 2 a 16 postos de trabalho
MENSOFT CONTABILIDADE Programa de contabilidade decisão	MEM/COMPILER O compilador MEMSOFT	

MEMSOFT
NICE - LOS ANGELES

A.J. PERES

CENTRO COMERCIAL PALLADIUM
LOJAS 30 e 31
TELEF. 37 28 35/36 67 20
1200 LISBOA

O regresso da grande informática

A explosão microinformática escondeu um fenómeno de fundo: a mutação da grande informática. Esta vai no entanto regressar à boca da cena.

A informática universal continua a ser conduzida pela IBM, apesar de esta sentir dificuldades cada vez maiores para impor a sua estratégia. Os utilizadores amadurecem e consideram mais criticamente as suas instalações. Os concorrentes, por seu lado, ganham maior credibilidade, ainda que alguns deles pareçam continuar a viver no passado.

O avanço dos microcomputadores — mesmo que exagerado pelos meios de comunicação — tem também um impacto sobre a informática que não é de desprezar, quanto mais que não fosse pelas possibilidades de conexão. Enfim, a grande informática continua a portar-se bem. Tal é, hoje em dia, a 'foto' da informática mundial. Mas esta constatação estática esconde o essencial: a dinâmica de uma indústria onde a evolução se acelera.

E isto porque, de facto, a informática universal evolui. Se depois da sua explosão inicial ela foi travada durante um tempo por aquilo a que os especialistas chamam a «inversão da lei de Grosh» (1), agora tudo faz pensar que ela vai voltar para a cabeça do cartaz. Face aos microcomputadores, que não são senão um epifenómeno, a grande informática está em vias de mutação. Ela reencontra o seu dinamismo sob a pressão dos utilizadores, graças à emulação dos supercomputadores, e às pesquisas sobre a «quinta geração».

Para compreender a actual evolução dos sistemas informáticos, é necessário remontar ao ENIAC, o primeiro verdadeiro computador, criado em 1946. É um pólo único, um conjunto reduzido à unidade. Ao longo dos anos, a oferta alargou-se para o baixo e o alto da gama. Regra geral, no baixo da gama, os preços decaíram consideravelmente, para potências de cálculo que não progrediram muito, enquanto que, no topo, as potências ganharam várias ordens de grandeza para preços que subiram bastante pouco.

Analisemos esta evolução, da qual decorre a estratégia de produtos dos construtores. Para isso, imaginemos um diagrama de escalas logarítmicas, cuja ordenada exprime a potência, e a abscissa o preço (ver quadro). A oferta anual, de 1946 a 1984, forma com efeito uma nuvem de pontos que cobre a superfície do diagrama. Mas esta massa não é errática.

Globalmente, os seus limites desenharam um triângulo: em baixo, à direita, o ENIAC (velocidade de 0,03 Mips — milhões de instruções por segundo — e preço

de 3 milhões de dólares correntes); o IBM-PC Júnior constitui o outro vértice em baixo à esquerda (0,1 Mips e 1000 dólares); o último vértice (ao alto à direita) cabe ao IBM 3084 (25 Mips e 10 milhões de dólares). O triângulo cresceu ao longo do tempo; a análise das ofertas anuais situa-as com efeito sobre duas rectas obliquas, que convergem num ponto situado a 1000 Mips e 1000 milhões de dólares.

Desta análise sobressaem diversos elementos:

1) A oferta dos construtores tende a satisfazer uma necessidade cada vez maior de potência de cálculo. É inexorável. As potências aumentam cada vez mais para cima e não para baixo. Assim, todos os computadores actuais, incluindo os microcomputadores, são mais rápidos que o ENIAC.

2) A diversificação dos modelos fez-se progressivamente desde a origem até aos nossos dias. O ENIAC, ao mesmo tempo pequeno e grande sistema, deu origem a várias séries de micro, mini, pequenos, médios, grandes e muito grandes computadores cujas definições são apenas relativas.

3) A estratégia dos construtores, e principalmente da IBM, foi sempre a de estar presente em toda a gama, para evitar ser ultrapassada pelos concorrentes. A evolução natural do sistema é o aumento da potência, mas o alargamento das necessidades forçou uma evolução retrógrada, de cima para baixo. Como não se podem fabricar modelos de computadores cada vez menos rápidos, jogou-se ao contrário na descida dos preços a velocidade constante.

Assim, a IBM, bem implantada no cimo da gama, não cessou de anunciar sistemas situados na zona inferior da gama, considerados como trincheiras de protecção ao seu parque: S/3 e S/3X ontem, PC e PC Júnior hoje, enquanto se espera, um portátil e um 'portativo' aparecerem apenas para salvaguardar o mercado dos grandes sistemas.

4) O preço de um modelo é mais ou menos proporcional à sua potência. Mas, enquanto que no cimo da gama o preço foi até aqui função da tecnologia e da arquitectura material, o baixo da gama reagiu a um factor puramente de marketing. Uma razão maior: o mercado do alto da gama existe verdadeiramente, e permanece estável, enquanto que o do baixo da gama, novo, revela-se aleatório e fugitivo. Os grandes construtores visam portanto, antes de tudo, o mercado dos grandes sis-

temas (onde as margens são além disso mais confortáveis), e só entram no dos pequenos por oportunismo. Uma prova mais: o sucesso da IBM no mercado dos microcomputadores deve-se só a um feliz acaso, e ela é o único grande construtor que teve êxito na microinformática. O que lhe permite acompanhar a «loucura» do mercado e provocar nele sérios rombos com a sua política de baixa dos preços...

5) A lei de Grosh inverteu-se em 1974, e os pequenos computadores tornam-se mais interessantes em termos de relação performance/preço. Foi com os minicomputadores e as suas aplicações reformistas, que o movimento se desencadeou. Mesmo sem ter havido um salto qualitativo, os consultores lançaram-se num marketing agressivo no baixo da gama, que se prolongou e ampliou com os microcomputadores. A dinâmica criada pelos construtores de minicomputadores obrigou os construtores tradicionais a adaptar-se a esta concorrência no baixo da gama, e, com efeito, desde 1974, todos os concorrentes sérios da IBM vieram de baixo e nunca do alto.

6) Esta inversão ilustra-se muito bem pela convergência das rectas representativas das ofertas anuais. Calcula-se assim que a relação performance/preço dos modelos do baixo da gama era de 0,0175 Mips por milhão de dólares em 1950; 0,05 em 1960; 0,5 em 1970; 14 em 1980; e 100 actualmente (para o IBM-PC). Ao contrário, no alto da gama, os números são respectivamente de 0,035 Mips por milhão de dólares em 1950; 0,11 em 1960; 0,62 em 1970; 1,2 em 1980, e apenas 2,1 hoje em dia (IBM-3084).

Mas esta evolução a favor dos pequenos sistemas não pode prolongar-se muito tempo. Eles beneficiam ainda de um mercado pouco estruturado, e a microinformática, em particular, procura a sua via. Com efeito, ela começa mesmo a sentir-lhe os limites: ela normaliza-se, a grande informática «recupera-a» utilizando-a como periférico, ela integra-se na informática universal. A próxima evolução (ou revolução?) não virá do baixo mas do cimo da gama!

Regressemos ao diagrama. Se a tendência constatada desde 1974 se confirmasse, a recta representativa da oferta seria praticamente horizontal à volta do ano 2000. Impossível, evidentemente: isso significaria que, qualquer que fosse o preço, não se disporia senão de sistemas de 1000 Mips. A tendência deveria com efeito inverter-se, o

feixe das rectas divergir e a lei de Grosh reencontrar a sua validade.

Os indícios das próximas mudanças já são visíveis: se se colocarem os supercomputadores no diagrama, constata-se que eles ultrapassam os limites dos computadores universais, sem respeitar as suas regras. Ainda não são os computadores universais, mas isso mostra o seu futuro possível. A sua relação performance/preço é bem melhor que a dos computadores clássicos, e reconstitui a curva.

Os construtores não se enganam nesse aspecto: inclinam-se todos para os supercomputadores e aguarda-se esta nova geração. Será a «quinta geração», cara aos japoneses, ou, mais simplesmente, uma «quarta geração e meia», segundo a fórmula escolhida pela IBM (a série Sierra é esperada com circunspeção).

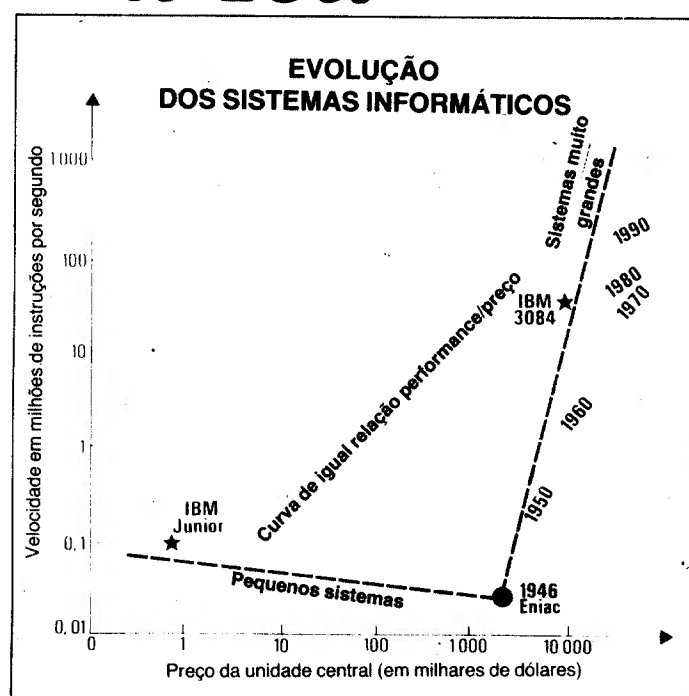
Qualquer que ela seja, ela será mais rápida, mais fácil a utilizar, sem dúvida também mais «perita», para não dizer mais inteligente...

Esta nova filha da informática responderá certamente a vários critérios. Em primeiro lugar, o crescimento da velocidade das unidades centrais é indispensável para permitir o alargamento do campo das aplicações. Frequentemente basta uma redução dos tempos de tratamento... Diversas vias são exploradas pelos construtores, ao nível das capacidades de memórias, da tecnologia dos circuitos, da arquitectura microscópica e macroscópica das máquinas.

Deixemos de lado as vias directas, as da melhoria dos circuitos, nas quais toda a gente trabalha.

Mais férteis parecem ser os ensaios de arquitectura feitos aqui e ali. Se as técnicas do «pipeline», do paralelismo, do fluxo múltiplo de dados (em oposição ao fluxo único de instruções) são conhecidas — elas são já desenvolvidas em computadores do tipo Cray, CDC-Cyber-205, Denelcor, Fujitsu, etc., — falta adaptá-las e aplicá-las aos computadores universais.

O casamento dos processadores especializados e dos processadores gerais parece também muito realista. A adição de processadores vectoriais nos grandes 1100 da Sperry permite-lhes igualar os supercomputadores; os processadores de gestão de ficheiros na moda, Cafs da ICL ou do tipo Copernico (um francês!), são prometedores; os processadores de base de dados como os de Britton-Lee vão ainda mais longe, na supressão dos estran-



gulamentos provocados pelas grandes bases; os processadores «off-load» que a IBM vai introduzir no Sierra vão descarregar a unidade central de certas tarefas de rotina e aumentar na mesma medida a velocidade final...

As pesquisas sobre este material, ontem e hoje, vão portanto bem lançadas.

O «software», esse, ficou-se quase pela pré-história.

Os construtores desprezaram durante bastante tempo esta faceta da informática, fonte de escassos rendimentos e causa de demasiados grandes investimentos. A contradição actual está em que se sabem fabricar computadores, mas que é impossível utilizá-los à sua velocidade nominal. Os sistemas de exploração actual — principalmente os da IBM — são devoradores de Mips; as linguagens clássicas datam de há vinte anos; as bases de dados correntes têm uma estrutura arcaica...

Mas também nesse aspecto, aí sobretudo, as coisas evoluem. Os microcomputadores revelaram uma necessidade latente da informatização dos não informáticos, portanto de sistemas mais próximos dos utilizadores. As sociedades de «software» independentes têm procurado produzir «software» mais eficaz. As universidades lançaram novas ideias. Sob a pressão de utilizadores frustrados, os próprios construtores puseram-se finalmente a considerar o «software» de uma maneira séria.

Os esforços neste domínio darão os seus frutos para a próxima geração. Assim, o sistema de exploração Aspen que está a ser estudado por Amdahl, prefigura o sistema operativo (conjunto de programas necessários ao funcionamento do computador) do futuro próximo; a linguagem Ada, de origem francesa, é

um dos melhores instrumentos de programação de massa actuais; as linguagens especializadas em robótica, inteligência artificial, concepção assistida, ensino, multiplicam as nossas capacidades de desenvolvimento; as linguagens de «quarta geração» — SQL da IBM, Mapper da Sperry, e existe mais uma dezena de outras — são exemplos que melhoram o diálogo homem-máquina; as bases de dados relacionais que florescem actualmente renovam de uma forma particularmente feliz a organização tradicional dos dados.

A sobreposição deste novo tecido de «software» aos futuros grandes computadores vai fazer progredir a informática muito mais que os melhoramentos tecnológicos. A potência pura vai-se substituir finalmente uma potência eficaz, com vezes mais útil.

Uma terceira evolução em curso, cujo termo está no entanto muito mais longínquo, é a da inteligência artificial. Os seus mecanismos ainda são mal dominados, adivinham-se mal as possibilidades de raciocínio lógico de um sistema dotado de uma massa importante de conhecimentos. Mas os progressos são reais. Japoneses, americanos, europeus, vão todos no mesmo sentido. E se o «cérebro artificial» não é provavelmente senão um sonho, as consequências destas pesquisas serão capitais para o prosaico grande informática universal dos utilizadores. Amanhã, os grades computadores.

GUY VEZIAN
«Le Monde»/«DL»

(1) A lei de Grosh postula que um grande sistema, para um dado preço, fornece mais potência que vários pequenos sistemas com o mesmo custo total. Desde 1974, que isso deixou de ser verdade.

O «DL—Informática» vai ter um espaço para os mais novos

A partir do próximo número esta será a página dos micros

A explosão da microinformática é uma realidade que dispensa o recurso a métodos científicos para a sua verificação. Basta olhá-los à nossa volta, aos nossos filhos, aos filhos dos nossos amigos, a grande parte de nós próprios. Os «micros» estão aí e entraram definitivamente no universo dos objectos que nos são familiares. E ainda bem que assim é. «A mutação social causada pela microinformática entra felizmente em nossas casas pela mão dos nossos filhos. Assim não lhe podemos com certeza fechar a porta!» Esta constatação autorizada do eng. Luís Penedo, presidente da Associação Portuguesa de Informática, na sua interven-

ção na sessão de abertura do Congresso Português de Informática, que na semana passada decorreu em Lisboa.

Consciente desta realidade e respondendo às muitas solicitações que nos últimos meses lhe têm sido dirigidas pelos seus leitores, o «DL—Informática» vai começar a incluir em todos os seus números uma página especialmente dedicada a microinformática caseira. Para os mais jovens, mas não só, teremos respostas a todas as dúvidas que tenham sobre a utilização dos micros — sobretudo do mais conhecido que é obviamente o Spectrum —, ideias novas, programas, concursos, passatempos e tudo o mais que

progressivamente se for revelando útil e possível. Para esta nossa iniciativa contamos com a colaboração especializada da SOPSI, Sociedade de Prestações de Serviços de Informática, SARL e do seu director eng. José Manuel Sequeira.

A página dos «micros» será sempre a última deste nosso suplemento e a primeira delas será publicada já no nosso próximo número. Portanto mãos à obra: **PERGUNTE TUDO O QUE QUISER SOBRE O SPECTRUM**, as respostas tê-las-á no próximo «DL—Informática». A correspondência deve ser dirigida a: «DL—Informática», José António Cerejo, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa.